



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

**BRUNO DE BRITO DAMASCENO**

**RODOLFO TEÓFILO E A MIGRAÇÃO CEARENSE PARA A AMAZÔNIA NA  
PASSAGEM DOS SÉCULOS XIX E XX**

**FORTALEZA – CE**

**2018**

BRUNO DE BRITO DAMASCENO

RODOLFO TEÓFILO E A MIGRAÇÃO CEARENSE PARA A AMAZÔNIA NA  
PASSAGEM DOS SÉCULOS XIX E XX

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em História Social do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História Social.

Área de concentração: Cultura e Poder.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Irenísia Torres de Oliveira.

FORTALEZA – CE

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

D162r Damasceno, Bruno de Brito.  
Rodolfo Teófilo e a migração cearense para a Amazônia na passagem dos séculos XIX e XX / Bruno de Brito Damasceno. – 2018.  
106 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza, 2018.  
Orientação: Profa. Dra. Irenisia Torres de Oliveira.

1. Migração. 2. Amazônia. 3. Rodolfo Teófilo. 4. Literatura. I. Título.

CDD 900

---

BRUNO DE BRITO DAMASCENO

RODOLFO TEÓFILO E A MIGRAÇÃO CEARENSE PARA A AMAZÔNIA NA  
PASSAGEM DOS SÉCULOS XIX E XX

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História Social. Área de concentração: Cultura e Poder.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Irenísia Torres de Oliveira (orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Adelaide Maria Gonçalves Pereira (membro)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Samuel Carvalheira de Maupeau (membro)  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Amélia de Melo (suplente)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Aos migrantes de ontem e hoje.

## AGRADECIMENTOS

Cada uma das palavras, termos e frases apresentadas neste trabalho representa as contribuições acadêmicas e afetivas das pessoas que tornaram esta travessia mais quente e humana. A todos vocês meus iniciais e mais sinceros agradecimentos.

À professora Irenísia Torres de Oliveira, orientadora deste trabalho. A generosidade intelectual e a sensibilidade humana permitiram que a caminhada fosse menos tortuosa e o fardo um pouco menos pesado. Obrigado pela confiança de que este trabalho seria possível nos momentos em que nem mesmo eu acreditei.

Aos professores Almir Leal de Oliveira e Ivone Cordeiro Barbosa, que acompanharam os primeiros passos deste trabalho, ainda durante a Graduação. A perspicácia na investigação científica e o amor no trato da produção literária levaram-me a seguir esta linha de investigação historiográfica.

Aos amigos de longa data, incentivadores contumazes, que não permitiram que me afogasse na solidão. A frase emitida por um de vós parece-me a síntese deste nosso encontro: “pessoas como nós devemos cuidar uns dos outros”. Este trabalho aconteceu também por causa de vocês: Plauto, seu trabalho intelectual comprometido e sua argúcia no trato com a literatura são minha fonte de inspiração. Obrigado por tomar a difícil tarefa de revisar meus confusos escritos; Airton, suas conversas descompromissadas me levam ao exercício cotidiano de “não me levar tão a sério”; Antonio José, seu amor pelo mar e sua sensibilidade pela literatura me cativam a cada encontro. Agradeço a você também por ter me apresentado ao inspirador *Grande Sertão*, gravado em minha mente e corpo.

Às pessoas especiais conhecidas durante o período da pós, que possuem um lugar especial em meu coração e pensamentos: Diego Estevam, grande camarada, brindarei sempre as belíssimas tardes partilhadas entre discussões acadêmicas e reflexões sobre a vida (ou nem tanto assim). Lia Monielli, a partilha da sensação de não estar de todo em terras fortalezenses e o interesse comum pela experiência migrante nos aproximou. Pesquisadora atenta e pessoa generosíssima, você tem um pouso certo neste quente e acolhedor Ceará. Diego Belfante, das discussões sobre aspectos variados da cultura popular aos sofisticados debates teóricos, mostrou-se ser uma pessoa de conhecimentos amplos e variados, a quem tive o prazer em conhecer. Jonas, pessoa de grande potencial intelectual e enorme simplicidade no trato, com quem aprendi bastante sobre homens e letras.

À família Soares, que me acolheu com extremo carinho e atenção durante minhas perambulações pelo Planalto Central. Muita saúde para todos vocês.

Às miúdas, Nahime e Ayla, que me mostraram que este coração casmurro também possui seu lado telúrico e fantasiador. Votos de que se tornem mulheres fortes, decididas e transformadoras desta realidade opressora.

À Naygara Suemer, que esteve comigo em parte desta travessia, que partilhou comigo o melhor e o pior que oferece esta vida Severina. Agradecimentos eternos pelo incentivo nos momentos de angústia e pela briga constante para me fazer perceber “aquilo que há de bom em mim”. Seja sempre esta mulher fantástica e especial.

Aos vizinhos e amigos da pequena localidade de Estrela, meu eterno porto seguro, que me vêm ensinando nestes últimos anos o verdadeiro sentido da palavra comunidade.

Aos meus familiares, que contribuíram de muitas maneiras com minha rotina de pesquisador e escritor. Do mais simples silêncio ao apoio material, da palavra de apoio à sugestão de escrita, todos participaram da construção deste trabalho. Faço uma menção especial a Marina Santos, minha prima, também historiadora, que com sua história de vida representa a capacidade transformadora que a educação pode trazer a nossa sociedade.

Aos meus pais, Diocélio e Cátia, que são meu sustentáculo moral e afetivo. Se estas palavras ocupam o espaço branco do papel é porque estes dois empenharam-se ao máximo para realizar a hercúlea tarefa de educar alguém numa realidade social e financeira difícil. Acreditaram na possibilidade de transformação pela palavra e disponibilizaram as condições para que pudesse me dedicar às leituras e aos livros. Mesmo desconhecendo as demandas e rituais da vida acadêmica, foram meus melhores orientadores. Este trabalho também fala sobre nós.

Aos meus eternos miúdos, Breno e Cíntia, meu ponto de equilíbrio. Ao longo dos anos venho me sentindo um pouco Benjamin Button: pela diferença de idade (12 e 14 anos, respectivamente), já senti a responsabilidade de ser um exemplo, assumindo, em alguma medida, um papel paterno; hoje, vivo a camaradagem e companheirismo das boas amizades. Por vocês toda esta labuta. Sejam pessoas melhores do que eu sou.

Aos professores Adelaide Gonçalves e Samuel Carvalheira, membros da banca de qualificação, que trouxeram contribuições valiosas ao desenvolvimento do trabalho.

À CAPES, pelo financiamento desta pesquisa.

“Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na ideia dos lugares de saída e de chegada. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo, bem diverso do em que primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso?”

(Grande Sertão: Veredas, Guimarães Rosa)

## RESUMO

O presente trabalho procura analisar a migração cearense para a Amazônia, na transição dos séculos XIX e XX, através da construção literária realizada por Rodolfo Teófilo (1853-1932). Para Teófilo, a literatura servia como espaço para questionar o vivido, onde o trabalho estético realizado pelo escritor geraria um produto capaz de educar os leitores e transformar a sociedade. A produção deste escritor permite refletir como os grupos letrados entendiam as demandas, por um lado, de uma “fundação artística da nacionalidade” que precisava contemplar experiências culturais díspares (a trazida pelo migrante em relação à existente no espaço amazônico) e, por outro, da construção de uma imagem civilizada do país aos moldes europeus, que entravam em choque com a realidade mestiça da população, constituindo um dilema para os homens de letras do período. A construção da experiência da migração pelos círculos letrados cearenses era marcada por visões em disputa, pautadas numa dicotomia de prisão/liberdade, uma vez que as representações sobre o espaço cearense vinham, por um lado, marcadas pelo caráter de pobreza e carência de recursos para sobrevivência cotidiana, tendo como única solução a migração, e por outro lado, a partida do torrão natal significando uma expatriação desnecessária, posto que o local de destino, a Amazônia, seria pior em termos de solidão e desestruturação identitária. O trabalho metodológico com a literatura, de acordo com o crítico literário Antonio Cândido, deve levar em consideração que a obra literária é um modelo de coerência proposto pelo autor, que dispõe as palavras de modo a transformar a matéria de inspiração em um todo organizado. Cabe, portanto, ao historiador reordenar a leitura de mundo feita pelo escritor no momento da escrita, observar a mensagem que pretendia compartilhar com os leitores e os objetivos que procurava atingir, levando em consideração as perspectivas abertas na própria forma literária.

**Palavras-chave:** Migração. Amazônia. Rodolfo Teófilo. Literatura.

## ABSTRACT

The present work tries to analyze the migration from Ceará to the Amazon, in the transition of centuries XIX and XX, through the literary construction realized by Rodolfo Teófilo (1853-1932). For Teófilo, literature served as a space to question the lived, where the esthetic work carried out by the whiter would generate a product capable of educating readers and transforming society. The production of this whiter allows us to reflect how literate groups understood the demands, on the one hand, of an “artistic foundation of nationality” that needed to contemplate disparate cultural experiences (the one brought by the migrant in relation to the one existing in the Amazonian space) of the construction of a civilized image of the European molds, which clashed with the mestizo reality of the population, constituting a dilemma for the men of letters of the period. The construction of the experience of migration in the literary circles of Ceará was marked by conflicting visions, based on a dichotomy of prison/ freedom, since the representations of Ceará’s space were marked by the character of poverty and lack of resources for daily survival, with the only solution being migration, and, on the other hand, the departure of the native tree, meaning an unnecessary expatriation, since the place of destination, the Amazon, would be worse in terms of solitude and identity disintegration. The methodological work with literature, according to the literary critic Antonio Cândido, must take into account that the literary work is a model of coherence proposed by the author, who arranges the words in order to transform the matter of inspiration into an organized whole. It is, therefore, for the historian to reorder the writer’s would-readings at the time of writing, to observe the message he intended to share with the readers and the goals he sought to achieve, taking into account the perspectives opened up in his own literary form.

**Keywords:** Migration. Amazon. Rodolfo Teófilo. Literature.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	RODOLFO TEÓFILO E O PODER DA PALAVRA.....	22
2.1	Formação Inicial.....	22
2.2	Inserção Intelectual.....	28
2.3	A migração na prosa de Teófilo.....	34
2.3.1	<i>A Fome</i> .....	34
2.3.2	<i>O Paroara</i> .....	44
3	A MIGRAÇÃO CEARENSE NO DEBATE SOCIAL.....	48
3.1	A migração cearense como um problema cearense.....	48
3.2	A migração cearense como debate nacional?.....	57
3.3	Euclides da Cunha e a Amazônia.....	65
4	A MIGRAÇÃO CEARENSE E A AMAZÔNIA EM <i>O PAROARA</i> .....	74
4.1	O homem e a vida no Ceará.....	74
4.2	Cenas de uma vida amazônica.....	82
4.3	Depois de <i>O Paroara</i> e adiante: a manutenção da migração para a Amazônia como tema nas obras de Teófilo.....	92
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	98
	REFERÊNCIAS.....	100

## 1 INTRODUÇÃO

Nos relatos humanos, os deslocamentos empreendidos de uma região para outra por homens, mulheres e crianças representaram sempre um fascinante e surpreendente momento, considerado com um misto de admiração e pavor e constituindo-se como um dos elementos fundantes da construção do pertencimento social. Desde a narrativa dos quarenta anos de peregrinação do povo judeu em busca da terra prometida, na Bíblia, à entrada ilegal de brasileiros em solo norte-americano, veiculado pelas mídias de massa, a migração sempre se apresentou como uma atitude ativa de busca por melhores condições de existência. Fugir de um governo opressor ou procurar oportunidades de emprego representa quebrar ligações com uma lógica que já não faz sentido ao indivíduo, que procura em outro lugar a possibilidade de atendimento de suas expectativas.

Mas a quebra não se faz de modo passivo. A viagem inscreve-se na experiência do migrante como um ponto de inflexão. Numa condição básica é possível dizer que “não se pode voltar ao lugar de partida”. Nesse sentido, podemos pensar em toda a carga simbólica que reveste este ato de migrar. Não compreende apenas deslocamento físico, refere-se, sobretudo, à tensão existente entre a cultura trazida pelo migrante e os caracteres fundantes do local de chegada<sup>1</sup>. Os esforços de adaptação e ressignificação empreendidos pelos indivíduos, impossíveis de receber um tratamento estatístico, inserem-se no campo das sensibilidades que o analista social deve perceber.

No caso do migrante cearense, a produção intelectual de fins do século XIX e inícios do século XX<sup>2</sup>, na organização dos registros das experiências sociais, construiu uma visão heroica, de um indivíduo capaz de “façanhas” para fugir das intempéries naturais. Procurando definir os espaços disponíveis para essa população, identificou que poucas eram as possibilidades apresentadas: permanecer em seus locais de origem arriscando-se a morrer pela inanição; estabelecer-se na cidade (enquanto espaço centralizador dos aparelhos públicos) constituindo um contingente de pedintes em torno da ação tutelar das elites, ou ainda partir em busca de outros espaços, aventurando-se em terras estranhas ao Norte ou ao Sul do país.

---

<sup>1</sup> SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. Prefácio de Pierre Bourdieu; Tradução de Cristina Murachco. São Paulo: EDUSP, 1991.

<sup>2</sup> Esta produção pode ser caracterizada por uma valorização do discurso científico enquanto legitimador de saber e da ciência como instrumento para melhorar as condições dos homens. Lilian Schwarcz, refletindo sobre as características de fins do século XIX, expressou que “(...) uma tendência da época que via na ciência não apenas uma profissão, mas uma espécie de sacerdócio; que valorizou a moda intelectual em detrimento da produção.” SCHWARZ, Lilia. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racional no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: companhia das Letras, 1993, p. 28.

O deslocamento de cearenses que partiram em busca destas melhores condições de vida e vislumbraram na Amazônia o pomposo e redentor “*Eldorado*”, a benfazeja solução de todos os problemas, faria emergir inúmeras discussões nos âmbito político-ideológico e traria à ordem do dia a identificação dos laços de pertencimento cearense.

A migração cearense para a Amazônia, como tema de estudo acadêmico, durante muito tempo ficou relegada a um papel secundário, vista como uma questão que estava unicamente ligada ao ciclo econômico da borracha, como fator de atração, e a ocorrência das secas, como fator de expulsão. Assim sendo, a ação dos sujeitos era desconsiderada em comparação à pressão exercida pelo campo econômico. Trabalhos como o de Celso Furtado, *Formação Econômica do Brasil* de 1959<sup>3</sup>, de Caio Prado, *História Econômica do Brasil* de 1945<sup>4</sup>, Roberto Santos, *História Econômica da Amazônia* de 1980<sup>5</sup>, de contribuições fundamentais para a reflexão sobre as dinâmicas econômicas do Brasil, enfatizaram e consolidaram a visão de que o migrante era apenas o indivíduo tornado seringueiro preso às imposições da floresta, massacrados pela exploração dos patrões, mão-de-obra reservada aos interesses da economia internacional.

Discutindo ainda a Amazônia sob uma perspectiva econômica, mas numa linha diversa das anteriores, há o trabalho *A borracha na Amazônia: expansão e decadência*, da brasilianista Bárbara Weinstein, publicado originalmente em 1983<sup>6</sup>. Como o próprio nome demonstra, a preocupação primordial de Weinstein é analisar a expansão, o apogeu e a decadência da economia da borracha na Amazônia brasileira. O diferencial de seu trabalho está em trazer para o corpo da discussão a importância do papel desempenhado pelos sujeitos históricos, como a elite local, que constantemente brigava com as lideranças do Governo Central da República para ter maior decisão nas políticas econômicas nacionais, e dos migrantes/ seringueiros, que para ela utilizavam-se da economia da borracha para conseguir alguma autonomia, despossuída no seu local de origem. Essa relativa autonomia, inclusive, explicaria o problema do endividamento dos seringueiros, que não representando apenas meio de coerção, podia indicar a instituição de um sistema econômico baseado na troca, e que sobreviveu até a derrocada da economia da borracha.

---

<sup>3</sup> FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. 22ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.

<sup>4</sup> PRADO JÚNIOR, Caio. *História Econômica do Brasil*. 35ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

<sup>5</sup> SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. *História Econômica da Amazônia* (1800-1920). São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.

<sup>6</sup> WEINSTEIN, Bárbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920*. São Paulo: HUCITEC, 1993.

Nessa perspectiva de pensar o migrante como sujeito de sua história, tem-se o trabalho de Isabel Guillen, defendido na Universidade de Campinas (UNICAMP) em 1999<sup>7</sup>. A historiadora tem como foco principal de trabalho analisar como o governo Vargas, durante o início dos anos 40, promoveu o recrutamento de trabalhadores para os trabalhos nos seringais durante os esforços de guerra, denominado como “Batalha da Borracha”. Todavia, na primeira parte do trabalho, analisa como a Amazônia ao longo dos séculos XIX e XX foi representada por viajantes e escritores a partir de chaves utópica e metafórica, que objetificando a natureza e seus habitantes, acabaram forjando a imagem infernal, impeditiva da presença humana efetiva na região. Tal imagem acabava por esconder o quanto a presença nordestina na região relacionava-se às lutas sociais e políticas e ao genocídio dos povos indígenas.

No trabalho *A Multidão e a História: saques e outras ações de massa no Ceará*, publicado em 2000<sup>8</sup>, Frederico Neves reflete sobre a ação dos retirantes durante as secas de 1877 a 1932, destacando sua capacidade de interferir no jogo assistencialista levado a cabo pelo governo, fazendo valer sua vontade por meio da pressão e do terror sobre essas autoridades. Ao perscrutar as iniciativas do governo em relação à saída de cearenses para a Amazônia, Frederico Neves observa que ao facilitar, e muitas vezes, custear a saída destes migrantes, o Estado pretendia desfazer-se de um problema que parecia não ter solução em curto prazo, tratando-se de “uma estratégia governamental para desafogar os equipamentos urbanos da enorme pressão exercida pelos milhares de retirantes sem tetos, sem alimento, sem saúde”<sup>9</sup>. Se levarmos em consideração que as décadas finais do século XIX representaram aos moradores de Fortaleza a transformação do perfil urbano da cidade e dos comportamentos, com incorporação de inúmeros serviços e equipamentos (ferrovia, iluminação, calçamento), que lhes davam a impressão de viverem em um centro próspero e civilizado, a presença de figuras esqueléticas e andrajosas, que repugnavam ao olhar refinado, não mereciam compartilhar o espaço junto aos melhores da terra. Estes homens, mulheres e crianças não eram considerados como conterrâneos ou próximos, no máximo seriam tidos como o jovem Samsa<sup>10</sup>, devendo ser pisoteados, ou pelo menos, escondidos, sejam nos abarracamentos,

---

<sup>7</sup> GUILLEN, Isabel C. M. *Errantes da selva: histórias da migração nordestina para a Amazônia*. 1999. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós Graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

<sup>8</sup> NEVES, Frederico de Castro. *A Multidão e a História: saques e outras ações de massa no Ceará*. Relume Dumará, Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.

<sup>9</sup> *Ibid.*, p. 33.

<sup>10</sup> Personagem apresentada por Franz Kafka na obra *A Metamorfose*, de 1912, para representar a tendência humana de menosprezo ao diferente, que leva a um processo de desumanização e invisibilidade.

sejam em outras terras.

Na esteira da revisão do que significava ser migrante na Amazônia, temos o trabalho de doutorado de Franciane Lacerda, *Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência*, defendido na USP em 2006<sup>11</sup>. Seu estudo, preocupado com o cotidiano dos migrantes cearenses no Pará, destaca-se pelo grande esforço realizado pela historiadora em perceber a experiência migrante fora do círculo vicioso da economia da borracha/ seringal. Para tanto, procura reconstruir as vivências desses indivíduos no cotidiano da cidade de Belém e nas colônias agrícolas, percebendo que a relação dos migrantes com os poderes públicos foi extremamente problemática e conflitiva. No campo das políticas de estado, analisa as relações institucionais estabelecidas entre os governos do Pará e do Ceará. Conforme reflete, a partir dos discursos dos jornais e dos Relatórios dos Presidentes de Província, houve a gestação da visão no seio das lideranças locais paraenses de que a região era responsável pela melhoria das condições sociais no Ceará, que se encontrava fragilizado por mazelas. Dessa forma, o governo paraense se afirmaria como estável e benevolente ao explicitar o “apequenamento” das capacidades do governo do Ceará em lidar convenientemente com contingente populacional de carentes e famintos.

O historiador Davi Avelino Leal em sua Dissertação de Mestrado intitulada *Entre Barracões, Varadouros e Tapiris* defendida na Universidade Federal do Amazonas em 2007<sup>12</sup>, concentra seus esforços em quebrar os estereótipos das análises locais realizadas até os anos 1980, que pensavam os migrantes, quando assumiam a função de seringueiros, como elementos totalmente reduzidos à natureza, biologia e geografia da região, tendo, portanto, negada sua condição de sujeito. Por meio das reflexões de Foucault e Thompson, buscou perceber a luta dos seringueiros por melhores condições de vida, que os levavam, inclusive, a assumir aparentemente a legitimidade dos discursos dos patrões como maneira de diminuir a vigilância sobre seu trabalho cotidiano. Essa atitude lhes possibilitava realizar atividades que lhes permitissem uma renda complementar, tais como a agricultura ao redor da habitação ou a venda contrabandeada de borracha aos donos de embarcação que circulavam pela região. Ao trabalhar com os Livros de Decisões e Julgados do Tribunal de Justiça do Amazonas,

---

<sup>11</sup> LACERDA, Franciane Gama. *Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889-1916)*. 2006. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, 2006.

<sup>12</sup> LEAL, Davi Avelino. *Entre barracões, varadouros e tapiris: os seringueiros e as relações de poder nos seringais do Rio Madeira (1880-1930)*. 2007. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2007.

observou que os discursos oficiais presentes foram construindo a ideia de criminalidade dos migrantes, que seriam gananciosos, indolentes e avessos às leis.

Essa criminalização dos migrantes também foi percebida por Erivonaldo de Oliveira em *A Imigração Nordestina na Imprensa Manauara*, também da UFAM, defendida em 2010<sup>13</sup>. Segundo o historiador, é possível perceber no discurso dos periódicos amazonenses uma preferência dada à imigração europeia, sobretudo portuguesa, como o tipo ideal para tornar-se a mão-de-obra a ser empregada na cidade de Manaus, uma vez que atenderia aos interesses civilizatórios da elite local. Assim, os migrantes nordestinos eram representados como preguiçosos, vagabundos, viciosos, corruptores da moralidade pública. Ainda sobre essa imprensa, o autor observa que havia uma indiferenciação sobre os locais de origem dos migrantes, sendo todos denominados como “cearenses”, o que no cotidiano de Manaus também servia como qualificativo depreciativo, usado fartamente em círculos tanto informais quanto nos discursos políticos.

Oliveira chama atenção para o fato de que a migração precisa ser pensada, metodologicamente, como um processo social, que marca os que partem e os que permanecem, respondendo tanto às necessidades materiais quanto às ilusões e expectativas criadas. Logo, refletir sobre migração não exime o pesquisador da necessidade de pensar sobre os “sentimentos íntimos” que levaram determinado indivíduo a colocar-se na situação de migração.

É procurando seguir esta linha, que segue pelos caminhos indiciários da Micro-História, que Alexandre Isídio Cardoso pensa a migração cearense para a Amazônia durante os anos 1845-1877, em sua dissertação *Nem Sina, Nem Acaso*, defendida na Universidade Federal do Ceará, em 2011<sup>14</sup>. A partir da trajetória do migrante João Gabriel, Alexandre Isídio visualiza a existência de uma rede de migração montada anteriormente ao que a historiografia havia convencionado. Enquanto os intelectuais contemporâneos ao fenômeno migratório de fins do século XIX e mesmo inúmeros do século XX perceberam a presença de cearenses em solo amazônico posterior à seca 1877-1880, como se este fenômeno tivesse levado diretamente àquele, o historiador destaca que incursões cearenses eram anteriores e vinham paulatinamente contribuindo para elaborar as visões sobre a realidade da floresta em solo

---

<sup>13</sup> OLIVEIRA, Erivonaldo Nunes de. *A imigração nordestina na imprensa manauara (1877-1917)*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.

<sup>14</sup> CARDOSO, Antônio Alexandre Isídio. *Nem sina, nem acaso: a tessitura das migrações entre a Província do Ceará e o território amazônico*. 2011. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

cearense. A ocorrência da seca, no caso, só teria potencializado o fluxo de deslocamentos. Seguindo tal caminho de abordagem do tema, na perspectiva do autor, retira-se o duplo estereótipo imputado aos migrantes cearenses, de maneira geral: o papel de vítimas indefesas ante as ações arbitrárias dos governos e atuações falaciosas dos agentes de migração, por um lado; e o de heróis, titãs robustos e fortes que diante de todas as adversidades conseguiam vencer. O referido estudo, assim, os coloca na condição de seres humanos e sociais, que atuavam ativamente sobre suas próprias vidas, que participavam do jogo proposto pelos dirigentes para alcançar seus próprios interesses.

Procurando pensar a migração para a Amazônia por meio de novos arranjos sociais, Edson Holanda em *A Hidra Cearense*, tese defendida na PUC-SP em 2013<sup>15</sup>, analisa as relações estabelecidas entre trabalhadores pobres livres, negros escravos e libertos, que se utilizavam das mesmas rotas de migração para chegar ao território amazônico, em busca de conquistar a liberdade econômica ou jurídica. O historiador crítica fortemente a produção feita na e sobre a Amazônia, que consolidou a associação direta migração-seringal, desconsiderando que no período da seca de 1877-1880 a borracha não havia atingido o monopólio econômico da região, e estes trabalhadores migrantes, em boa medida, estabeleceram-se em colônias agrícolas e no trabalho urbano (obras públicas e comércio). Assim como os estudiosos destacados acima, aponta a necessidade de se visibilizar as ações dos principais agentes envolvidos nos deslocamentos, os próprios migrantes, que mesmo com limitações puderam exercer seu poder de participação nas escolhas dos destinos e nas formas de interação com a cultura dos locais de chegada.

Pensar a migração sob a perspectiva dos sujeitos envolvidos não se trata de uma idealização da possibilidade dos homens despossuídos serem agentes de transformação. Muitas vezes pode-se incorrer no erro de considerar relevantes apenas ações que parecem vultosas, que exacerbam a presença destes indivíduos no cenário social (derrubada de lideranças políticas), deixando de lado todo um conjunto de práticas, triviais na compreensão geral, mas que trazem uma profunda marca de compreensão e crítica da realidade, como na confecção de um simples boneco, que extrapola o aspecto lúdico e significa uma denúncia simbólica às formas de exploração experimentadas<sup>16</sup>.

---

<sup>15</sup> BARBOZA, Edson Holanda Lima. *A hidra cearense: rotas de retirantes e escravizados entre o Ceará e as fronteiras do Norte*. 2013. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

<sup>16</sup> CUNHA, Euclides da. *Obras Completas*. Vol.1. Afrânio Coutinho (org.). Rio de Janeiro: José Aguillar, 1966.

A recuperação da história de vida destes homens e mulheres colocados à margem dos relatos oficiais permite construir, como lembra Josep Fontana, uma prática historiográfica que quebra com a lógica linear de interpretação e construção da história. Entender a experiência humana como um poliedro, além de destacar as particularidades dos sujeitos e sua cultura, permite compreender o acontecimento sob outro prisma, onde este deixa de ser uma “continuidade coisificada”, com fim pré-estabelecido, e passa a ser o espaço de possibilidades, de projetos de futuro existentes em disputa<sup>17</sup>.

E no intuito de apresentar a experiência desses homens, a literatura aparece como registro privilegiado. Como destaca Edgar de Decca, a literatura vem realizando o resgate dos personagens anônimos do silêncio da história, antes mesmo que esta viesse a ser uma preocupação da disciplina histórica<sup>18</sup>. E a Literatura, como fruto da lavra humana que se constitui originalmente com o papel de desfrute do leitor, detém uma forte marca de subjetividade, utilizada pelo escritor no momento de criação. Portanto, é necessário levar em consideração, ao se instituir a análise de uma obra, seu regime de escrita próprio, com categorias e regras de funcionamento particulares, que exige do historiador a instrumentalização mínima na Teoria e Crítica Literária, para que ele não incorra no erro de tomá-la como comprovadora ou ilustradora de outras fontes, dando-lhe um caráter “menor” numa “hierarquia de fontes” como afirma Bronislaw Geremek: “parece-me bastante impróprio tratar a produção literária como fonte de informação sobre os fatos ou acontecimentos. Ela é sobretudo um excelente espelho da consciência social”<sup>19</sup>. Todavia, esse contato deve pautar-se em duas dimensões: Primeiro, um cuidado em não abordar as obras literárias apenas por uma vinculação em escolas ou estilos que, como bem frisou Norbert Elias<sup>20</sup>, são abstrações que podem impedir a percepção do processo de constituição das obras, engessando o olhar do pesquisador às possibilidades tidas pelo escritor em articular propostas e temáticas esteticamente dissonantes. Segundo, tratar o texto literário como existente por si mesmo, posto que, como destaca Terry Eagleton, as maneiras de pensar e experimentar um texto estão ligados ao tipo de relação estabelecida pelas pessoas com a escrita, sendo, portanto, os sentidos literários historicamente específicos<sup>21</sup>.

---

<sup>17</sup> FONTANA, Josep. *A história dos homens*. SP: EDUSP, 2004, p. 478.

<sup>18</sup> DE DECCA, Edgar. Quaresma: um relato de um massacre republicano. *Anos 90*, Porto Alegre, nº 8, dezembro de 1997, p. 48.

<sup>19</sup> GEREMEK, Bronislaw. *Os filhos de Caim: vagabundos e miseráveis na literatura europeia: 1400-1700*. SP: Cia das Letras, 1995, p. 10.

<sup>20</sup> ELIAS, Norbert. *Mozart: sociologia de um gênio*. Organizado por Michel Schroter. RJ: Jorge Zahar, 1995.

<sup>21</sup> EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. SP: Martins Fontes, 2003.

A Literatura, portanto, deve ser entendida enquanto instrumento que interfere na realidade, a maneira encontrada pelo escritor, enquanto ser social, para posicionar-se ante o cotidiano, de anunciar esperanças e expectativas, de construir sentimentos de pertença e resgatar sujeitos e situações, de denunciar e criticar. O cotidiano serve à escrita literária, ao mesmo tempo, como fonte de inspiração para construção da trama e para o posicionamento intelectual. Por meio da obra literária é permitido ao historiador perceber como o indivíduo-escritor constrói uma leitura da realidade na qual está inserido e projeta em sua obra um programa de ordenamento da sociedade<sup>22</sup>. Cabe, portanto, ao historiador, diante da literatura reordenar a leitura de mundo feita pelo escritor no momento da escrita, observar a mensagem que pretendia compartilhar com os leitores e os objetivos que procurava atingir, levando em consideração as perspectivas abertas na própria forma literária.

A proposta do presente trabalho consiste em analisar a produção literária de Rodolfo Teófilo sobre a migração cearense para a Amazônia, observando aproximações e distanciamentos de suas proposições ao debate intelectual que à época entendia este movimento social a partir da dicotomia libertação/cativeiro. O recorte temporal é balizado entre a última década do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX, período em que apareceu de maneira mais explícita nos escritos de Teófilo a preocupação com a questão migratória.

Rodolfo Teófilo construiu a argumentação do romance *O Paroara* em torno dos impasses e sofrimentos experimentados pelos migrantes cearenses para a Amazônia. João das Neves, personagem principal, tornar-se-ia imagem símbolo do cearense pobre, apresentando uma fé inabalável nas forças divinas e uma maneira fatalista de ver o mundo, ele seria o instrumento utilizado pelos arregimentadores para promover o desenvolvimento da Amazônia, abandonando a terra e a família em busca de melhores condições de vida.

O escritor-cidadão Rodolfo Teófilo teceu violentas críticas ao governo, ao não buscar sanar os efeitos da seca e entregar a população local aos interesses de outros estados, prejudicando, assim, economicamente o Ceará pela diminuição da mão-de-obra disponível. Para ele, a solução viria por meio de intervenções hídricas, como a construção de barragens. Voltando-se para a crítica da migração, ele narra as péssimas condições de deslocamento dos indivíduos e, além disso, as cenas bárbaras da rotina desses homens. Nas obras de Teófilo, a centralidade atribuída aos seringueiros, no conjunto das experiências dos migrantes em solo

---

<sup>22</sup> Cf. PEREIRA, Leonardo A. de M. *Literatura e História Social: A “geração boêmia” no Rio de Janeiro do fim do Império*. *História Social*, Rio de Janeiro, nº 1, pp. 29-64, 1994. SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

amazônico, funcionava como fator de comprovação de que o indivíduo que se colocava em migração experimentava apenas situações de desilusão e sofrimento. Deste modo, poderia confirmar sua tese de que por quaisquer motivos que existissem para a evasão, permanecer no Ceará, seja no aspecto material, seja no aspecto das afetividades, era a melhor alternativa.

A escolha por analisar a produção escrita de Rodolfo Teófilo permite-nos, em âmbito mais geral, refletir como círculos intelectuais da época entendiam as demandas, por um lado, de uma “fundação artística da nacionalidade”<sup>23</sup>, que precisava contemplar experiências culturais díspares, e, por outro, da construção de uma imagem civilizada do país aos moldes europeus, os quais, por sua vez, entravam em choque com a realidade mestiça da população<sup>24</sup>. Em caráter particular, pretendemos analisar como a questão da migração, para além do fator econômico, da inserção e dos deslocamentos de uma mão-de-obra ativa, pôde ser codificada ideologicamente em termos de laços de pertencimento, de sentimentos de empatia, de possibilidade de partilha, entre o indivíduo letrado, detentor de um saber científico, e o indivíduo migrante, que tem sua experiência representada. O presente estudo nos leva a empreender um mergulho no universo intelectual e ideológico deste homem (Teófilo) e de seus pares, buscando identificar em quais aspectos o outro (migrante pobre) pôde tornar-se um nós<sup>25</sup> (cearense/brasileiro).

No primeiro capítulo, intitulado *Rodolfo Teófilo e o poder da palavra*, busca-se analisar a inserção de Teófilo no cenário intelectual cearense, procurando observar a importância da formação educacional para a construção dos sentimentos de pertencimento e visão de mundo comum entre as elites letradas, assim como a influência das leituras deterministas e raciais para compreensão dos comportamentos das populações pobres, e por extensão, do fenômeno migratório. Procura-se discutir aqui também como as teorias raciais embasaram e codificaram antigos preconceitos sobre os pobres, que, no caso de Teófilo, podem ser percebidos na ambiguidade de um discurso que apresenta um apelo à inserção social desses indivíduos, desde que tutelados pelo Estado e pelos intelectuais, e que os exalta como corajosos e hospitaleiros, ao mesmo tempo em que os qualifica como animais e irracionais.

No segundo capítulo, *A migração cearense no debate social*, procura-se entender como os grupos letrados interpretaram a migração cearense para a Amazônia, pontuando os principais argumentos utilizados para sua defesa ou condenação. Busca-se perceber ainda qual

---

<sup>23</sup> SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. SP: Cia das Letras, 1990.

<sup>24</sup> SCHWARCZ, 1993.

<sup>25</sup> TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

a repercussão dessa migração fora do círculo intelectual cearense, e de que modo são representados os migrantes e a natureza amazônica.

No terceiro capítulo, *A migração cearense e a Amazônia em O Paroara*, objetiva-se refletir como Rodolfo Teófilo constrói o romance *O Paroara*, fazendo deste um instrumento de denúncia da incapacidade do Estado em amparar as populações pobres e um libelo condenatório da migração, pontuando todas as perdas identitárias que os migrantes enfrentavam na Amazônia, mas também revelando os limites dessa identidade no preconceito e no pessimismo com que olhavam a população pobre.

## 2 RODOLFO TEÓFILO E O PODER DA PALAVRA

Este capítulo tem como objetivo analisar a trajetória da vida e da literatura de Rodolfo Teófilo, procurando refletir quais são os princípios norteadores de sua reflexão intelectual, principais temas e abordagens, além de refletir quanto ao modo de inserção no circuito intelectual do Ceará de fins do século XIX.

### 2.1 Formação Inicial

Rodolfo Marcos Teófilo tem a centelha da migração em sua história pessoal. Nasceu em Salvador (BA), no dia 6 de maio de 1853, por uma escolha do pai, Dr. Marcos José Teófilo, devido as melhores condições sanitárias e de estrutura médica que a província da Bahia apresentava a época, levando-se em conta a gravidez de risco de D. Antônia Josefina Sarmiento Teófilo, mãe de Rodolfo. Waldy Sombra pontua que a estadia de Rodolfo Teófilo em Salvador não excedeu 45 dias, tempo necessário para assegurar a recuperação do pós-parto, mudando-se de volta com sua família ao Ceará<sup>26</sup>. Esse curto período não foi o suficiente para evitar os problemas futuros do intelectual e do cidadão Teófilo em ser identificado como cearense<sup>27</sup>. Para o escritor, essa situação poderia colocar em dúvidas a validade e a efetividade de sua produção como um discurso competente sobre a realidade social do Ceará.

Em 1862, aos nove anos de idade, teve contato com as misérias da condição humana durante o surto de cólera-morbo que contaminou toda sua família<sup>28</sup>. Das memórias desse período escreveu a novela *Violação* (1898)<sup>29</sup>, em que narra os sofrimentos domésticos de um menino franzino e ensimesmado, que acaba sendo o único a não contrair a doença, a quem dão a missão de enterrar a irmã natimorta, quando se depara com cenas de necrofilia. Essa é uma das obras em que Teófilo prega em prol da moralidade dos costumes e dos comportamentos.

<sup>26</sup> SOMBRA, Waldy. *Rodolfo Teófilo: o varão benemérito da Pátria*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 1997, p. 20.

<sup>27</sup> Nesse sentido, pode ser destacada a não inclusão de Rodolfo Teófilo no livro *Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense* de Guilherme de Studart. STUDART, Guilherme. *Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense*. Vol. 3. Fortaleza: TipoLitografia a Vapor, 1915.

<sup>28</sup> NETO, Lira. *O poder e a peste: a vida de Rodolfo Teófilo*. 2ª ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2001.

<sup>29</sup> Segundo Charles Pinheiro, a qualidade literária desta produção de Teófilo, que para ele supera a dos romances, encontra-se no fato de Teófilo ter se preocupado mais com o desenvolvimento da narrativa, não se utilizando de descrições científicas extensas e produzindo frases mais diretas e “limpas” de jargões. Ver: PINHEIRO, Charles Ribeiro. *Rodolpho Theophilo: a construção de um romancista*. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: 2011, p. 163.

Com as mortes de sua mãe, de anemia, e pouco tempo depois, do pai, vítima de beribéri, Rodolfo tornou-se arrimo de família, o que o levou a trabalhar como caixeiro da firma de José Albano, mais conhecido como Barão de Aratanha<sup>30</sup>. Sobre as experiências de jovem trabalhador, Teófilo deixou um livro, *O Caixeiro*, de 1927, em que relatou seu cotidiano como empregado no comércio, destacando as humilhações sofridas e a falta de tempo para os estudos. Esse velho Teófilo de 1927, olhando retrospectivamente para o jovem Rodolfo, já observa nele os traços que o acompanhariam pelo resto da vida: um espírito obstinado em prol de seus objetivos e a compreensão da importância da palavra escrita e da educação. Nas palavras do velho Teófilo: “Os fados conspiravam contra mim; mas eu os venceria”<sup>31</sup>. Como destaca Isaac Valle<sup>32</sup> é necessário compreender nesse tipo de narração construída por Teófilo a busca por estabelecer uma “biografia ideal”, a apresentação à posteridade da maneira “correta” de olhar a figura Rodolfo Teófilo. Ao promover uma ligação linear e contínua entre “as duas pontas da vida”<sup>33</sup>, demonstra a existência de uma coerência essencial chamada Rodolfo Marcos Teófilo, que não poderia ser fraturada por discursos externos. Portanto, Teófilo utilizava-se da escrita como instrumento garantidor de uma interpretação específica de sua vida e obra pelas gerações futuras.

A formação inicial de Teófilo contou com a influência e a supervisão de seu pai, que como homem de formação superior tinha acesso a livros e buscou imprimir no filho a compreensão de que a educação promovia engrandecimento do espírito e distinção social. Como lembra Charles Ribeiro, a formação primária no Ceará era realizada em âmbito privado, sob responsabilidade de pais, irmãos ou de pessoas com alguma instrução, que

---

<sup>30</sup> Rodolfo Teófilo dedicou a José Albano a publicação de seu livro *Secas do Ceará* (segunda metade do século XIX), de 1901, referindo-se a ele nos seguintes termos na página quatro: “A veneranda memória do grande cearense... cuja vida foi em grande parte consagrada ao bem publico e um ensinamento edificante de civismo”. Esta dedicatória em principio parece contraditória, na medida em que a visão passada por Teófilo sobre o mesmo em seu livro “O caixeiro” sugere mais uma conduta autoritária e intransigente de Albano no trato social. Não sabemos precisar se esta diferença está relacionada a uma capacidade de Teófilo em diferenciar posturas de indivíduos a depender das circunstâncias/ espaços de atuação ou à possibilidade que o velho Teófilo em 1927 tinha em poder expressar certas opiniões que poderiam parecer ofensivas ou ingratas se ditas pelo Teófilo de 1901. Sabemos, todavia, que as relações entre José Albano e Rodolfo Teófilo eram marcadas por um duplo parentesco: Albano era esposo da tia de Teófilo e foi seu padrinho de casamento. Cf. SOMBRA, 1997.

<sup>31</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *O caixeiro* (reminiscências). Ed. Fac-sim. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006, p. 25.

<sup>32</sup> VALE NETO, Isac Ferreira do. *Batalhas da memória: a escrita militante de Rodolfo Teófilo*. Dissertação (Mestrado) em História. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: 2004.

<sup>33</sup> Expressão utilizada pelo narrador de Dom Casmurro para justificar a iniciativa de escrever suas memórias. No seu caso, acreditava que reconstruir sua trajetória de vida da infância à velhice, da transformação de Bentinho em Dom Casmurro, permitiria a ele mesmo e aos leitores visualizar algumas situações pontuais que comprovariam a infidelidade de Capitu, onde os “olhos de ressaca” da moça de catorze anos já escondiam a “fria e dissimulada” mulher. No caso de Teófilo, a expressão parece-nos válida visto que define bem a sua busca em afirmar que a trajetória vivida por ele seguiu um caminho determinado, com sua versão jovem possuindo todas as características necessárias para a “vitória”.

separavam um cômodo da casa para desempenhar a função de sala de aula. Para obtenção de uma educação secundária formal, na década de 1860, os filhos da elite local tinham como principais possibilidades o ingresso no Liceu do Ceará ou no Ateneu Cearense. O Liceu do Ceará, criado em 1845, permitiu, segundo Almir de Oliveira, a constituição de um primeiro espaço de formação da elite letrada<sup>34</sup>, que por meio deste estabelecimento não precisaria deslocar-se a Recife, Salvador ou à Corte. Todavia, como observa ainda o historiador, na realidade educacional do período, o Liceu não possuía grande prestígio junto às classes abastadas do estado, uma vez que era impossibilitado de emitir certificação de bacharel em Letras.

Abriu-se caminho para o crescimento de estabelecimentos privados de ensino, que tinham uma grade curricular maleável. Podendo, assim, atender às demandas das elites de acesso mais rápido aos exames preparatórios para as Faculdades de Direito ou Medicina nas províncias de Pernambuco, Bahia, São Paulo e na Corte do Rio de Janeiro. Dentre estas instituições destacou-se o Ateneu Cearense, criado em 1863 por João de Araújo Costa Mendes, que oferecia os ensinos primário e secundário e funcionava no sistema de internato e externato. Diferenciava-se assim do Liceu à época, que tinha apenas o externato, podendo também atender as demandas educacionais provenientes do interior da província. Rodolfo Teófilo, que permaneceu como interno da instituição durante o segundo semestre de 1865, a expensas do Barão de Aratanha, no Almanaque do Ceará de 1922 descreve um pouco da rotina na instituição:

O internato era dividido em classes, conforme a idade dos meninos. De sete a onze anos, primeira classe; de doze a quinze anos, segunda classe; de dezesseis a vinte terceira classe. As classes não viviam juntas. Comiam, dormiam e recreavam-se separadas. A política dos dormitórios era vigilante quanto podia ser. Os leitos eram distantes um metro uns dos outros. Em cada salão dormia um censor, que rondava até tarde da noite<sup>35</sup>.

Pela fala de Teófilo percebe-se que a organização da rotina escolar primava pela subordinação dos internos a uma disciplina rígida, que normatizava e prescrevia uma série de condutas impeditivas de uma autonomia de comportamento e pensamento. Inseridos numa estrutura educacional que os fazia imersos em múltiplas atividades acadêmicas, com

---

<sup>34</sup> OLIVEIRA, Almir Leal de. Universo Letrado em Fortaleza na década de 1870. *Intelectuais*. Simone de Souza e Frederico de Castro Neves (orgs.). Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002, p.18.

<sup>35</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *Almanach Estatístico, Administrativo, Industrial e Literário do Estado do Ceará para o ano de 1922*. 100º da Independência do Brasil. Fortaleza: Typ. Gadelha, 1922.

possibilidade restrita de contato externo, esses jovens criavam um “mundo particular”, desvinculado da vida normal da cidade<sup>36</sup>.

Entre o período de estudos no Ateneu Cearense<sup>37</sup> e os estudos em horários especiais na escola Praxedes e Queiroz<sup>38</sup>, por meio da educação letrada, Teófilo teve contato com futuros expoentes da intelectualidade cearense, tais como Rocha Lima, Capistrano de Abreu, Domingos Olímpio, Paula Ney, e pôde, ainda que de modo incipiente, construir as primeiras relações que o acompanhariam em sua trajetória intelectual a partir dos anos 1870. Como analisa Almir de Oliveira, as escolas funcionavam como ambiente formador das sociabilidades entre os futuros membros da intelectualidade cearense, que nelas aprendiam a compartilhar sentimentos de coesão e visão de mundo comum, fazendo direcionar seus esforços intelectuais para as mesmas direções, como na campanha Abolicionista, e na criação de revistas e grupos literários, além da atuação na política e burocracia locais<sup>39</sup>.

A formação intelectual de Teófilo, que nos últimos anos da década de 1860 e início da década de 1870 ficara restrita às aulas esporádicas e à leitura de jornais literários e livros, sofre uma mudança significativa no ano de 1872, quando obtém junto ao governo da província, por meio do auxílio do Dr. Henrique Justa, uma subvenção para custear os exames preliminares no Recife<sup>40</sup> e posteriormente o curso de Farmácia na Faculdade de Medicina da Bahia. A escolha pela faculdade de Farmácia deveu-se às condições financeiras exíguas, ainda que o sonho fosse tornar-se médico, assim como o pai<sup>41</sup>.

Na Faculdade de Farmácia, Teófilo foi apresentado a um conjunto de leituras de matriz europeia que creditavam à questão racial o fator explicativo para os comportamentos

---

<sup>36</sup> OLIVEIRA, Almir. *Saber e Poder: o pensamento social cearense no final do século XIX*. 1998. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós Graduação em História Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998, p. 27.

<sup>37</sup> No início do ano de 1866, Teófilo perde a subvenção de seus estudos dada pelo padrinho, uma vez que este considerava que o ideal era o mesmo trabalhar para promover o próprio sustento. Opondo-se a tal iniciativa, o diretor do Ateneu propõe que Teófilo mantenha-se na instituição, em regime de externato, sem qualquer custo, desde que se responsabilizasse por ministrar aulas de reforço para os alunos atrasados da primeira turma. Segundo seus biógrafos Waldy Sombra e Lira Neto, Teófilo consegue manter a dupla jornada de trabalhador, estudante e monitor apenas durante este ano de 1866, sendo que em 1867 entra numa espiral de atividades atrasadas e notas baixas, que o levam a sair da instituição. Cf. SOMBRA, 1997; NETO, 2001.

<sup>38</sup> Teófilo consegue junto a um dos diretores da escola, Dr. Arcelino de Queiroz, a possibilidade de realizar aulas esporádicas e particulares a partir das 20hs, quando acabava seu expediente de trabalho, mesmo sem a instituição ter em seu quadro um período noturno. NETO, 2001, p. 59.

<sup>39</sup> OLIVEIRA, Almir Leal de, *op. cit.*, p. 24.

<sup>40</sup> PAIVA, M. P. Os naturalistas e o Ceará V – Rodolpho Marcos Teóphilo (1853-1932). *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, 1999, vol. 113: 9-33.

<sup>41</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *Scenas e Typos*. Ed. fac-sim. Biblioteca Básica Cearense. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2009.

humanos e o desenvolvimento social. Partindo do pensamento Darwiniano<sup>42</sup>, mas na verdade subvertendo-o, como atesta Lilia Schwarcz<sup>43</sup>, estas teorias interpretavam que as sociedades humanas<sup>44</sup> também seguiam as premissas da natureza e, assim, teriam graus diversos de desenvolvimento, diretamente relacionados com suas características fundamentais, determinadas hereditariamente, e em sua relação ao meio circundante. Hilton Costa, a partir das reflexões de Todorov, observa que o pensamento racista do século XIX baseava-se em cinco premissas básicas: 1. As diferentes raças não deveriam juntar-se, com risco do surgimento de indivíduos e grupos que incorporassem apenas os traços negativos de cada raça envolvida; 2. A existência de uma ligação direta entre o aspecto físico e o moral: acreditava-se na possibilidade de definir o comportamento do indivíduo por meio do estudo de suas características físicas, abrindo espaço para a criação de rótulos de crimes e doenças atribuídos a grupos sociais específicos<sup>45</sup>; 3. A compreensão de que o comportamento não diz respeito apenas ao indivíduo, mas à espécie, relativizando o princípio do individualismo burguês; 4. Os valores culturais são universais, e deste modo, podendo ser medidos e hierarquizados, por meio de um processo comparativo, os estágios de desenvolvimento alcançados por cada agrupamento; 5. A justificação da política de domínio dos grupos “mais desenvolvidos” pelo conhecimento dos códigos culturais definidos no ponto anterior<sup>46</sup>.

---

<sup>42</sup> Charles Darwin, naturalista inglês, desenvolveu em seu livro *A Origem das Espécies* (1858) a teoria de que as espécies, sejam animais ou vegetais, eram determinadas por natureza a competir por fontes de alimento e território, e que a sua manutenção dependia da anulação do potencial “expansionista” de outras espécies. A lei da sobrevivência do mais forte ou mais apto levava-as a se modificar ao longo do tempo, a evoluir. Para o autor, a sobrevivência não se relacionava apenas à força física, mas também à capacidade de se adaptar, gerar mais descendentes e perpetuar a espécie.

<sup>43</sup> Lilia Schwarcz, em *O Espetáculo das Raças*, analisa que as teorias racialistas do século XIX desprezam a interpretação evolutiva proposta por Darwin, focando apenas nos aspectos deterministas. Para a autora, quando afirmam que a relação entre raças diferentes iria produzir seres fracos e degenerados, conscientemente negligenciam a constatação de Darwin de que os frutos híbridos são mais resistentes de que suas matrizes originais. SCHWARZ, 1993, p. 61.

<sup>44</sup> Interpretação baseada na teoria poligenista surgida no início do século XIX. A palavra poligenia é formada da junção dos termos: poli (muitos) e gênese (geração), que compreendia que a espécie humana havia surgido em múltiplas áreas de povoamento, o que explicaria as diferenças fenotípicas (as características externadas que podem ser observadas), opondo-se, assim, ao pensamento monogenista (única geração), defendido pela Igreja Católica, que compreendia o surgimento do homem como criação de Deus e provenientes de uma única linhagem (Adão e Eva). Cf. SCHWARZ, 1993.

<sup>45</sup> Destaca-se, no período, o surgimento da antropometria e da frenologia. A primeira, desenvolvida pelo criminalista César Lombroso (1835-1909), partia do princípio de que o ato criminoso era objetivamente explicável a partir dos traços físicos e hereditários dos indivíduos, chegando à construção do criminoso “ideal”. A segunda creditava que a manifestação de doenças mentais estava relacionada ao perfil físico de cada indivíduo, independente de sua experiência de vida particular. Não seria por outro motivo que, até os estudos freudianos, todos os acometimentos de fundo emocional e psíquico nas mulheres seriam entendidos como provenientes do histerismo (relativo ao útero).

<sup>46</sup> COSTA, Hilton. *Horizontes Raciais: a ideia de raça no pensamento social brasileiro – 1880-1920*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004, p. 39-41.

Ao construir um edifício conceitual assentado sobre essas bases, as interpretações racialistas tornaram-se fator fundamental para justificar a política colonialista europeia, uma vez que o continente europeu aparecia como a sociedade-modelo a qual se devia importar, devendo-se submeter aos seus valores e instituições.

Este conjunto de ideias fazia com que as discussões e estudos realizados na Faculdade de Medicina da Bahia gravitassem em torno da higiene pública e da questão racial, uma vez que a mestiçagem era compreendida pelo prisma pessimista, tida como a responsável pelo baixo nível de desenvolvimento econômico e social do país, na medida em que era responsável por gerar uma população de alcoólatras, doentes mentais e criminosos em potencial, que entregues aos instintos não se preocupariam com a promoção de cuidados higiênicos e, logo, seriam focos das doenças contagiosas (febre amarela, varíola, lepra)<sup>47</sup>.

Esta condição de uma medicina interventora, não preocupada somente com a cura da doença, mas com seu aparecimento e o controle de sua manifestação, para Maria Clécia Costa, está ligada à mudança no paradigma do saber médico, que passou a considerar os espaços físico e social como fatores determinantes na explicação das enfermidades<sup>48</sup>. A cidade e sua população transformam-se, a partir desse momento, em objetos de estudo, disponíveis para que o cientista médico pudesse realizar seus prognósticos e produzir discursos “para a criação de sustentação legal e moral para a atuação ostensiva do Estado na esfera pública e privada, de modo a colocar em prática seu projeto pedagógico e regenerador”<sup>49</sup>. Em nome de um bem estar social, ao acenar com mudanças sociais, esses profissionais da saúde, buscaram legitimar-se como tutores sociais, aplicando a uma base científica um conteúdo eminentemente moral e religioso.

Rodolfo Teófilo, em sua formação e atuação profissionais, incorporou essas perspectivas intervencionista e moralista da medicina social. Estes princípios, em consonância com o conjunto das leituras racialistas e evolucionistas, formaram sua compreensão sobre o papel do intelectual no cenário da cidade, que precisava avançar pelo campo da reflexão teórica e alcançar a dimensão de transformação social. Transformação de viria, por um lado, através da melhoria das condições materiais de vida dos mais pobres, e por outro, pela educação e moralização dos comportamentos das populações periféricas, apontando para o caráter preconceituoso e elitista destas proposições.

---

<sup>47</sup> SCHWARTZ, 1993.

<sup>48</sup> COSTA, Maria Clécia Lustosa. A cidade e o pensamento médico: uma leitura do espaço urbano. *Mercator* - Revista de Geografia da UFC, ano 01, número 02, 2002, p. 6.

<sup>49</sup> LOPES, Fábio Henrique. *Suicídio e Saber médico: estratégias históricas de domínio, controle e intervenção no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008, p. 44.

## 2.2 Inserção Intelectual

Rodolfo Teófilo retorna a Fortaleza em 1874, logo estabelecendo seus serviços de farmacêutico em Pacatuba, município próximo a Fortaleza. Deste momento em diante a trajetória intelectual de Teófilo liga-se fortemente aos principais questões sociais e políticos do Ceará (abolição, República, seca, migração).

O cenário intelectual cearense, a partir desta década de 1870, estava fortemente marcado pela divulgação das ideias evolucionistas, naturalistas e positivistas. O movimento de leitura e debate público destas questões promoveu, como desdobramento para a vida intelectual da cidade, o crescimento no número de periódicos, sejam de matriz político-ideológica, sejam aqueles da ordem científico-literária, muitos de circulação efêmera, que levaram a uma maior absorção de intelectuais<sup>50</sup>. Almir de Oliveira destaca que o ambiente intelectual da cidade beneficiou-se também do aumento da circulação de livros, revistas e jornais de outras regiões do país e da Europa por meio das atividades portuárias<sup>51</sup>.

Em âmbito nacional, o campo intelectual estava mobilizado para a construção de um saber abalizado sobre a história e a realidade brasileiras, que apontasse os problemas da formação nacional e possíveis soluções. Deste modo, os intelectuais viam a si próprios como os agentes privilegiados de transformação social, únicos aptos intelectualmente para apresentar um projeto de nação que contemplasse a agenda progressista vinda da Europa e, ao mesmo tempo, incorporasse as populações locais, que estavam excluídas das mesmas teorias europeias que utilizavam como referência. Para Renato Ortiz, os intelectuais propunham-se a missão da “construção de uma identidade de um Estado que ainda não é”<sup>52</sup>.

Rodolfo Teófilo teve papel atuante durante a seca de 1877-1880, contribuindo com medicamentos e suas primeiras incursões no campo das letras. Como observa Ivone Cordeiro Barbosa, a seca de 1877 tornou-se um momento de inflexão para a experiência intelectual e literária do Ceará do último quartel do século XIX, uma vez que ocasionou um intenso incômodo para as camadas médias urbanas, não acostumadas com a presença da pobreza extrema em seus principais espaços de circulação, além de desmistificar as crenças laudatórias de um progresso em marcha constante e ininterrupta<sup>53</sup>. Por conta disso, Manoel Alencar destaca que a tematização da seca tornou-se preponderante na produção literária

---

<sup>50</sup> VALE NETO, 2006, p. 24.

<sup>51</sup> OLIVEIRA, Almir Leal de, 2002, p. 17.

<sup>52</sup> ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 5ª ed. SP: Brasiliense, 1994, p. 34.

<sup>53</sup> BARBOSA, Ivone. *Sertão um Lugar Incomum: O sertão do Ceará na literatura do século XIX*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.

local, definindo as caracterizações das personagens e a trama dos romances, fazendo com que o naturalismo fosse definido como Literatura das Secas<sup>54</sup>.

Sobre o fenômeno da seca, Teófilo produz a obra *História da Seca do Ceará* (1877-1880), publicada no ano de 1883, com que estreia no cenário letrado cearense e lhe garantiria a entrada como sócio-correspondente no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em 1890<sup>55</sup>. Nesta obra, Teófilo realiza um estudo alicerçado em grande quantidade de informações e estatísticas, com relação à composição física e geográfica do Ceará, as atividades industriais e comerciais e a estrutura organizacional do Estado, para construir um entendimento sobre as motivações das secas e as maneiras de diminuir seus efeitos.

O livro possibilita-nos acompanhar as primeiras reflexões desenvolvidas por Teófilo sobre os problemas da seca, onde procura afirmar-se enquanto intelectual da ciência, apto socialmente a opor-se às diretivas das instituições oficiais: defesa da açudagem como solução para manter o abastecimento hídrico durante o período não chuvoso, contra a visão de que o acúmulo de grande quantidade de água poderia gerar miasmas; contestação da noção de que a ocorrência das secas estava ligada à quantidade de manchas solares, defendida pelo Instituto Politécnico.

Pela boa aceitação deste livro, Teófilo atinge novo status no cenário intelectual cearense. Por meio da publicação da obra e pela participação em jornais e revistas científico-literárias, Teófilo é investido da autoridade de pronunciar um juízo abalizado sobre os problemas que afligem a sociedade cearense, capaz de contribuir com o engrandecimento das letras locais e de referendar as produções de outras pessoas. Esta “certificação informal” não era garantia de adesão permanente, por causa das disputas internas de poder dentro do próprio campo, e a cada novo trabalho era necessário legitimar-se a si e a sua escrita<sup>56</sup> como “representante” da intelectualidade cearense.

Todavia, como a todos os companheiros de geração, a fama e o prestígio intelectual não garantiram para Teófilo um retorno financeiro estável, uma vez que a venda de livros era irrisória diante uma população em grande medida analfabeta e considerando que o

---

<sup>54</sup> ALENCAR, Manoel Carlos Fonseca. *Adolfo Caminha e Rodolfo Teófilo: a cidade e o campo na literatura cearense*. 2002. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002, p. 111.

<sup>55</sup> O processo de admissão de Teófilo como sócio correspondente ocorreu durante o mês de julho do ano de 1889, sendo seu nome aprovado pela Comissão de Trabalhos Históricos na sessão ordinária do dia 4 e o escrutínio na sessão ordinária do dia 11. *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Tomo LIII. Parte II (3º e 4º trimestres). Rio de Janeiro: Typographia Laemmert, 1890.

<sup>56</sup> BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estruturação do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

jornalismo profissional não era uma realidade<sup>57</sup>. Desse modo, se utilizou de variados ramos de atividades para promover sua sobrevivência. Tinha farmácia própria, espaço que servia, inclusive, para venda de seus livros<sup>58</sup>; atuava na docência, como professor concursado do Liceu do Ceará<sup>59</sup>. Sendo que este trabalho como professor permitia-lhe participar de um dos poucos espaços de circulação de saber existentes no período, que em conjunto aos grupos literários, eram responsáveis pelas leituras e debates das produções culturais, fortemente influenciadas pela valorização do conhecimento científico, e, por extensão, reforçava seu lugar de fala.

Sua atuação no debate de temas científicos, ao longo dos anos 1880, vinha por meio também da publicação de textos de divulgação científica, onde se destaca a perspectiva de educação pela palavra. Sobre as relações entre literatura e ciência no Brasil, Antonio Cândido observa que o exercício de escrita literária foi responsável pela primeira forma de se conhecer a realidade do país, tornando-se um paliativo para a debilidade da formação científica e especializada, naquele momento<sup>60</sup>. Na perspectiva de ampliar o acesso do público geral às descobertas e saberes científicos, Teófilo escreve uma série de textos ficcionais na Revista *A Quinzena*<sup>61</sup>, intitulados “História Natural”, consistindo num total de 10 composições. Todas seguiam uma mesma estrutura de montagem: registravam os passeios realizados pelo narrador, na figura de Teófilo, e sua esposa pelo campo. Os momentos de contemplação da natureza eram interrompidos pela esposa que, com dúvida sobre alguma situação ou fenômeno, solicitava o auxílio do esposo para explicá-la. As respostas dadas abordavam o tema por uma viés científico, citando termos técnicos e áreas de estudo, como se observa no conto *As Donzelinhas*, de 5 de julho de 1887:

Voltamos ao lago, ao caminho a minha companheira disse-me: - Já a sensitiva recolhe-se, fecha as folhas e vai dormir, e as donzelinhas ainda voltejam sobre as águas! Aproveitam até o último raio da luz crepuscular! No voo rápido fendem com a ponta da asa a água como as andorinhas. Divertem-se muito, não é assim? – Não, fazem pela vida. Caçam e entregam

<sup>57</sup> PEREIRA, 1994.

<sup>58</sup> SILVA, Ozângela de Arruda. *Pelas rotas dos livros: circulação de romances e conexões comerciais em Fortaleza (1870-1891)*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011.

<sup>59</sup> Durante quase trinta anos, Teófilo atuou como docente do Liceu, lecionando as disciplinas de Ciências Naturais, Biologia, Geografia. No ano de 1905 houve uma reforma na grade curricular do Liceu do Ceará e, mediante uma manobra política, Rodolfo Teófilo acaba por perder a vaga de professor. Atribui o fato a uma retaliação por sua postura crítica sobre o governo de Nogueira Accioly. Cf. TEÓFILO, Rodolfo. *Violência* (Liceu do Ceará). Edição fac-sim. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2005.

<sup>60</sup> CÂNDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006, p.139.

<sup>61</sup> A Quinzena era a revista de divulgação das produções dos membros do Clube Literário, que foi fundado em 1886 por João Lopes, Antônio Bezerra, Antonio Martins, Oliveira Paiva, José Olímpio, Abel Garcia e José de Barcelos. Teófilo entrou como sócio efetivo do grupo um mês depois de sua fundação. Cf. BARREIRA, 1986.

às águas o fruto de seus amores. – Caçam! E elas não vivem como as borboletas do mel das flores? – Não sabes a história destes insetos. Se conhecesse melhor a *Entomologia*, parte da História Natural que os estuda, saberias que as *donzelinhas* ou *libelinhas* são insetos *neuropteros* carnívoros.<sup>62</sup>

Para Teófilo, estava em questão o papel do conhecimento. Saber definir ou não as características da donzelinha poderia significar colocar-se em perigo ou evitá-lo, assim como conhecer os passos de depuração da mucunã ou ser capaz de diferenciar uma mandioca mansa, apta ao uso alimentar, daquela que é brava, que não pode ser consumida, poderia representar a vida ou a morte nos períodos de seca. Por isso, o autor entende que o conhecimento a ser adquirido deve ter uma dimensão prática, que possa ser testado e aplicado ao cotidiano, não tendo valia um conhecimento que serve apenas para divertir ou distrair, como saber dançar ou tocar piano. Deste modo, Teófilo realiza uma crítica severa a todo tipo de educação que não prima por instrumentalizar as jovens mulheres para as durezas e os sofrimentos da vida, já que saber “como se deve viver, tratar do corpo e conservar a saúde é o ideal da criatura no curto espaço de tempo chamado de vida”<sup>63</sup>.

Rodolfo Teófilo, como os membros de sua geração, creditava à obra literária a função de instruir e educar os leitores, libertando-os da barbárie e lhes permitindo o acesso aos estágios mais elevados da civilização e do progresso, elementos tidos como fundamentais para constituição da nacionalidade. Oliveira Paiva, em artigo na Revista *A Quinzena* de 31 de julho de 1887, brada aos leitores a necessidade de uma postura ativa com relação aos problemas diários da sociedade, e a maneira mais eficaz de alcançar esse intento viria por meio do trabalho duro e disciplinado no estudo e reflexão das letras, uma vez que: “Nada é tão capaz de fomentar o patriotismo e acender os brios de uma nação, como a Literatura. O livro acompanha o indivíduo onde quer que ele vá. Esta é a ideia do Club Literário: - o Livro e a Palavra em ação”<sup>64</sup>. Sobre o papel desempenhado pela literatura no melhoramento da sociedade, Almir Leal de Oliveira afirma que:

Essa literatura capaz de elaborar uma compreensão da história e da natureza local, capaz de desenvolver um sentimento de pertencimento e capaz de exprimir o caráter nacional do cearense e gerar o caminho para a nacionalidade é uma fórmula que corrige e altera uma mentalidade bárbara. Nesse sentido, ela é a literatura da ação civilizatória da palavra em ação<sup>65</sup>.

<sup>62</sup> *A Quinzena*, Fortaleza, Anno. I, N.12, 05 de julho de 1887, p.94.

<sup>63</sup> *A Quinzena*, Fortaleza, Anno. I, Nº 19, 18 de novembro de 1887, p.151.

<sup>64</sup> *A Quinzena*, Fortaleza, Anno I, nº 11, 31 de junho de 1887.

<sup>65</sup> OLIVEIRA, Almir Leal de, 1998, p. 154.

Assim, o texto escrito compunha-se também de uma condição moralizante, que promovesse o engrandecimento do espírito e a educação das futuras gerações. Por isso, Teófilo em seu programa intelectual promovia uma campanha feroz a todo tipo de imoralidade e vício, que impediam, em sua concepção, o pleno desenvolvimento humano e social e ocasionava as cenas grotescas visualizadas durante os períodos de seca. Na produção de Teófilo, a junção de crítica naturalista e moralista ficou aquém de uma crítica social, realmente capaz de entender a complexidade dos problemas com que ele se deparava. A preocupação com o controle do corpo e de suas pulsões, para João Alfredo Montenegro<sup>66</sup>, expressa a crença de Teófilo que a atenção e o cuidado com o corpo conduziriam o homem a um novo grau de estágio evolutivo, obtendo nova vida. Em “O Reino do Kiato” (1922), romance de inspiração utópica, Teófilo constrói uma sociedade ideal, sem localização definida, Kiato, que havia encontrado a coesão social, a harmonia e a felicidade a partir da supressão dos vícios (jogos, prostituição, bebidas alcoólicas) e cuidado apurado sobre as funções e necessidades orgânicas de seus moradores. Sobre esta realidade, o narrador informa que o estilo de vida experimentado em Kiato permitia obter “a saúde dos órgãos doentes do corpo, remoçar as células envelhecidas, dar ao homem grande longevidade, suprimir quase a morte”<sup>67</sup>.

No campo da literatura, ainda durante a década de 1880, Teófilo buscou inserir-se por meio da publicação de poemas e contos que explicitariam sua filiação ao Naturalismo. Somente na década de 1890 que Teófilo entraria no campo do romance, com a publicação de *A fome* (1890), e durante esta década produziria seus demais romances: *Os Brilhantes* (1895), *Maria Rita* (1897), *O Paroara* (1899), além da novela *Violação* (1898).

Teófilo demonstra, através da prosa de ficção, a preocupação de montar um quadro inteligível do Ceará, buscando refletir sobre as principais características que definiriam o que seria o local e seu povo, tais como a seca, a migração, a violência, a mestiçagem. Este projeto intelectual de Teófilo explicita que a obra literária deveria comportar-se como uma fotografia do real<sup>68</sup>, que ao articular narrativa e cotidiano social, deveria oferecer ao leitor uma explicação fundamentada e didática sobre as características da sociedade na qual a trama se ambienta. Esse pressuposto de verdade encontra-se inscrito na própria forma do romance, como analisado por Ian Watt. Para o autor, o gênero coloca em

---

<sup>66</sup> MONTENEGRO, João Alfredo. Rodolfo Teófilo – Pensamento e Ação. *Revista do Instituto do Ceará*, p. 193-203, 1996.

<sup>67</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *O Reino do Kiato: no país da verdade*. São Paulo: Monteiro Lobato, 1922(a), p. 10.

<sup>68</sup> OLIVEIRA, Caterina de Saboya. *Fortaleza: seis romances, seis visões*. Fortaleza: UFC, 2000, p. 48.

questão a condição de correlação entre a obra literária e a realidade retratada e a maneira encontrada pelos autores para relacionar estas duas instâncias estaria em: a) tratar de todo tipo de experiência humana; b) colocar a experiência individual como fator norteador da realidade; c) definir a ação das personagens em um tempo e espaço específicos; d) construir um tempo processual, com o passado interferindo no presente e na formação das personagens. Deste modo, o romance colocaria-se como um relato “autêntico das verdadeiras experiências individuais”<sup>69</sup>. Rodrigo Marques destaca que o romance apresenta-se, no período, como a forma literária mais adequada para que os literatos pudessem expressar-se sobre a complexidade social, uma vez que uma narrativa extensa lhes permitiria trabalhar de maneira mais eficiente as outras dimensões da literatura: a informação e a educação<sup>70</sup>. Assim também compreende Antonio Candido, ao vislumbrar que na falta de um arcabouço científico desenvolvido no Brasil, coube à literatura procurar explicar, inicialmente, e pontuar os primeiros marcos da nacionalidade<sup>71</sup>. E na interpretação de Flora Sussekind (1990), a busca pela definição das origens culturais da nação permitiu aos escritores colocarem-se como agentes principais de fundação artística da nacionalidade<sup>72</sup>.

O naturalismo de Teófilo, como destaca Sânzio de Azevedo, assenta-se na apresentação das cenas viscerais de violência e dor e na aplicação de um vocabulário científico, fruto de sua formação como farmacêutico. Todavia, percebemos que o modo de tratamento do tema mantém-se fortemente ligado a uma abordagem romântica, seja na caracterização do protagonista como capaz de realizar grandes proezas, seja na confecção de um final feliz, onde os protagonistas são agraciados pela fortuna, depois de superar as adversidades, e os antagonistas sofrem as merecidas penas.

O caráter ambíguo – romântico e naturalista – da literatura de Teófilo, pode ser percebido claramente no poema *Contraste*:

Que val de tez a alvura deslumbrante,  
Os bellos tons dos labios nacarados,  
A luz dos olhos vivos, anegradados,  
Como no espaço um ponto radiante?  
(...)  
Quando tu, tão formosa, quão perdida,  
Obedecendo ás leis de um atavismo

<sup>69</sup> WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. 2ª reimpressão. São Paulo: Cia das Letras, 2007, p. 27.

<sup>70</sup> MARQUES, Rodrigo de Albuquerque. *A nação vai à província: do romantismo ao modernismo no Ceará*. 2016. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016, p. 99.

<sup>71</sup> Cf. CÂNDIDO, 2006.

<sup>72</sup> SUSSEKIND, 1990.

Alardeias o vicio com cynismo  
Fazendo contrastar teu rosto e vida!<sup>73</sup>

Pode ser vislumbrada no poema a dupla movimentação apontada acima. Na primeira estrofe é exaltada a figura feminina, detentora de belos atributos, que pode despertar a admiração e o amor de um homem, tal qual uma musa inspiradora. Tratamento dado pelo romantismo à mulher. Na estrofe seguinte, realiza-se o contraponto, apresentando que a entrada numa vida de desregramento dá-se por uma condição atávica, que naturalmente se manifesta. Determinismo naturalista dos comportamentos e na maneira de expressá-los.

### 2.3 A migração na prosa de Teófilo

O presente tópico procura explorar as abordagens realizadas por Teófilo sobre a emigração para a Amazônia em suas obras de ficção da última década do século XIX, *A Fome* (1890) e *O Paroara* (1899). Destacamos nelas a crescente atenção que a temática viria a receber nestas produções, os argumentos e as maneiras de apresentação da temática, assim como possíveis articulações às demais produções do autor.

#### 2.3.1 *A Fome*

O romance *A Fome*, de 1890, narra a saga de Manuel de Freitas e sua família, que, em busca de superar as adversidades decorrentes da seca de 1877, vê-se impelida a emigrar para Fortaleza. Esse deslocamento é marcado por eventos violentos e grotescos, consequências físicas e psicológicas da perda da racionalidade ante o cenário de miséria e fome. A chegada em Fortaleza, centro administrativo do estado, não diminui os sofrimentos, já que se enfrenta a indiferença de parte da população, horrorizada com a presença indesejada destes migrantes na cidade, e a exploração pelas autoridades, que, dominadas pela gana dos lucros econômicos, deixam de desempenhar suas obrigações. A sobrevivência neste cenário de horror ocorre apenas pela manutenção de princípios morais, que dão a tenacidade necessária para superação das adversidades e possibilitam situações que encaminham a trama para um final feliz.

Rodolfo Teófilo estrutura o romance a partir de uma temporalidade linear, com preocupação na marcação do tempo físico e natural, buscando estabelecer uma relação de sobreposição entre o tempo da experiência e o tempo narrado. Como destaca Teoberto

---

<sup>73</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *Contraste. A Quinzena*, Fortaleza, Ano I, nº 11, 15 de junho de 1887.

Landim, o narrador onisciente, ao promover a mediação entre a narrativa e o leitor, utiliza-se de um recorrente expediente de distanciamento que, ao propor uma não nomeação de lugares e pessoas no plano ficcional, evita a identificação de cenários e pessoas que no plano real serviram de inspiração ao romance. Este cuidado aparece como justificável tendo em perspectiva o assunto traumático trabalhado e a presença de suas consequências na memória coletiva local. Além do mais, demonstra a força que o contexto histórico-social tem na construção da trama<sup>74</sup>. Em *A Fome*, como em suas demais obras literárias, Teófilo pretende contar e mostrar fatos ocorridos no Ceará por meio de uma chave ficcional. A ficção serve como forma de informar e educar a posteridade, explorando um universo de sensações e sentimentos vivenciados, que não poderiam ser percebidos na formalidade dos relatórios e das obras científicas<sup>75</sup> ou que não despertavam a atenção de leitores pouco afeitos ao contato com este tipo de obra.

A migração para a Amazônia aparece no romance enquanto temática periférica, por meio de uma personagem secundária, Inácio da Paixão, primo de Manuel de Freitas. A personagem é apresentada ao leitor no capítulo III da primeira parte, intitulada *Êxodo*, quando é responsabilizado por realizar a venda da escravaria de Freitas, que serviria para custear a migração do mesmo a Fortaleza. Na capital, em posse do valor obtido, Inácio deixa-se seduzir pelas “facilidades de aumentar os lucros” por meio do jogo de cartas, o que o leva a perder a soma em sua totalidade. Não lhe restando outra forma de restituir o dinheiro do primo, decide emigrar à Amazônia. Na reflexão de Teófilo, um componente-chave para a explicação da migração seria o desespero. O segundo estaria relacionado a uma visão idealizada da Amazônia como o lugar capaz de proporcionar “a esperança de um futuro risonho, um mundo novo que se abria e onde talvez existisse a felicidade”<sup>76</sup>. Estes sentimentos (desespero e idealização) para Teófilo poderiam ter origem em um sentimento de abandono, de impossibilidade de manutenção da sobrevivência no espaço cearense, ou ainda de condução da vida pela satisfação dos instintos. Em ambos os casos, Teófilo observa a responsabilidade das autoridades governamentais, que, por um lado, se mostram desinteressadas em proporcionar a sobrevivência material da população do estado e, por outro lado, não buscam instruir as pessoas para o caráter falacioso da propaganda do “*eldorado amazônico*” realizada pelos agentes de migração, donos de fregues e funcionários do governo.

---

<sup>74</sup> LANDIM, Teoberto. *Seca: a estação do inferno – uma breve análise dos romances que tematizam a seca na perspectiva do narrador*. Fortaleza: UFC, 2005, p. 60-63.

<sup>75</sup> BARBOSA, 2000.

<sup>76</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002, p. 151.

A argumentação crítica de Teófilo com relação aos agentes públicos aparece frequentemente na sua produção literária, como na seguinte passagem de *A Fome*: “A emigração não era voluntária, mas forçada pelo governo, que trancava os seleiros aos famintos e abria os portos da província”<sup>77</sup>. A crítica aparece também em sua produção historiográfica, como expresso na obra *História da Seca do Ceará*: “Esta restrição de socorros, além de concorrer poderosamente para aumentar a mortalidade, abriu de um modo extraordinário o campo à emigração para fóra da província.”<sup>78</sup>. Vê-se que a expectativa de pensar as obras *A Fome* e a *História da Seca* como obras desconectadas por causa do tipo de registro escrito é suplantada pela compreensão de que a mensagem a ser transmitida segue a mesma linha de raciocínio, levando, inclusive, a uma indiferenciação na forma de empregar palavras e conceitos. A esse respeito, Manuel Carlos Alencar afirma que *A Fome* é uma construção romaneada do estudo realizado em *História da Seca*<sup>79</sup>. Para corroborar esta constatação, pode-se observar a presença de quadras cantadas por crianças esmolando nas ruas de Fortaleza:

Em *A Fome*:

Eu peço por caridade  
Pelos mistérios da cruz,  
Meus irmãos dêem uma esmola  
Pelo sangue de Jesus.

Deus lhe pague a sua esmola,  
Deus lhe dê muita alegria  
No reino do céu se veja  
Com toda sua família.

A ceguinha que aqui vedes  
Tinha olhos, via a luz;  
E agora, irmãos, pede esmolas  
Pelo sangue de Jesus.

Bendito seja quem ouve  
Da pobre cega o pedir  
Jesus o queria amparar  
Quando estiver pra cair<sup>80</sup>.

Em *História da Seca do Ceará*:

Eu peço por caridade,

<sup>77</sup> TEÓFILO, 2002, p. 153.

<sup>78</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *História da Seca do Ceará (1877 a 1880)*. Fortaleza: Tipografia do Libertador, 1883, p. 132.

<sup>79</sup> ALENCAR, 2002, p. 93.

<sup>80</sup> TEÓFILO, 1883, pp. 246-247

Pelos mistérios da cruz,  
 Meu irmão, me dê uma esmola  
 Pelo sangue de Jesus.

A ceguinha, que aqui vedes,  
 Tinha olhos, via a luz,  
 E agora, irmãos, pede esmola,  
 Pela paixão de Jesus.

Deus lhe pague sua esmola,  
 Deus lhe dê muito pra dar,  
 Na hora de sua morte  
 Queira Deus lhe perdoar.

Bendito seja quem dá,  
 Quando o pobre vem pedir,  
 Acompanhado dos anjos  
 Quando da terra sair<sup>81</sup>.

Os dois extratos referem-se ao pedido de esmolas realizado por crianças que perderam a visão por conta da varíola. Enquanto em *História da Seca* são anônimas, em *A Fome* tem uma representação definida ao leitor – a filha de Inácio da Paixão, Maria. Em *História da Seca*, as quadras são estruturadas de maneira a formar um todo articulado, com cada quadra complementando o sentido da seguinte, onde percebemos que apresentam a função de: I. Apresentar o pedido do mendicante; II. Explicar a situação de quem pede; III. Agradecer a ajuda ofertada; IV. Louvar ao benfeitor, desejando-lhe benesses. Já em *A Fome*, as quadras são apresentadas em dois pares (I-II e III-IV), havendo uma alteração da posição das quadras intermediárias (II e III) em relação à existente em *História da Seca*, assumindo novas funções: I e III. descrevem o pedido de esmola; II e IV. agradecem a ajuda ofertada. Esta mudança nas quadras cantadas, simples no plano escrito, representa a diferença existente entre a obra historiográfica e a peça literária. Na primeira, Teófilo tem a preocupação de apresentar na íntegra a composição utilizada pelos mendicantes, construindo um registro documental da cultura popular. Já na segunda, o poema aparece inserido numa situação ficcional, com objetivo de dar maior verossimilhança à narrativa, não sendo por outro motivo que as duas quadras em que aparecem as palavras “cega” e “ceguinha” terem sido dirigidas por Maria a Inácio da Paixão em seu reencontro, como a apresentar ao leitor a denúncia de que o responsável pela situação física da menina é o próprio pai por ter migrado. Deste modo, a aproximação entre os dois registros tem o seu limite demarcado e pode explicar o porquê

---

<sup>81</sup> TEÓFILO, 2002, pp. 179/ 215.

que, mesmo tendo discutido o tema da seca e da migração em um registro historiográfico, Teófilo sentiu a necessidade de utilizar estas temáticas nas obras literárias.

Essa necessidade estava ligada a três princípios. O primeiro relacionava-se a possibilidade de atingir um público leitor mais amplo. Tendo uma circulação comercial maior que outros tipos de produção<sup>82</sup>, o romance possibilitava ampliar a educação e a civilização da população por meio da palavra escrita. O segundo ligava-se a capacidade de perenidade da obra literária, que, registrando os fatos ocorridos no presente, poderia informá-los a posteridade<sup>83</sup>. O terceiro relativo ao prestígio intelectual que a literatura proporcionava aos seus praticantes.

Nos capítulos finais de *A Fome*, quando a família de Freitas encontra-se em situação desesperadora, num lance fantástico, Inácio reaparece. Não é apresentada ao leitor sua experiência no ambiente amazônico. As poucas informações sobre o cotidiano nos seringais é apresentada pelo próprio personagem em conversas esporádicas, como a que teve com o dono do navio em seu retorno ao Ceará: “Volto dos seringais do Amazonas, onde sofri por espaço de dois anos”<sup>84</sup>. Parece não interessar neste momento a Teófilo, início da década de 1890, uma descrição pormenorizada da migração cearense à Amazônia. Seja pela questão do foco da narrativa, que estava centrada na figura de Manuel de Freitas e a migração interna cearense, seja por questão de conhecimento sobre o assunto, que Teófilo iria construir ao longo desta década, o fato é que a função de Inácio no enredo é explicitar os danos pessoais e familiares que o vício, de qualquer espécie, pode trazer à vida, como a “consciente” personagem expressa: “Jogam a bordo e o vício do jogo é uma tentação que me domina, a que não posso resistir”<sup>85</sup>. E também os danos causados pela migração, as doenças contraídas e o abandono da família. Chegando ao Ceará, Inácio paga a dívida com Freitas e parte em busca da família. Mas na produção literária de Teófilo, a falha de Inácio da Paixão não passa sem consequência. Além de perder a saúde nos seringais, descobre que quase toda a família está morta, com exceção de uma filha, que ficou cega como consequência da varíola. Para Teófilo,

---

<sup>82</sup> Como observa Ozângela Silva sobre o comércio livreiro de Fortaleza em fins do século XIX: “Os romances eram para os livreiros um produto que possuía uma significativa oferta e, possivelmente, uma boa demanda.”. SILVA, Ozângela, 2011, p. 102.

<sup>83</sup> Sobre a publicação das ideias, Régis Lopes Ramos afirma que para Teófilo: “Era preciso escrever e publicar. Assim, o vivido ganharia estatuto de vivido relatado e, portanto, com poder de contar e fazer história.”. RAMOS, Francisco Régis Lopes. Rodolpho Theophilo e Capistrano de Abreu: algumas memórias no Museu do Ceará. *Trajeto*: Revista de História UFC, vol. 3, nº 5, 2004, p. 81.

<sup>84</sup> TEÓFILO, 2002, p. 210.

<sup>85</sup> *Id, loc. cit.*

todos aqueles que se deixam dominar pela “loucura de emigrar” trazem sobre si e os entes queridos profunda carga de sofrimento e pesar.

A inserção de Teófilo no campo da prosa de ficção gerou grande polêmica e dividiu opiniões. Entre as críticas recebidas por *A Fome*, destacaram-se as realizadas por Adolfo Caminha, na *Revista Moderna*, em 1891. Com o título *A Fome*, Caminha empreende uma análise sobre o romance e seu autor, que inicia pela contestação aos elogios realizados ao romance pela imprensa, chegando a insinuar que o “sucesso” do romance se devia mais à rede de relações de Teófilo, do que propriamente pelo trabalho realizado, como se observa no extrato: “Efetivamente, *A Fome* foi recebida com palmas estrondosas e flores de alambicada retórica provinciana, não sei se em consideração ao autor ou se em reverência ao editor”<sup>86</sup>. Catarina de Saboya percebe no tom empregado por Caminha nesta passagem, assim como durante todo o texto, um sentimento duplo de injustiça, que refere-se tanto ao julgamento moral pelo seu envolvimento com uma mulher casada, revelando uma certa pequenez moral da província, quanto por considerar-se um intelectual obscurecido por não fazer parte do jogo intelectual de trocas de elogios e gracejos, o qual ele acredita perceber na louvação ao trabalho de Teófilo<sup>87</sup>.

Em seguida, Caminha, mesmo destacando as qualidades cívicas de Teófilo, sustenta que a valorização no cenário literário deve ser obtida pela capacidade artística do escritor, que no trabalho com a palavra precisaria transformar a realidade observada em peça de qualidade e bom gosto estético. Para ele, mesmo que Teófilo tenha testemunhado pessoalmente as cenas bárbaras de miséria e fome, foi capaz apenas de produzir “páginas sem estilo, sem arte, sem verdade às vezes, e eu diria sem interesse se a grandeza do assunto não nos obrigasse a ler todo o livro”<sup>88</sup>; em contrapartida, se houvesse sido produzida por mãos hábeis, como a de José de Alencar, renderia “páginas admiráveis de estilo e verdade”<sup>89</sup>.

Teófilo, por seu lado, não responderia imediatamente às críticas recebidas. Somente após 1895, com sua participação na Padaria Espiritual e a publicação do texto de Caminha em livro, intitulado *Cartas Literárias*, apresentaria suas contraargumentações, além de “avaliar” o romancista Caminha e sua obra *A Normalista* (1893). Em *O Pão*, jornal da Padaria Espiritual, Teófilo dedicou-se em sete edições a manter a peleja da palavra com Caminha: nas edições 19 a 23 produz uma avaliação de *A Normalista*. Na edição número 19,

---

<sup>86</sup> CAMINHA, Adolfo. *Cartas Literárias*. Fortaleza: UFC, 1999, p. 113.

<sup>87</sup> OLIVEIRA, Caterine, 2000, p. 95.

<sup>88</sup> CAMINHA, *op. cit.*, p. 114.

<sup>89</sup> *Id, loc. cit.*

Teófilo, tomado de certo sentimento revanchista, preocupa-se em garimpar todos os defeitos no livro de Caminha, não perdendo a oportunidade de destacar sua imprecisão na descrição do cotidiano da cidade e de seus moradores, como observado na passagem abaixo sobre a casa de João da Mata no romance:

Um casebre de porta e janella na rua do Trilho, coberto de fuligem e com um piano na sala de visitas! O pincel do Sr. Caminha foi infiel logo no primeiro traço. Como historiador dos costumes sacrificara a verdade a arranjos dramáticos e romanescos. O instrumento de música era-lhe necessário lá para uma passagem do romance e pol-o na sala de um pobre amanuense, retirante e que nos diz viver mal a custa de seus setenta e cinco mil réis mensaes!<sup>90</sup>

Por esta afirmação Teófilo pretende demonstrar que Caminha, ao tentar montar a trama do romance, negligenciou a importância da obra literária ser fiel à realidade a qual ela descreve, retirando dela seu caráter educativo e instrutivo, em prol de um floreio estilístico. Para Teófilo, o trabalho do escritor aproximava-se ao realizado pelo cientista<sup>91</sup>, utilizando o cotidiano como laboratório de pesquisa, tendo na verdade seu principal objetivo.

Teófilo destaca ainda as imprecisões cometidas por Caminha na abordagem da seca de 1877, afirmando que o romance trata-se de uma obra de quem não pesquisou a fundo as experiências vividas pelos migrantes, sendo, na opinião de Teófilo, impensável que alguém acreditasse, por exemplo, na possibilidade de migrar em fins de 1877 com provisões em abundância. Nos números 25 a 27 realizou a contraofensiva às críticas recebidas em 1891, onde rebate ponto a ponto as críticas de Caminha, fazendo uma defesa do que foi escrito e da maneira como foi escrito, apontando que a falta de qualidade literária presente não deslegitima sua tentativa de realizar um relato sincero sobre a vida da população exposta à seca. No fim das contas, a querela entre Rodolfo Teófilo e Adolfo Caminha aponta a importância da dimensão social na obra literária, e apresenta as tensões no campo literário em disputa sobre o equacionamento da “verdade” literária.

Na obra *Os Meus Zoilos*<sup>92</sup>, Teófilo faz uma ponderação interessante sobre a composição de *A Fome*. Quando destaca que se deixou levar pela vontade de apresentar profusamente conhecimento sobre o tema, prejudicando o andamento do romance, mostra compreender que apenas a veracidade dos dados e dos fatos era insuficiente para a veracidade do romance. Uma vez que como aborda Antonio Cândido, em *Dialética da Malandragem*, a

<sup>90</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *O Pão* Nº 19, 1 de Julho de 1895, p. 3.

<sup>91</sup> Cf. PINHEIRO, 2011.

<sup>92</sup> TEÓFILO, 1924.

impressão de real do romance somente far-se-á efetiva na medida em que os dados empíricos da realidade servirem à composição da trama, e não apenas aparecerem como amontoado de dados. O dado sendo relevante apenas quando ajuda a contar a história<sup>93</sup>. Rodrigo Marques observa que, no caso de *A Fome*, a coerência interna do romance é fraturada pela presença de dois planos de composição (Romântico e Naturalista), que não interagem entre si<sup>94</sup>. Este desequilíbrio, no plano estilístico, com duas escalas de valores opostas, sendo uma visão humanística para o núcleo central, formada pela família de Manuel de Freitas, e uma visão de distanciamento e condenação científica, para os demais migrantes, institucionaliza um discurso de marginalização e criminalização da população mestiça e pobre, que não apresentando a dignidade dos valores morais e religiosos da família do ex-proprietário, era vista apenas como corrupta e degenerada, regida pelo meio.

A migração para a Amazônia, também apresenta esse caráter simplista de tratamento, sendo representada como reflexo de interesses irracionais (busca por riqueza). Na obra de Teófilo, a negação da migração para a Amazônia, como solução para os problemas da população cearense, passava pela negação da capacidade dos migrantes em tomar decisões racionais sobre a própria vida, assim como pela desconsideração de suas formas de interpretar o mundo. Uma preocupação maior com o projeto de progresso do que com os interesses individuais dos homens e mulheres migrantes.

No conjunto da obra de Rodolfo Teófilo, o fator que norteia sua conduta escriturária e de vida é a questão da verdade. Seja nas polêmicas com o Instituto Politécnico do Rio de Janeiro<sup>95</sup> ou da efetividade da cura da varíola pela vacinação, Teófilo procurou legitimar sua atuação como intelectual, seja por sua bagagem de conhecimentos, pela dedicação intensa ao estudo e ao levantamento de dados sobre a temática estudada, seja por ser testemunha que acompanhou por si os acontecimentos, experimentando e atuando neles e, deste modo, detém a autoridade de escrever, mesmo que uma narrativa incompleta pela falta de estilo, mas plena de sinceridade.

---

<sup>93</sup> CÂNDIDO, 2004, p. 28-29.

<sup>94</sup> MARQUES, 2016, p. 99.

<sup>95</sup> No mês de outubro de 1878, membros do Instituto Politécnico do Rio de Janeiro reuniram-se para discutir sobre o problema da seca que assolava a região norte do Império. Devido a contratempos, como ausências de membros e falta de conhecimento do assunto, as sessões foram esvaziadas e não tiveram qualquer proposição prática para solucionar o problema. Como observa Vale Neto, a tomada de posição de Teófilo frente às colocações do Instituto Politécnico, e principalmente do Barão de Capanema, intelectual reconhecido e respeitado no cenário cultural nacional, membro da Comissão Científica que entre 1859 e 1861 realizou levantamento estatístico e documental da natureza cearense, representava a possibilidade de legitimar seu lugar como intelectual especializado na temática das secas, que mesmo a partir de uma província periférica poderia produzir um discurso mais abalizado sobre a realidade cearense do que os “sábios da corte”. VALE NETO, 2006, p. 35-38.

Essa defesa irrestrita da verdade como argumento principal para justificativa da escrita, aparece inscrita na introdução do livro “Secas do Ceará”, de 1901. Para legitimar a importância de narrativas sobre as secas, Teófilo afirma que “só tive uma preocupação quando narrei e comentei os episódios que se vão ler – servir á justiça e á verdade”<sup>96</sup>. Narrativa necessária, para Teófilo, ante o desconhecimento pelos moradores do sul do país da intensidade da calamidade e dos esforços empreendidos pelos cearenses para superá-la e pela pratica contumaz na sociedade cearense de se moldar à verdade dos fatos de acordo com os indivíduos a serem atingidos: “Tive que censurar a funcionarios de minha particular estima. Sabe Deus quanto me custou fazel-o. Tratei-os com a mesma isenção de animo como se me fossem indifferentes”<sup>97</sup>. Na busca da narrativa mais sincera, havia o desejo, por parte de Teófilo, da constituição de uma intervenção social prática.

Na confecção dos relatos escritos, sejam as produções literárias, sejam aquelas de cunho científico, sobretudo quando realiza-se a tematização da seca, há uma sobreposição entre o tempo da narrativa e o tempo vivido, que gera uma sensação de indiferenciação entre o fato narrado e o fato vivido, diluindo as fronteiras existentes entre um e outro. Ainda mais quando se pretende demonstrar que o fato narrado tem uma elasticidade temporal, em perspectiva, já introjetado como herança familiar e social por meio de transmissão oral, e em perspectiva, como uma realidade que fatalmente virá a ocorrer. Teófilo confirma a amplitude temporal nos marcos da seca tanto na *História das Secas do Ceará* quanto, por exemplo, no romance *O Paroara*. No primeiro, encontramos a seguinte passagem: “Durante aquelle período o flagello tem quatro vezes se reproduzido, nos anos de 1877 a 1879, 1888 a 1889, 1898 e 1900. Fomos testemunha ocular de todas essas seccas”<sup>98</sup>. Já na obra de ficção, temos: “Aquela arma quase comida de ferrugem e ali encostada havia quarenta anos, tinha uma triste história. Seu avô a havia recebido de um retirante de 1945 e a tinha em depósito até que voltasse de Fortaleza para onde emigrara.”<sup>99</sup>.

Teófilo legitima sua escrita, no conjunto de sua obra, por ter sido testemunha ocular dos fatos que narra, estabelecendo uma relação direta entre o visualizado e a narrativa. De Decca observa, todavia, que nos estudos de obra literária há uma séria dificuldade em relacionar as narrativas com seus referentes, seja pela separação entre real e ficcional, seja

---

<sup>96</sup> TEÓFILO, 1922(b), p. 10.

<sup>97</sup> *Id.*, *loc. cit.*.

<sup>98</sup> *Ibid.*, p. 12.

<sup>99</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *O Paroara*: romance. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social, 1974, p. 30.

pela capacidade que a obra literária tem de se autonomizar com relação ao referente<sup>100</sup>. Antonio Cândido destaca que toda obra literária é um objeto construído e propõe um modelo próprio de coerência do mundo<sup>101</sup>.

Na luta contra as injustiças sociais, Rodolfo Teófilo assume uma atitude engajada e estabelece como instrumento de combate a palavra transformando em ação. Essa atitude o levou a empreender praticamente sozinho uma campanha de vacinação pública, que contou com forte oposição dos poderes públicos, que não aceitavam a atuação independente e não-alinhada aos seus interesses. Assim, para Teófilo, a função do escritor ligava-se à busca da transformação social, devendo desconsiderar os interesses que seriam contrariados ou devassados na busca de produzir melhoria para a coletividade.

Por outro lado, a vacinação pública expunha a preocupação de Teófilo em relação à degeneração social. Na sua posição de sanitarista, propunha um ordenamento do espaço público e intervenção no meio doente. Para ele, a aglomeração de pobres levaria à disseminação de crimes, doenças e perversões:

Aquelle scenario... me fez lembrar, não sei porque, o longo periodo de estacionamento que atravessaria o Brasil devido a sua grande população mestiça. Lembrava-me com funda tristeza, que a origem de oito décimos da população deste grande e opulento paiz fôra a mesma daquelles cinco meninos nús e piolhosos, educados por uma mãe analphabeta e viciosa<sup>102</sup>.

A passagem acima explicita que o discurso de Teófilo também estava eivado de um pensamento discriminatório, alinhando-o a postura formulada pelas elites com relação aos pobres: busca por construção de uma forte disciplina urbana, baseada no controle social das camadas pobres. Essa tentativa de ajustamento social aos moldes europeus construiu-se pela repressão às manifestações populares, que transgrediam a moral do trabalho e os comportamentos urbanos aceitos<sup>103</sup>.

Teófilo, em sua produção literária, reforça a visão do intelectual como pertencente a uma elite desvinculada do conjunto da sociedade, capaz de apresentar o mecanismo de funcionamento da sociedade e seu povo e a maneira de transformá-lo. Ao instituir-se como “guia social”, assume a tarefa de constituir a “identidade do outro”, representando-lhe,

<sup>100</sup> DE DECCA, 1997, p. 49.

<sup>101</sup> CÂNDIDO, Antonio. *O Discurso e a cidade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004, p. 177.

<sup>102</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *Variola e Vacinação no Ceará*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997, p. 109.

<sup>103</sup> CARDOSO, Gleudson Passos. *“Bardos da canalha, quaresma de desalentos”*. Produção literária de trabalhadores em Fortaleza na Primeira República. 2009. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

todavia, de maneira distorcida. Reforça a exclusão das formas de encarar e contar o mundo por parte da população mestiça e pobre. Ao identificar a incapacidade de transformar a realidade apresenta um sentimento de frustração. Em sua contradição, mostra a contradição do programa de forja da identidade nacional.

### 2.3.2 *O Paroara*

*O Paroara*, quarto romance de Rodolfo Teófilo, publicado em fins de 1899, acompanha a trajetória de vida de João das Neves, agricultor pobre da região do Quixadá, que diante dos reveses financeiros vividos decide emigrar para a Amazônia, horizonte de riqueza e abundância no período. A narrativa é desenvolvida em terceira pessoa, com narrador onisciente, que em determinadas situações evita nomear lugares e pessoas, para não identificar algumas pessoas reais.

A narrativa constitui-se de uma estrutura temporal linear a partir do cap. 9 (estabelecendo os acontecimentos entre 1897-1899), com os caps. 1-8 funcionando para apresentar as personagens principais – João das Neves, Chiquinha (esposa de João, mulher forte, virtuosa, filha de tísicos) e padre Mourão (religioso virtuoso, padrinho de João e Chiquinha) – suas características psicossociais e experiências de vida entre as décadas de 1870-1880. As temporalidades do enunciado (narrativa) e da enunciação (obra) caminham de forma paralela. A parte final do romance, com o retorno de João das Neves ao Ceará, situa-se em meados de agosto de 1899, sendo que a publicação da obra dá-se em novembro do mesmo ano. Explicitando, assim que, para Teófilo, como para parcela dos escritores, a literatura servia como espaço para questionar o vivido. Por meio de um trabalho estético o escritor cria um produto capaz de analisar a sociedade e educar os leitores. A literatura, portanto, deveria ser capaz de apresentar a sociedade como um todo, destacando os agrupamentos humanos que a compunham e as leis que a regiam. Utilizando-se dos princípios científicos para o estabelecimento do universo literário, os escritores transmutavam a obra literária em documento social.

*O Paroara*, que se tornou seu principal libelo contra a migração à Amazônia, tem entre suas estratégias discursivas comparar as características ambientais (clima, flora, fauna) e sociais do Ceará com as da Amazônia. Essa organização narrativa reveste-se de dois aspectos: a) como método de construção de inteligibilidade para as situações experimentadas pelas personagens na Amazônia, na medida em que parte dos prováveis leitores conhecia a região

apenas por meio de relatos orais ou escritos<sup>104</sup>; b) como forma de afirmar a tese do romance: que a vida no Ceará, apesar das dificuldades cotidianas, seria melhor para estes indivíduos migrantes do que a aventura na Amazônia, que só lhes causaria sofrimento e perdas<sup>105</sup>.

E, na busca de afirmação da tese, procura Teófilo pontuar as quebras de personalidade e rupturas a que os indivíduos migrantes são expostos. Não que o deslocamento a Fortaleza não traga novas formas de referência social, sobretudo no que se refere à estruturação dos papéis a serem desempenhados por estes homens. Mas os relacionamentos intergrupais ainda pautam-se pela premissa da conterraneidade, da origem comum. Mesmo que os migrantes pobres sejam vistos como o outro, invasor do espaço urbano, a marca carregada do “ser cearense”, sentimento de identidade ainda em processo de construção, e o compartilhamento de determinadas práticas e costumes faziam com que fosse possível uma identificação com o espaço da capital, o que não pode ser visualizado com relação à ocupação da Amazônia.

Nestas bases, o arrependimento consiste na consequência inevitável e principal, para Teófilo, da experiência cearense nos seringais. A repetição diuturna da estafante tarefa da extração do látex, em associação às características fatalistas, promoveria uma alteração na visão da realidade desses homens, que, de esperançosos em busca da fortuna palpável, passavam a apáticos vencidos pelas circunstâncias. João das Neves, com os sofrimentos físicos e mentais experimentados, apresenta sentimentos de remorso pelo abandono da terra natal e da família, e um desejo de reaver aquilo que havia perdido. Assim, na visão de Teófilo, para aqueles imprudentes que se colocaram na posição de migrantes na Amazônia, fazia-se necessário passar pela experiência (correção) para comprovar o que era dito/ aconselhado. No sofrimento entenderiam no corpo e na alma o que não compreenderam pela razão. Nesta versão incompleta do filho pródigo, por mais que retornasse não se encontraria mais o lugar como deixou.

Para a confecção de *O Paroara*, a legitimidade construída por Teófilo para as demais obras escritas, a condição de testemunha ocular dos fatos que narra, não se aplica, uma vez que, como vimos anteriormente, Teófilo deixou o Ceará apenas no período de sua

---

<sup>104</sup> No romance, João das Neves sofre um acidente com um peixe elétrico por compará-lo a um muçu e tentar pescá-lo com as mãos: “Aturdido, desorientado, João das Neves se ergueu quase tão depressa como tinha caído e na margem do igapó pensava no caso. (...) O caso achava estranho e mais ainda a mansidão do **muçu**, que estava estirado um pouco adiante em um lugar ainda mais raso”. TEÓFILO, 1974, p. 185.

<sup>105</sup> Sobre o comportamento do migrante durante as festas populares na Amazônia, o narrador observa: “A alegria de seu folgar era toda fictícia. Pelas trovas dos cantadores avaliava-se o seu estado de nostalgia. Todos os seus versos eram repassados de uma saudade tão pungente, de um sofrer tão fundo, que não se podia os ouvir sem se ficar com o coração triste.”. *Ibid.*, p. 178.

formação superior, não conhecendo, portanto, *in loco* a natureza e realidade social da Amazônia. Logo, para conferir credibilidade ao seu escrito, Teófilo necessitou operar também com uma segunda linha de confiabilidade: na descrição das situações e elementos do Ceará, legitimou-se pelo já constatado testemunho ocular. Já no tratamento da natureza e cultura amazônicas, operou por meio de uma série de relatos orais (possivelmente provenientes de migrantes que encontrava em suas andanças pelos arrabaldes de Fortaleza e nos contatos com amigos que viviam nas capitais do Norte, como Papi Junior e Antonio Sales) e escritos (que são indiretamente perceptíveis nos rastros deixados pelo romance, como também referências explícitas a obras da época). Valeu-se, portanto, do poder de escritor, do indivíduo intelectualmente apto para refletir sobre os processos sociais, fiador das informações coletadas, aquele que consegue dar um alinhamento coerente a uma série de informações desarrumadas e dispersas.

A escrita literária de *O Paroara*, apesar da busca de exatidão referencial, comportou uma dimensão imaginativa, uma proposta de completar com deduções e inferências, as informações obtidas. Não por acaso, em artigo escrito para o *Diário da Manhã*, em 1929, Antonio Sales observa a qualidade da descrição realizada por Teófilo, que, comparada à de outros nomes do período, como Euclides da Cunha e Alberto Rangel, que moraram ou tiveram passagem pela região, dá “forte impressão de autenticidade”<sup>106</sup>.

Charles Pinheiro compreende que o melhor acabamento artístico do romance relaciona-se ao abandono dos termos excessivamente cientificistas, para conduzir a narrativa com uma linguagem mais simples e direta, tendendo mais para um regionalismo<sup>107</sup>. Neste sentido, um de seus artifícios literários foi a busca por aproximar a fala das personagens sertanejas ao registro oral do homem sertanejo, que realiza alterações na linguagem culta e não faz uso de termos técnicos em seu linguajar cotidiano, como observou Adolfo Caminha em sua crítica de *A Fome*<sup>108</sup>. Todavia, nem sempre o objetivo foi atingido completamente e as falas das personagens apareceram com um tom misto, passando certa sensação de artificialidade, como na passagem: “\_Quando também *percisarem*<sup>109</sup> de seu caboclo, é só

<sup>106</sup> SALES, Antonio. O romance Yara. *Diário da Manhã*. Fortaleza, 22 de outubro de 1929, ed. 3, col. 1-2, p. 6.

<sup>107</sup> PINHEIRO, 2011, p. 166.

<sup>108</sup> Adolfo Caminha sobre as falas de Manuel de Freitas no romance: “O sr. Teófilo empresta ao pobre homem uma linguagem de sábio, polida e técnica, certo modo de dizer as cousas, extraordinário num filho do sertão. Ouçamos o desgraçado retirante a respeito da mucunã: ‘... sua massa era cor de carne, o sabor suave e adocicado, e os tecidos de uma macieza que muito agrada ao paladar...’. E, assim por diante, o homem fala em *tecidos vegetais* como se fosse um doutor diplomado!”. CAMINHA, 1999, p. 116.

<sup>109</sup> Grifo do autor. Este tipo de identificação em destaque de palavras grifadas fora do padrão culto serve para demonstrar que a presença destas corresponde a um artifício estilístico, e não a erros tipográficos ou ao

mandarem dizer.”, o que não chega a atrapalhar o entendimento da mensagem, nem a verossimilhança do sujeito que fala. A marca de oralidade, todavia, aparece apenas nas falas dos homens pobres. Como observa Antonio Cândido, em *Iniciação à Literatura Brasileira*, tal recurso busca promover uma separação discursiva entre o narrador culto e o homem rústico, demonstrando o caráter elitista e paternalista da representação do pobre na produção literária da passagem do século XIX para o século XX<sup>110</sup>.

Rodolfo Teófilo, com a escrita de *O Paroara*, procurou produzir o discurso “legítimo” sobre a migração cearense para a Amazônia. Partindo da premissa de que a ida para a Amazônia significava um conjunto de perdas materiais e simbólicas para o migrante, Teófilo contribuiu com a visão sobre a região amazônica como local inóspito para a vida. Atribuindo à ação dos agentes do governo e do comércio da borracha a movimentação migrante, Teófilo foi incapaz de perceber os interesses e iniciativas individuais dos migrantes pobres na partida à Amazônia. Trabalhando por uma chave moralizante, o autor desprezou os códigos de conduta dos pobres, atribuindo-lhes a necessidade de serem tutorados pela elite letrada e pelo governo, contribuindo com o projeto das elites de limitar o campo de ação dos pobres. Deste modo, *O Paroara*, como discurso, funciona tanto para denunciar as dificuldades vivenciadas pelos pobres migrantes, como para legitimar o poder intervencionista das elites sobre a vida dos pobres.

---

desconhecimento vocabular do autor. Deste modo, acreditamos que Teófilo procurou defender-se de possíveis críticas que pudessem aparecer por esse tipo de registro escrito.

<sup>110</sup> CÂNDIDO, Antonio. *Iniciação à Literatura Brasileira*. 3ª ed. São Paulo: Humanitas, 1999, p. 67.

### 3 A MIGRAÇÃO CEARENSE NO DEBATE SOCIAL

A migração à Amazônia realizada por cearenses em fins do século XIX, em grande medida, concentrou-se nos segmentos pobres e analfabetos da população, desejosos de melhorar financeiramente por meio do trabalho nos seringais ou impossibilitados de enfrentar a desestruturação material ocasionada pelas secas e pelas políticas exploratórias das elites. Sendo assim, a representação de seus sentimentos, seus sonhos, ficou a cargo das camadas letradas, que terminaram por construir as impressões dominantes sobre sua realidade migratória. Essa “caçada a verdade” da migração mobilizou tanto intelectuais que se colocaram como produtores de uma explicação “científica”, como aqueles que buscaram por meio de um método romanesco de narrar<sup>111</sup> dar um sentido ao tempo passado.

#### 3.1 A migração como um problema cearense

Este tópico busca refletir sobre as análises produzidas sobre a migração, em solo cearense, por parte dos poderes públicos e da intelectualidade, destacando os argumentos utilizados na defesa ou condenação dessa migração.

A cotidianidade da questão migratória na realidade cearense pode ser percebida mediante a circulação de notícias nos periódicos locais, a exemplo de estatísticas, no mínimo semanais, sobre os embarques e desembarques de passageiros, como a realizada pelo jornal *A República* em janeiro de 1898: janeiro – “No mez de janeiro sahiram desta capital nos vapores do Lloyd Brasileiro, para o sul 201 e para o norte 438”<sup>112</sup>. Também podem ser encontradas abordagens da situação de regresso dos migrantes, como a realizada pelo jornal *O Trabuco*, em sua edição número 1, na página 4: “Na rua Major Facundo temos uma cascavel que perdeu a peçonha, pois anda namorando com um paroara que só tem amarelidão. Tenha juízo velha.”<sup>113</sup>. O assunto da migração aparecia ainda em artigos de divulgação, que sistematizavam a produção intelectual local e a sintetizavam para o público leigo, tal qual o feito por J. Braga para o *Almanaque do Ceará* de 1900<sup>114</sup>.

No que concerne aos homens letrados cearenses do século XIX, o problema da migração cearense estava diretamente ligado à ocorrência das secas que assolaram o território

<sup>111</sup> RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A poeira do passado: tempo, saudade e cultura material*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

<sup>112</sup> Emigração. *A República*. Fortaleza, 24 de fev. de 1898, p. 1.

<sup>113</sup> *O Trabuco*. Fortaleza, ed. 1, col. 1, p. 4.

<sup>114</sup> J. Braga. *Datas Chronologicas. Almanaque do Ceará*. Fortaleza, 1900, ed. 7, p. 203-206.

do Estado. Verónica Secreto analisa que esta relação entre migração e seca é de difícil dissociação, na condição em que a ocorrência de uma nova seca explicita os desarranjos na estrutura agrícola, dando-lhe visibilidade:

Cada crise agrícola era seguida por uma onda de retirantes-emigrantes que saíam dos sertões em direção ao litoral e deste, às vezes, para fora dos estados atingidos pelas secas em busca de melhores condições de vida. Assim, a emigração reiterava seus mecanismos universalmente conhecidos: fatores de expulsão e de atração. Como causa da saída, podemos considerar que estava a seca, desnudando motivos mais profundos que se relacionavam com a questão agrária, mas que no momento da falta de chuvas se apresenta como uma crise agrícola.<sup>115</sup>

Ivone Barbosa, ao trabalhar as múltiplas interpretações sobre o sertão, com relação aos anos finais do século XIX, nos lembra que a maioria dos literatos pertencentes à Geração de 1870 conhecia a seca apenas por relatos orais e estudos. Então, diante da sensação de estranhamento que a seca de 1877 produziu, houve a necessidade de criar-se um entendimento plausível para o fato. O que fez com que o fenômeno da seca tomasse uma dimensão ampliada em seus relatos, acrescida pelo senso de realidade que o testemunho ocular intensificava<sup>116</sup>.

Uma associação entre seca e migração representou, sobretudo, a busca de explicação deste fenômeno por aquele, que devido às últimas experiências sociais, havia transposto, na percepção dos segmentos urbanos, a condição de fenômeno natural para a de problema científico, tendo como parâmetros os modelos europeus. Não se pode desconsiderar, no entanto, que as relações entre saber popular e ciência, e entre ciência de base europeia e as peculiaridades locais foram, como destacado anteriormente, marcadas por aproximações e distanciamentos, sobretudo quando considerada a questão da degeneração racial em um espaço formado, em sua maioria, por mestiços.

O tipo de relação de interdependência construída pelo homem rural com a terra, para os intelectuais locais, explicaria as possíveis motivações de uma migração para a Amazônia. Não havia, no entanto, concordância sobre qual a ação mais adequada a esta população, se ficar ou partir, formando assim uma disputa em torno de qual seria o discurso hegemônico e “verdadeiro” sobre o ato de migrar no Ceará.

É necessário destacar que esta disputa em torno dos destinos de parcelas significativas da população cearense, está inserida no plano maior de disciplinamento de

---

<sup>115</sup> SECRETO, Verónica. *Soldados da borracha: trabalhadores entre o sertão e a Amazônia no governo Vargas*. São Paulo: Perseu Abramo, 2007, p. 37.

<sup>116</sup> BARBOSA, 2000.

corpos imposto pelas teorias científicas às quais estes segmentos letrados se alinhavam. Ao considerarem a mestiçagem um estigma a ser superado e os pobres como seres despossuídos de aparato intelectual para decidir por própria conta os seus destinos, os intelectuais atribuíam-se um papel tutelador, responsáveis pela educação e direcionamentos destes homens e mulheres nos novos caminhos que a ciência e o progresso pregavam.

José Roberto do Amaral Lapa, ao analisar o processo de controle empreendido sobre as populações pobres no Rio de Janeiro e em São Paulo, na transição do trabalho escravo para a lógica capitalista, observa a constituição de um forte argumento: a ideia do trabalho como meio de superar a pobreza, passando a ideia de que o não trabalho é imoral, um vício, um crime<sup>117</sup>. Verónica Secreto destaca ainda que a disseminação dessa ideia concorre para disciplinar a circulação dos trabalhadores, obrigando-os a vender sua força de trabalho<sup>118</sup>. Esse será, na experiência cearense, o principal argumento utilizado para justificar a migração para a Amazônia.

A questão do trabalho lida com dois princípios organizadores, e não necessariamente sincrônicos: a lógica capitalista, que construía, crescentemente, a dependência da província dos produtos industrializados<sup>119</sup> e, em contrapartida, exigia o aumento do público consumidor pela transformação do perfil do mercado de trabalho; uma lógica tradicional, que via no trabalho a carga de sofrimento a ser passada no vale de lágrimas da vida, e que demonstrava a capacidade do homem em fazer-se apto a superar as adversidades, e tornar-se útil à sociedade. Sobre este primeiro princípio, Edson Barboza analisa que houve, durante as décadas de 1860 e 1870, uma transformação na estrutura produtiva do campo, com intensificação de uma agricultura voltada ao mercado externo, visando acompanhar as demandas do cenário internacional, sobretudo de algodão. Este programa tornou-se desastroso aos pequenos agricultores, que perderam espaço de produção dos gêneros de subsistência (milho, feijão) e a possibilidade de obtenção de materiais para confecção das casas (matas), levando a intensificação do sistema de dependência aos grandes proprietários<sup>120</sup>. No caso das personagens pobres apresentadas por Teófilo, a ideologia da valorização do trabalho norteará seus pensamentos, atribuindo-lhes dignidade, como no caso de João das Neves. Na Amazônia, precisando encontrar uma maneira de não se entregar aos sentimentos de arrependimento e desespero, e de conseguir voltar à sua família, o narrador

---

<sup>117</sup> LAPA, José Roberto do Amaral. *Os excluídos: contribuição à história da pobreza no Brasil (1850-1930)*. São Paulo: EDUSP; UNICAMP Editora, 2008, p. 17.

<sup>118</sup> SECRETO, 2007, p. 43.

<sup>119</sup> ALENCAR, 2002, p. 124.

<sup>120</sup> BARBOZA, 2013, p. 47.

aponta a saída: “Só o trabalho poderia libertá-lo, só o trabalho lhe restituiria a pátria, que ele pensou não amar tão perdidamente”<sup>121</sup>.

Para os favoráveis à saída em massa da população para outras terras, a migração apresentava uma condição utilitária: desafogar os cofres públicos. Nas falas do Presidente do Ceará são comuns comentários referentes à falta de verbas que as inúmeras secas trouxeram ao erário público, provocando sérias dificuldades na manutenção da saúde e higiene sanitária das cidades. Dentro deste cenário de incapacidade financeira para lidar com as demandas mínimas para sobrevivência dos migrantes em potencial, o Estado teria possibilidade apenas de promover o deslocamento destes para outros lugares, como nas palavras do Presidente Pedro Borges (1901-1904)<sup>122</sup> em 1901:

Enquanto não são decretadas as medidas cuja execução depende do tempo, e que não podem remediar com urgência a situação penosa da população advéncia que se acumula na capital, a providência que pode ser tomada, no momento, é facilitar a sua saída, promovendo activamente a emigração para o Amazonas e Pará.<sup>123</sup>

Já Nogueira Accioly (1897-1900/ 1905-1911), poucos anos antes, mais precisamente em 1899, tomava a questão sob outro ponto de vista:

[...] outras perturbações de nossa economia interna, nenhuma se avanta a essa lastimosa corrente emigratória que, de annos a esta parte, tem se estabelecido, sempre em escala ascendente, para a região amazônica, e a que somos forçados a assistir com a consciência do mal, que nos ocasiona, e com o desespero da carencia dos meios para cortal-a.<sup>124</sup>

Nogueira Accioly, por meio desta fala, deixa explícito seu pensamento oposicionista com relação à emigração cearense. Chegando, inclusive, a destacar que esta detinha um caráter mais negativo para as finanças do Estado do que a própria seca. Justifica, no entanto, a falta de uma atitude com vistas a barrar tal movimentação pela escassez de recursos nos cofres públicos. Neste sentido, dava destaque ao papel como mão-de-obra que estes indivíduos desempenhariam, potencial que seria perdido para o local de destino com o

<sup>121</sup> TEÓFILO, 1974, p. 166.

<sup>122</sup> Sobre o governo e a figura de Pedro Borges, Rodolfo Teófilo tece comentários mordazes, observando que sua atuação como Presidente do Estado não teve outro intuito do que manter a política de enfraquecimento do Estado criada e iniciada pelo antecessor Nogueira Accioly, verdadeiro mandatário da política do Ceará. Para Teófilo: “O dr. Pedro Borges era um espirito frívolo, amando os perfumes e as côres claras, enamorado de si mesmo, gênio estouvado, incapaz de observar atentamente cousa alguma: era homem da primeira impressão. A cabeceira do seu antecessor conheceu que elle havia sido chamado para um conciliábulo, para dar os seus cuidados como presidente, como chefe de estado, não como médico.” *Libertação do Ceará* (queda da oligarquia Accioly). Ed. Fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001, p. 10-11.

<sup>123</sup> Mensagem do Presidente do Estado do Ceará em 1901, p. 28. Disponível em: [WWW.CRL.EDU/CONTEST/PROVODEN.HTM](http://WWW.CRL.EDU/CONTEST/PROVODEN.HTM). Pesquisado em 10 de maio de 2017.

<sup>124</sup> Mensagem do Presidente do Estado do Ceará em 1899, p. 26. <<http://WWW.CRL.EDU/CONTEST/PROVODEN.HTM>>. Pesquisado em 10 de maio de 2017.

embarque, numa indicação que estes homens colocavam-se numa marcha sem retorno. Segundo Verónica Secreto, a migração cearense tornou-se uma questão problemática para a política administrativa do Estado uma vez que exigiu da elite local um posicionamento entre a abertura para saída dos trabalhadores e aperfeiçoamento nos mecanismos de controle da população<sup>125</sup>.

A fala de Accioly, longe de atender a um sentimento fraternal, pensa a questão econômica diferentemente da pensada por Pedro Borges. Enquanto este se preocupava com a capacidade econômica de controle de uma grande quantidade de pessoas, aquele pensa num possível enfraquecimento das bases econômicas do estado, com a diminuição da mão-de-obra disponível. Isso, em médio prazo, poderia ocasionar também um enfraquecimento do poder de mando das autoridades das vilas e municípios, gerando uma desestruturação da política oligárquica, que o legitimava e o mantinha no poder. Clamar pela partida ou pela permanência, da perspectiva dos mandatários do Estado, não levava em conta as necessidades e os interesses dos migrantes. Nas palavras de Edson Barboza:

a opção pelo estímulo à emigração contribuiria para mediar os desafios de impedir aglomerações e propagação de doenças na Capital, além de ser uma válvula de escape para as tensões sociais geradas pela insatisfação de milhares de retirantes que chegavam a Fortaleza, chocando comerciantes e a elite letrada que projetavam, naquele momento, intervenções urbanas na cidade, visando dotá-la de ares de urbe moderna e civilizada.<sup>126</sup>

Não podemos desconsiderar nessa análise que a migração, enquanto fenômeno social, é marcada por duas trajetórias, uma de chegada e outra de saída, logo cada indivíduo inserido neste movimento é um emigrante e imigrante ao mesmo tempo<sup>127</sup> e, deste modo, se havia incentivo pela migração no Ceará, enquanto polo emigrante, como notado acima, a contrapartida também existia, e os Estados amazônicos (Pará e Amazonas), polo imigrante, eram peça-chave na consolidação do processo migratório. Esse incentivo é visualizado nas falas dos governantes dos dois polos. No ano de 1901, Pedro Borges destacaria a ação solidária dos governantes do norte em permitir que os migrantes cearenses se instalassem na região: “Neste sentido o benemérito governador do Pará tem já prestado valioso concurso, e a elle dirigi-me solicitando a continuação de tão relevante serviço”<sup>128</sup>.

Os Presidentes do Pará e Amazonas também justificam a política de incentivo à

<sup>125</sup>. SECRETO, Verónica. Ceará, a fábrica de trabalhadores: Emigração subsidiada no final do Século XIX. *Trajetos: Revista de História UFC, Fortaleza*, vol. 2, nº 4, 2003, p. 50.

<sup>126</sup> BARBOZA, 2013, p. 50.

<sup>127</sup> SAYAD, 1991.

<sup>128</sup> Mensagem do Presidente do Estado do Ceará em 1901, p. 28. Disponível em: <<http://WWW.CRL.EDU/CONTEST/PROVODEN.HTM>>. Acesso em: 10 de maio de 2017.

migração cearense como uma ação patriótica, de acordo com os princípios republicanos, em que era necessário providenciar auxílio aos “infelizes compatriotas”, aos quais foram oferecidos atenção, terra e trabalho. O Presidente do Amazonas em 1898, em fala ao Congresso Estadual, afirma dar todas as condições alimentares e de hospedagem aos que chegassem ao estado:

Apenas este governo houve conhecimento desse mal que reduzia a penúria grande parte da população cearense, por telegramma se dirigio ao Presidente do referido Estado, offerecendo passagens aos que desejassem vir para o Amazonas onde facilmente achariam recursos, os meios de vida que careciam na pátria<sup>129</sup>.

O governante do Pará, José Paes de Carvalho, em 1901 segue a mesma linha argumentativa:

Os auxílios que prestei a esta laboriosa população, acossada por um infortúnio que devemos considerar como uma desgraça nacional, e ante a qual cumpre-nos proporcionar a estes infelizes irmãos o amparo da nossa hospitalidade e conforto, são largamente compensados pela atividade que nos trazem esses valentes filhos do Norte<sup>130</sup>.

Há nos discursos oficiais a construção de uma imagem de complementaridade entre os destinos do Ceará e dos estados Amazônicos (Pará e Amazonas), estes ofertando oportunidades de trabalho e aquele contribuindo com mão-de-obra. Discurso que nas fimbrias afirma a existência de uma relação desigual, com a sociedade mais forte (paraense e amazonense) que traz a salvação ao mais fraco (cearense).

Esse estímulo dado à migração cearense, não sendo destituído de interesses materiais, tinha uma dimensão prática, na medida em que os cearenses seriam os responsáveis pela exploração da região e povoamento do território. Segundo Victor Leonardi, a ação de incentivo à imigração tinha como projeto a ampliação do número de trabalhadores colocados à disposição da empresa da seringa, em virtude, principalmente, da baixa concentração populacional, que, entre outros motivos, fez-se sentir após a Cabanagem<sup>131</sup>. Para Maria Ligia Prado e Maria Helena Capelato, que utilizam dados levantados por Celso Cardoso, a migração de nordestinos para a região amazônica não foi inferior a quinhentas mil pessoas<sup>132</sup>. Os

<sup>129</sup> Mensagem do Presidente do Estado do Amazonas em 1898, p. 37. Disponível em: <<http://WWW.CRL.EDU/CONTEST/PROVODEN.HTM>>. Acesso em: 10 de maio de 2017.

<sup>130</sup> Mensagem do Presidente do Estado do Pará em 1901, p. 45. Disponível em: <<http://WWW.CRL.EDU/CONTEST/PROVODEN.HTM>>. Acesso em: 10 de maio de 2017.

<sup>131</sup> LEONARDI, Victor. *Entre árvores e esquecimentos: história social dos sertões no Brasil*. Brasília: Paralelo 15, 1996.

<sup>132</sup> PRADO, Maria Ligia; CAPELATO, Maria Helena. A borracha na economia brasileira da Primeira República. Boris Fausto (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. Vol. 8. São Paulo: Difel, 1977, p. 291.

migrantes faziam parte de um processo maior, de inserção da Amazônia no cenário do capitalismo internacional, onde a produção da borracha precisava atender às demandas da produção industrial europeia e americana<sup>133</sup>. Edilza Fontes observa que as propagandas realizadas pelos governos amazônicos no início do século XX ignoravam a situação de vida e de trabalho nos seringais e creditava às seringueiras a possibilidade de resolver todos os problemas dos migrantes<sup>134</sup>.

Para além dos discursos do Estado, há a presença de defesa da migração à Amazônia nos jornais e revistas literárias locais. Em 1908, na Revista da Academia de Letras, Dr. Raymundo Pereira da Silva, em artigo intitulado *O problema do Norte*, observa que a seca causava inúmeras vítimas por provocar a emigração para a Amazônia, onde estes morreriam mais pela pauperização da alimentação e das condições materiais do que pelo clima (que na opinião dos opositores da emigração seria o principal fator de morte dos cearenses migrantes). Segundo o autor, a seca seria um fenômeno que não poderia ser evitado, mas ter diminuídos seus efeitos, o que ocorreria por meio de um programa racional de migração, capaz de recrutar e direcionar os migrantes para locais onde pudessem ser bem aproveitados como força de trabalho. Desse modo, segundo o autor, contribuiriam com o desenvolvimento do país, além de permiti-lhes a obtenção do sustento pelo próprio esforço, não sendo expostos às humilhações de dependerem do assistencialismo do governo ou de particulares. Essa solução, para ele, faria tanto diminuir o gasto do governo federal com a subvenção da migração estrangeira como lhe permitiria agir dentro do Pacto Federativo, evitando que os nacionais morressem à míngua<sup>135</sup>.

A possibilidade de pensar a migração enquanto espaço de liberdade é apontada, inclusive, por Rodolfo Teófilo em suas obras literárias, mesmo que transmutando-se em seguida em cativo. A posição social dos indivíduos migrantes pobres era marcada pela exploração do trabalho, sobretudo nas grandes propriedades rurais, vivendo com condições mínimas de subsistência, submetidos a um regime de tratamento humilhante e desumano<sup>136</sup>.

---

<sup>133</sup> LEONARDI, 1996, p. 94.

<sup>134</sup> FONTES, Edilza. A batalha da borracha, a imigração nordestina e o seringueiro: a relação história e natureza. *Faces da Amazônia*. Fernando Artur de Freitas Neves (org.). Belém: Paka-Tatu, 2006, p. 235.

<sup>135</sup> Raymundo Pereira da Silva. O problema do Norte. *Revista da Academia Cearense de Letras*. Fortaleza: Typographia Universal. T. XIII; 1908, p. 79.

<sup>136</sup> Situação a contradizer a visão telúrica que se foi construindo em relação ao espaço rural. Tal constructo imagético, na interpretação de Raymond Williams, pretende entender a presença humana no campo como uma vida mais simples e natural, prenhe de inocência e harmonia, onde as relações humanas são indissociadas da ordem da natureza. Uma visão que vislumbra no campo o paraíso perdido e desconsidera as tensões e os conflitos. WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

A atenção dada pelo Estado a eles era incipiente, sendo tratados como intrusos no espaço urbano, a atrapalhar a dinâmica “civilizada”. Sua existência, de maneira geral, encontrava-se no “fio da navalha”, utilizando-se de inúmeros subterfúgios para sobreviver. Imaginemos quando este pouco era-lhe interdito, uma vez que, como observa Frederico Neves, nas últimas décadas dos Oitocentos há uma crise dos mecanismos tradicionais entre o Estado e os pobres<sup>137</sup>, e as práticas tradicionais de caridade sofrem uma sensível alteração. Se não podia contar com o núcleo dirigente, que não o via, nem com sua rede de convivência, inscrita na mesma situação, o que poderia fazer? É numa realidade social como esta que a terra natal poderia representar-se como a prisão a que estava submetido. Neste quadro de falta de apoio, não parece desprezioso ou injustificável vislumbrar na emigração uma possibilidade real com vistas a mudar esta realidade penosa, a transpor as barreiras do sofrimento em busca da felicidade, a trazer liberdade a um espírito que fora criado para “fazer o futuro pelo trabalho”, que não poderia esperar o desenrolar dos acontecimentos de modo passivo. João, do poema *Emigração* de Teófilo, justifica a sua esposa Isabel a necessidade de migrar:

Mas Izabel sem alento,  
 Ouvia tudo a chorar.  
 \_\_\_ Começas tu meu tormento,  
 Porque tu vais me deixar?  
 \_\_\_ Zabel, eu vou a pobreza  
 Trocar por muita riqueza  
 Na terra dos seringaes.  
 Um cabra tão famanaz  
 Morrendo de fome aqui!  
 Vinte mil réis lá por dia!  
 Em breve terei valia,  
 Mas não me esqueço de ti.<sup>138</sup>

Por seu lado, o grupo desfavorável à migração, onde se encontram figuras como Antônio Sales, Joaquim Pimenta, Rodolfo Teófilo, imprimia uma carga de intensa negatividade a esta saída cearense. Baseando seus discursos na necessidade de fixação do homem à terra, chegavam a apelar a um espírito de nacionalismo-regionalismo. Apresentavam que havia soluções para as dificuldades vividas na permanência, desde que deixassem de ser “descuidados com o futuro”, ou seja, tivessem em mente as ideias de economia em pauta nas tendências mundiais, aceitassem os novos tempos. Uma vez que a ida a Amazônia apenas legaria ao migrante a doença ou a morte, “vencido na titânica e feroz luta de desbravar as

<sup>137</sup> NEVES, 2000, p. 86.

<sup>138</sup> Rodolfo Teófilo. *O Emigrante*. *A Fortaleza*. Fortaleza, 25 de março de 1907, ano I, número 6, p. 9.

entranhas do assassino e traíçoeiro amazonas”<sup>139</sup>.

Um dos pontos nos quais se baseavam os contrários à migração diz respeito a uma das consequências principais que a estadia na Amazônia poderia causar ao migrante: a morte prematura, antes da obtenção de qualquer rendimento. Em *A Fortaleza* de 6 de outubro de 1906 é noticiada a morte de João Pimenta Filho:

Mais um intrepido batalhador cearense vencido na titânica e feroz luta de desbravar a entranhas do assassino e traíçoeiro Amazonas!  
 (...) Esta endêmica nevrose de imigração, esta loucura que febrilmente persegue os nossos patrícios, lançou-o nas inhospitas solidões das terciárias florestas amazonicas. Quando esperava colher por meio de um tenaz e ingrato labor, recursos que melhormente pudessem habilita-lo a enfrentar o rude *struggle for life* em seu idolatrado torrão, foi surpreendido pela morte, longe, muito longe, do feliz e amado lar!<sup>140</sup>

A citação acima poderia ser a narrativa de mais uma dentre as inúmeras mortes ocorridas nos seringais amazonenses de migrantes cearenses, se não fosse por um detalhe: o migrante morto era irmão de Joaquim Pimenta, figura que terá destacada atuação no cenário intelectual do estado. Como não imaginar que foi o próprio Pimenta, como um dos membros do corpo editorial de *A Fortaleza*, que redigiu a notícia informando a morte de João? Qual a intensidade de sua dor e sofrimento em ver publicizado sua desdita familiar? Podemos inferir que a divulgação do caso familiar tem uma dimensão pedagógica, na medida em que permite ao leitor vislumbrar quais seriam as reais consequências de uma partida impensada para a Amazônia. Quando a notícia realiza uma associação entre a iniciativa da migração com uma doença, está reafirmando o impacto que o determinismo biológico tem sobre os comportamentos dos indivíduos, diminuindo assim a compreensão de atuarem por sua própria vontade ou interesse.

Anos depois, Joaquim Pimenta relembra a morte do irmão desta maneira:

Embora temendo pela sua sorte, já adivinhando, com a falta de notícias, um desenlace doloroso, tão brutal foi o golpe, que o Raul Uchôa, apiedado de mim, deu-me a ler a *Imitação de Cristo*; mas eu já andava lendo Spencer e busquei no seio opulentíssimo da natureza amazônica, onde o sepultaram, na transformação perene da vida em planta, em flôr, em perfume, um refúgio e um bálsamo para a minha dor, que eu não poderia mais encontrar entre as ruínas da minha crença desfeita<sup>141</sup>.

A dor pela morte do irmão Pimenta procurou superar pelo aprofundamento do estudo dos livre-pensadores, especificamente do pai do evolucionismo. Aos cristãos era

<sup>139</sup> João Pimenta Filho. *A Fortaleza*. Fortaleza, 6 de outubro de 1906, ano I, nº 1, p. 8.

<sup>140</sup> João Pimenta Filho. *A Fortaleza*. Fortaleza, 6 de outubro de 1906, ano I, nº 1, p. 8.

<sup>141</sup> PIMENTA, Joaquim. *Retalhos do Passado* (Tauá-Fortaleza). Ed fac-sim. Fortaleza: FWA, 2009, p.187-188.

ensinado que fazia parte dos desígnios divinos. Independente da maneira como era interpretada, a migração imprimia sua carga nos membros familiares que permaneciam, que por mais que nunca houvessem pisado na Amazônia, traziam suas marcas na alma.

Rodolfo Teófilo, no plano dos debates, aparecia como um dos opositores mais contundentes da emigração. Sentia-se fortemente incomodado com o argumento de que a saída do Ceará significaria a liberdade. Em seu ponto de vista, pensar a migração sob esta chave explicativa escondia seu real propósito: uma nova forma de escravidão. Sendo um dos que lutaram pela emancipação da escravidão negra no Ceará, Teófilo não deixava de visualizar similaridades entre as duas condições. Em ambas perdiam o exercício do livre arbítrio, por não terem controle sobre suas vontades e movimentos. Nas duas situações, eram tratados como mercadorias que serviam aos interesses do patrão. Mesmo que os migrantes transformados em seringueiros tivessem o estatuto de homens livres, sua condição de trabalhador preso por amarras econômicas e morais aos interesses dos patrões, negando-lhe, inclusive, o benefício da terra que ocupava, deixa claro que a estrutura dos seringais foi feita para manter cativos os trabalhadores. Tudo isso contribuía para intensificar a crítica de Teófilo à efetivação da migração.

### **3.2 A migração cearense como debate nacional?**

O presente tópico pretende analisar a maneira como são divulgadas e analisadas as questões que envolvem a migração cearense para a Amazônia fora do círculo intelectual cearense, procurando observar os tipos de qualificações dadas aos migrantes e a realidade dos trabalhos por eles realizados na Amazônia.

A questão nacional era a preocupação central dos intelectuais do período. Tornava-se urgente a estes homens a forja de um sentimento coletivo de pertencimento, uma vez que o Estado, enquanto organização administrativa, não dava conta desta construção. Consideravam-se os agentes ideais para tal tarefa, visto serem os detentores dos saberes<sup>142</sup> necessários para estudar e, sobretudo, transformar a sociedade<sup>143</sup>, por meio da construção de

---

<sup>142</sup> Esta produção pode ser caracterizada por uma valorização do discurso científico enquanto legitimador de saber, e da ciência como baluarte para melhorar as condições dos homens, tanto externamente como internamente. Lilian Schwarcz, refletindo sobre as características de fins do século XIX, expusera que “(...) uma tendência da época que via na ciência não apenas uma profissão, mas uma espécie de sacerdócio; que valorizou a moda intelectual em detrimento da produção.” SCHWARCZ, 1993, p. 28.

<sup>143</sup> PEREIRA, 1994, p. 33.

uma narrativa ideal sobre o Brasil e seu povo<sup>144</sup>. No entanto, viviam um dilema, na medida em que precisavam articular a realidade local, de mestiços e de migrantes, a um arcabouço teórico de base europeia, alicerçada em uma vertente evolucionista e determinista, que em certa medida vislumbrava essas características como sintomas de degeneração e obstáculos à civilização. E como solução para tal impasse, estes escritores, num primeiro momento, escolhiam as teorias disponíveis, e em seguida, selecionavam os elementos que consideravam pertinentes, os quais permitissem um entendimento da originalidade nacional<sup>145</sup>.

A penetração das informações sobre natureza, trabalho e economia amazônica fez-se por meio de dois caminhos: a publicação de relatos de viagem de homens investidos de funções de Estado, que aproveitavam a oportunidade para atuar como observadores diletantes, e pela divulgação que ocorria em jornais e periódicos. Em ambos os casos, para os suportes que circulavam no centro-sul do país a justificativa de sua produção assenta-se principalmente na necessidade de fazer conhecer a região.

No caso dos viajantes nacionais, a composição das obras segue uma mesma estrutura: divisão da narrativa por localidades, bairros ou regiões, realizando descrições difusas sobre urbanização, arquitetura, serviços públicos, natureza, cultura, trabalho. Por isso, a questão dos trabalhadores e migrantes cearenses aparece apenas tangencialmente, a partir de noções generalistas.

Em *De Belém a São João do Araguaia*, Inácio Moura<sup>146</sup> propõe-se a realizar um levantamento dos elementos sociais e econômicos existentes no trajeto apresentado no título da obra (de Belém a São João do Araguaia). O autor inicia o trabalho apresentando as qualificações intelectuais que o autorizam a realizar sua escrita: 1. Define-se como membro da sociedade geográfica do Rio de Janeiro – há uma instituição científica que dá suporte às ideias por ele enunciadas; 2. Apresenta que Coudreau, quando realizou viagem pela Amazônia, utilizou-se de dados apresentados por ele – a qualidade de seu trabalho é definida por servir de referência a pesquisadores já consagrados na seara científica.

Inácio Moura, ao longo de sua obra, chama a atenção para a questão econômica da Amazônia. Observa que a região, na primeira década do século XX, passa por uma situação

---

<sup>144</sup> Cf. SUSSEKIND, 1990.

<sup>145</sup> CUNHA, 1966, p. 401.

<sup>146</sup> Inácio Batista de Moura era engenheiro paraense, responsável, em 1896, por fiscalizar o estabelecimento de uma nova vila (atual cidade de Marabá) às margens do rio Tocantins. Das memórias desta viagem oficial redige um relato em que procura analisar as características econômicas da Amazônia e maneiras de desenvolver a região. CORMINEIRO, Olivia Macedo Miranda. Dos Abismos: imaginação e tradição na tessitura da narrativa sobre os rios Araguaia e Tocantins em Inácio Baptista de Moura e J. A. Leite Moraes. Fênix: Revista de História e Estudos Culturais, vol. 12, nº 1, p. 1-27, jan-jun. de 2015.

econômica precária, que impede que se possa usufruir das benesses sociais provenientes do desenvolvimento industrial. Esta precarização está ligada a uma falta de investimento na agricultura de exportação, assim como a realizada no centro-sul do país, e a manutenção de arcaicas relações de trabalho com a natureza. Para ele, a instalação de um sólido programa de agricultura permitiria que a população local obtivesse maior estabilidade financeira, na medida em que os lucros viriam de maneira mais constante e não estariam delimitados a um curto período do ano, e permitiria uma colonização estável da região. Tratando de colonização, Moura apresenta sua definição da migração cearense para a Amazônia: indivíduos que partiam em busca de uma riqueza, sem qualquer interesse de fixação permanente. Segundo sua visão, cearense significava nomadismo<sup>147</sup>, servindo, inclusive, como critério comparativo: “Até hoje, o cametaense é o maior competidor na concorrência que nos faz a imigração cearense no fabrico da goma elástica: em qualquer braço de rio, lugar inóspito ou aprazível, encontra-se ele (...) como simples nômade”<sup>148</sup>. Logo, para o escritor, esses homens que se põem em migração apresentam, de maneira mais acentuada, o interesse pela aventura e riqueza, para além das noções de sobrevivência.

Para Moura, a política econômica de dependência das atividades extrativas (seringueira, cacau) representa as características da população local, que, formada por pessoas indolentes e preguiçosas, prefeririam a obtenção de lucros mais rápidos por meios menos trabalhosos, como destaca em certa passagem: “É a preguiça; não querem trabalhar; têm a facilidade dos productos espontâneos!”<sup>149</sup>. Deste modo, Moura reforça o discurso de culpabilização das classes pobres, tidas como as responsáveis pela falta de variedade nas atividades econômicas da região. Não leva em consideração, todavia, que a lógica extrativista deste período (fins do século XIX e inícios do século XX) foi desenvolvida e ampliada pelo interesse da elite econômica e política da região, que vislumbrava na demanda internacional por borracha a possibilidade de construção de sua importância no cenário político nacional. Como bem atesta Bárbara Weinstein, “em condições perfeitamente normais era possível que um quilo de borracha passasse por meia dúzia de mãos diferentes antes de chegar a seu destino final”<sup>150</sup>.

---

<sup>147</sup> Para Bárbara Weinstein, o nomadismo faz parte da própria característica da floresta amazônica, não havendo possibilidade de viver-se constantemente nas áreas de várzea, devido às cheias periódicas que alagavam tudo, nem na “terra firme”, que era pobre de nutrientes depois da retirada da cobertura florestal. Portanto, a vida do homem da floresta deveria seguir os ciclos da natureza. WEINSTEIN, 1993, p. 22.

<sup>148</sup> MOURA, Inácio Batista de. *De Belém a São João do Araguaia*. Rio de Janeiro: Garnier, 1910, p. 74.

<sup>149</sup> *Ibid.*, p. 117.

<sup>150</sup> WEINSTEIN, *op. cit.*, 31.

A obra *Norte do Brasil*, de Victor Godinho e Adolfo Lindenberg, de 1906, consiste das impressões da viagem realizada em 1904, publicadas anteriormente nas páginas do jornal *O Estado de São Paulo* (SP). Ambos à época eram médicos sanitaristas da Secretaria de Higiene de São Paulo, que haviam se deslocado ao Maranhão para auxiliar no combate à epidemia de varíola, e aproveitaram, nas palavras dos mesmos, “para realizar uma viagem de curiosidade” pelos estados do Maranhão, Pará e Amazonas. A obra constitui-se de um apanhado de impressões e informações obtidas durante o deslocamento pelo rio Amazonas, que envolvem desde a descrição das cidades (disposição espacial, estrutura arquitetônica de praças e prédios públicos) e de sua população (características físico-psicológicas), até abordagem de dados econômicos da balança comercial de importações e exportações. Justificam o relato ante a falta de informações sobre a realidade amazônica no centro-sul do país, na medida em que os brasileiros estariam apenas interessados nas riquezas provenientes da borracha, ficando restritos aos relatos de viajantes estrangeiros, reducionistas e desintegrados das relações que puderam visualizar.

Em relação ao povoamento da Amazônia, Godinho e Lindenberg destacam a importância da migração nacional como fator de melhoramento da região, na medida em que os migrantes demonstrariam força em superar as dificuldades pessoais e familiares pelo trabalho duro e pela audácia. Distanciam-se, portanto, da visão acima apresentada de Inácio Moura e aproximam-se da interpretação defendida por Euclides da Cunha<sup>151</sup>. Para eles uma maciça imigração europeia, em oposição à compreensão disseminada na intelectualidade nacional de que esta produziria uma depuração da realidade étnica nacional, causaria uma desestruturação no arranjo social brasileiro e impediria a constituição da identidade nacional. Eles afirmam que a sociedade brasileira já possuía em si, em quantidade suficiente, a presença do elemento branco, que organiza, “purifica e eleva” a sociedade, necessitando apenas que houvesse a instalação de uma política civilizatória na região, que, por meio da disseminação

---

<sup>151</sup> A realização da viagem de Godinho e Lindenberg coincide com a estada de Euclides da Cunha na Amazônia (1904-1906). Inclusive a publicação do relato em livro é concomitante ao do *Relatório da Comissão de exploração do Alto Purus* produzido por Euclides da Cunha. Todavia, não há referência alguma de parte a parte. Isso causa certo estranhamento visto que, por mais que no período Manaus se apresentasse como uma cidade cosmopolita, não deveria passar despercebida na sociedade local a presença de indivíduos estranhos ao lugar, que estavam a realizar atividades de observação e pesquisa. Além do mais, os três devem ter circulado nos mesmos espaços sociais, uma vez publicavam no jornal de Júlio de Mesquita, *O Estado de São Paulo*. Além disso, não esqueçamos que Euclides estava imbuído de uma função oficial e já era consideravelmente conhecido por causa de *Os Sertões*. As escritas de Godinho/ Lindenberg e Euclides, para além da questão dos migrantes, aproximam-se quanto ao tratamento de um problema fundamental no entendimento da Amazônia: o clima. Em ambas as produções há uma defesa da salubridade do clima amazônico, contrapondo-se à visão hegemônica construída a partir dos relatos estrangeiros, observando que o desconforto sentido pelo homem estava ligado a sua falta de adaptação ao meio, chegando Godinho/ Lindenberg a afirmarem que Manaus não seria mais quente do que o Rio de Janeiro.

da educação e um programa de administração eficiente, produziria a elevação social necessária para a Amazônia entrar no esforço conjunto de construção da Unidade Nacional.

Sobre o trabalho na Amazônia, centraram sua atenção na questão dos seringais. Procuram definir o significado da palavra seringueiro, que se referia tanto ao proprietário do seringal quanto ao seu trabalhador<sup>152</sup>, quais os indivíduos realizavam o trabalho de extração e a maneira de realizá-lo. Denunciam a exploração do trabalho dos migrantes cearenses nos seringais, constatando que o sistema de aviamento<sup>153</sup> transformava estes homens em verdadeiros escravos, que tinham como único papel gerar a riqueza e permitir a ostentação realizada pelos patrões nas capitais Belém e Manaus. Para os autores, a migração de cearenses é feita pelos indivíduos mais açotados pela fome e pela miséria, não apresentando o caráter aventureiro:

(...) só dificilmente se livrem da triste condição de servos da gleba. Sim, porque o trabalho extractivo do Amazonas lembra perfeitamente o feudalismo da idade média.  
No entanto, o elemento principal de progresso, o elemento que faz a prosperidade e ostenta a riqueza do Amazonas é o infeliz colono.<sup>154</sup>

Por sua formação superior, chamam a atenção ainda para a questão sanitária. Acreditavam ser impossível, pelas características ambientais da região, erradicar os casos das doenças tropicais, como o impaludismo. Todavia, afirmavam que a destruição dos criatórios dos mosquitos transmissores das doenças, pelo menos dos próximos às casas, permitiria uma vida mais suportável na região dos seringais.

No caso do periodismo nacional, percebe-se que a questão da migração cearense para a Amazônia sofreria diferença de tratamento a depender do local de enunciação da fala. Para os periódicos que estão presentes no circuito migratório (Pará, Amazonas, Acre, Maranhão, Pernambuco, Rio Grande do Norte), as entradas sobre a migração para a Amazônia revestem-se de um caráter noticioso, pela proximidade com a realidade descrita. As inserções em jornais podiam ter um caráter informativo, noticiando a circulação dos migrantes entre os estados de origem e destino ou daqueles já assentados nos seringais ou nas cidades.

---

<sup>152</sup> GODINHO, Victor; LINDENBERG, Adolfo. *Norte do Brasil: Através do Amazonas, do Pará e do Maranhão*. RJ; SP: Laemmert, 1906, p.40.

<sup>153</sup> Sistema de aviamento era o sistema de troca e crédito acordado entre os estabelecimentos comerciais (casas aviadoras) e os donos de seringais. Os estabelecimentos comerciais forneciam aos donos de seringais ferramentas, transportes e mercadorias, em troca da exclusividade da produção gomífera do seringal. FEITOSA, Orange Matos. *À sombra dos seringais: militares e civis na construção da ordem republicana no Amazonas (1910-1924)*. 2015. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015, p. 85.

<sup>154</sup> GODINHO; LINDENBERG, *op. cit.*, p. 41.

Na edição de 12 de maio de 1910 o jornal *O Correio do Purus* (Amazonas) informa sobre o deslocamento de Francisco Calixto pelo município de Lábrea com destino ao Ceará:

Francisco Ernesto Calixto, vindo do seringal – Catuaba – no rio Acre, diz ser natural do Pacoty e ignora o nome da mãe. Sua bagagem consta de duas malas novas com objetos, roupa nova e usada; apresentou ao Delegado do Polícia a quantia de 5: 780\$000, a qual ficou em poder do mesmo Calixto.<sup>155</sup>

Observa-se que a notícia apresentada acima, que compõem um conjunto de entradas sem local definido na diagramação dos jornais, consiste de um resumo do depoimento prestado por Ernesto Calixto à autoridade policial de Lábrea, provavelmente durante a “visita de praxe” à embarcação que este ocupava. As informações coletadas buscam a sua identificação, principalmente em relação a seu local de origem (Seringal Catuaba) e os objetos em sua posse (malas, roupas e dinheiro). O tipo de atenção dada a tais elementos referem-se à preocupação apresentada pelas autoridades policiais e órgãos da imprensa com possíveis fugas de trabalhadores dos seringais antes de terem saldado as dívidas contraídas com os proprietários. Como observa Silvia Baraúna, a busca por registrar os deslocamentos dos migrantes no território amazônico tratava-se do programa controlador e policial instituído pelas elites locais, que deixavam transparecer à sociedade a ideia de que as ações dos migrantes pobres poderiam oferecer perigo à população local<sup>156</sup>.

As medidas policiais indicavam o incômodo que a população migrante e pobre causava a sensibilidade urbana. No Jornal do Comércio, de Manaus, ocorre o seguinte informe: “Iniciado ontem o serviço de repressão à mendicância, a policia conseguiu deter trinta e quatro mendigos os quais receberam uma espórtula e foram advertidos para não continuarem a esmolar, sendo grande parte recolhida ao Asilo de Mendicidade”<sup>157</sup>. Orange Feitosa, em seu trabalho sobre a política republicana no Amazonas, observa que as populações pobres eram apresentadas de forma negativa nos discursos da elite em Manaus, recebendo alcunhas incriminadoras de embriagados, desordeiros e vagabundos<sup>158</sup>. Por mais que apresentasse oficialmente apoiar e acolher aos migrantes, o Estado utilizava-se do aparato

<sup>155</sup> Carta do Ceará. *O Correio do Purus*. Lábrea, 19 de maio de 1910, ed. 38, col. 1, p. 2.

<sup>156</sup> BARAÚNA, Silvia. Maria Quintino. *Condições sociais de migrantes em Manaus, 1920-1945*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Amazonas. Manaus: 2010, p. 30.

<sup>157</sup> Jornal do Comércio. Manaus, 14 de abril de 1905, col. 2, p. 2.

<sup>158</sup> FEITOSA, 2015, p. 144.

policial para promover as atividades de controle social, separando os grupos indesejados dos “cidadãos civilizados”<sup>159</sup>.

Para Erivonaldo Nunes, a criminalização dos migrantes por parte das elites relacionava-se a um programa maior de deslegitimação da migração nacional em prol da migração estrangeira, sobretudo portuguesa. No discurso das elite amazônica, produzido e reproduzido pela imprensa, havia um forte componente eugênico, que vislumbravam no migrante europeu o tipo ideal para o trabalho local, atendendo a seus interesses de desenvolvimento cultural e econômico da região<sup>160</sup>.

As matérias nos jornais, relacionadas à migração, poderiam ser também textos memorialísticos. O autor rememora algo ocorrido a si ou a terceiros que possa ter um tom grandemente laudatório ou recriminador. José Correa, em o *Diário de São Luiz* (Maranhão) de 14 de fevereiro de 1917, relembra a atuação do capitão Manuel Dias como comissário de socorros públicos, responsável pelo auxílio de grupos de migrantes cearenses vindos durante o período de 1877. O conhecimento direto sobre a migração cearense é percebido logo no início de seu texto quando fala: “aquelas cenas ficaram para sempre gravadas no meu espírito”<sup>161</sup>. Ao longo do texto realiza a exaltação da figura de Manuel Dias, que se manteve honesto em meio à corrupção generalizada que grassava entre os comissários. Este tipo de artigo, retirando-se o caráter laudatório e idealizado, demonstra que a migração cearense para a Amazônia mobilizou também as regiões que se encontravam no trajeto migratório.

Encontram-se ainda, nos periódicos, artigos analíticos sobre a realidade das regiões de migração e seus trabalhadores, em grande medida promovendo críticas ao sistema de aviamento e abarracamento. No jornal *Imparcial* (Amazonas), em 3 de setembro de 1918, o articulista realiza uma crítica à falta de assistência do governo do estado do Amazonas com relação à população advéncia dos seringais, que não encontrando mais quem a empregasse, estava morrendo nas ruas de Manaus. Em que pese a crise econômica do estado, o autor não deixa de exaltar o desrespeito praticado com relação a estas pessoas, descritas por ele como uma “legião anonyma dos vencidos nas refugas da lucta pela conquista de um abrigo e de uma codea de pão, que nos vem relatar uma odyssea rude de privações”. Nesse sentido, Silvia Baraúna destaca que a crise econômica proveniente da crise do sistema extrativista explicitou a miséria da população pobre da cidade de Manaus, que incluía uma considerável população

---

<sup>159</sup> BARAÚNA, *op. cit.*, p. 32.

<sup>160</sup> OLIVEIRA, Erivonaldo, 2010, p. 81.

<sup>161</sup> José Correa. Capitão Manuel Eufrazio dos Santos Dias. *Diário de São Luiz*. São Luiz, 14 de fevereiro de 1917, ed. 38, col. 1, p. 4.

de migrantes cearenses, que tinham nos periódicos um dos poucos espaços de denúncia de sua situação:

Uma cidade sem horizontes, desolada pelo furacão da crise, com serviços urbanos em colapso e uma população vítima de um sistema opressor, não era exagero relatar a situação da cidade e sua população dessa forma. Tão pouco a situação do segmento social empobrecido, principais atingidos, homens e mulheres que lutaram para sobreviver em um espaço contrastante.<sup>162</sup>

Mesmo quando empenhados na denúncia da opressão, os periódicos destas regiões não deixam de qualificar os migrantes nordestinos como famintos, violentos, rudes, apontando uma criminalização de seus comportamentos e maneiras de agir.

Nos periódicos fora do circuito de ocorrência das migrações para a Amazônia (Rio de Janeiro e São Paulo), as entradas e abordagens sobre a região e o ato migratório seguirão duas linhas: uma de artigos explicativos, que procura tratar o assunto de forma mais realista e objetiva; e outra que envereda pelo campo da fabulação e do exótico.

Os artigos da primeira linha, explicativos, apresentam sempre a justificativa de que falta nestes locais conhecimentos sobre o processo ocupacional e econômico da Amazônia. No *Almanaque Garnier* (Rio de Janeiro) de 1908, sob o título *Notas sobre o Acre*, o articulista fornece um apanhado de informações sobre o território acreano, a importância de sua anexação e o potencial econômico que poderia nessa região ser explorado. Utilizando-se de um método de perguntas e respostas, introduz o leitor em cada uma das sessões apresentadas, como nesta sua descrição sobre os seringais: “O leitor está certamente farto de ouvir falar em seringas. Porém tem elle porventura idea definitiva do que seja aquilo?”. Seu texto tem uma proposta eminentemente descritiva, evitando destacar a exploração sofrida pelos seringueiros, realizando, todavia, uma insinuação de que todos os envolvidos na economia dos seringais são lesados igualmente pela ganância do governo:

É uma exploração typica e única no seu gênero. Assim: o seringueiro explora a seringueira, o patrão e o dono do barracão exploram o seringueiro, o *aviador* (ou comissario) explora o *aviado*, o exportador explora o *aviador* e o governo explora a todos, tributando a borracha exportada com mais de 25%, cobrados sobre o preço da venda!! (grifo do autor)

Na segunda linha de artigos de periódicos de fora da zona migratória, encontramos a busca da fábula e do miraculoso, destacando, intencionalmente ou não, traços e características que podem ser tomados como exóticos e ficcionais.

---

<sup>162</sup> BARAÚNA, 2010, p. 59.

Em *A Cidade do Rio* (Rio de Janeiro), na edição do dia 14 de novembro de 1901, há o relato de uma celeuma entre índios paratintins e seringueiros no rio Madeira. O articulista hiperdimensiona a ferocidade dos atacantes indígenas, que, possuidores de “gritos animalescos e dissonantes”, atacaram indivíduos que não poderiam representar qualquer perigo para eles: primeiro, dois rapazes que pescavam, atirando contra eles seis flechas; segundo, matando nove mulheres e crianças em algumas barracas. O ataque indígena foi descrito como “uma carnificina medonha”. Por outro lado, o contra-ataque recebeu outro tratamento: “nesse cerco e ataque poderam pegar duas índias e um curumim”. O uso do vocabulário diverso para a ação de índios e seringueiros demonstra que o discurso aceito no período justificava a violência praticada pelos não-indígenas como ato civilizatório, em favor da integração nacional, enquanto o comportamento de indígenas era tido como irracional e animalesco. Como destacou Victor Leonardi, “embora a agressividade e a brutalidade tenham sido uma constante entre brancos colonizadores, estes sempre associaram, preferencialmente, a bestialidade ao comportamento dos índios”<sup>163</sup>. O final da notícia, em que pese a mudança na abordagem do tema, revelaria que da violência teria ocorrido um final feliz. A índia aprisionada teria caído de amores por um dos seringueiros, vivendo ao seu lado “como uma cachorrinha fiel”. Nas palavras do articulista “uma verdadeira página de amor a Chateaubriand e a José de Alencar. Uma nova Celuta ou uma nova Iracema”. Assim, o indígena aparece como o discurso civilizatório prega como ideal: morto e humilhado.

Esses relatos apresentam o caráter violento e dramático da presença humana na região amazônica. O genocídio empreendido pela indústria da borracha envolveu igualmente trabalhadores e indígenas, ambos espoliados e destinados a beneficiar aos seus exploradores (donos de seringais e grandes comerciantes). A representação da Amazônia como lugar de desterro, do distante, do inacessível, tornava-se conveniente como discurso de negação das brutalidades sofridas pelas populações locais. No discurso civilizatório proposto pelas elites nacionais, a ênfase no exótico tornava-se uma válvula de escape para as consequências que a fetichização do progresso<sup>164</sup> trazia às populações pobres nas fronteiras do país.

A Amazônia, forjada no jogo das palavras e das ideias, ganharia força como tema por meio do trabalho dos literatos, que com seus relatos e ficções, direcionaram uma forma hegemônica de se ver e sentir a região.

---

<sup>163</sup> LEONARDI, 1996, p. 32.

<sup>164</sup> *Ibid.*, p. 338.

### 3.3 Euclides da Cunha e a Amazônia

O tratamento temático da migração cearense para a Amazônia em narrativas ficcionais tem seu primeiro desafio na própria representação do espaço amazônico. Para os escritores de fins do século XIX, que tinham como projeto intelectual definir os marcos territoriais e temporais da nacionalidade, era necessário incorporar a Amazônia na cultura letrada, uma vez que esta era compreendida como um mundo à parte, deslocado do processo civilizatório brasileiro, uma terra sem história<sup>165</sup>, dominada pela voragem da floresta. Razões históricas e estéticas fizeram com que os viajantes naturalistas, desde o século XVI, apresentassem a Amazônia por meio de um registro paradoxal, que Foot Hardman define como “real-maravilhoso”<sup>166</sup>. Em igual proporção ao fascínio e deslumbramento com a multiplicidade de formas e cores da natureza, com a variedade de espécies animais e vegetais, encontrava-se o terror e a apreensão com a potencialidade destruidora contínua e natural de um ambiente que se metamorfoseava em inóspito. Essa dupla chave interpretativa tornou-se a visão hegemônica sobre a região, oscilando para uma definição ou outra em cada período histórico, levando a uma indefinição sobre a possibilidade de exploração econômica e povoamento da Amazônia<sup>167</sup>.

De todo modo, a literatura que se vai produzir na e sobre a Amazônia<sup>168</sup>, e sobre os migrantes cearenses conseqüentemente, será composta por histórias de errância, de abandono da terra e busca de vida melhor em outro lugar, morte e vulnerabilidade do homem diante da natureza. Muitas vezes esse ser humano é metamorfoseado em animal, em parte integrante da paisagem em que habita, perdendo-se de si e dos outros.

O potencial desta produção literária está na capacidade em promover uma denúncia do processo de exploração e do genocídio ocorridos na Amazônia em prol da empresa gomífera. Suplantando as análises aligeiradas e rasas que pensavam a realidade amazônica apenas pelo valor quantitativo da produção de borracha e da riqueza material em circulação, estas obras abordam a história brutal da conquista da Amazônia, com seus

---

<sup>165</sup> Expressão utilizada por Euclides da Cunha para demonstrar que a Amazônia não teria passado por todos os estados evolutivos e, portanto, encontrava-se inapta à recepção da presença humana. Por outro lado, indica sua compreensão de que a história somente existe onde há a presença humana promovendo transformação no meio e forjando o progresso.

<sup>166</sup> HARDMAN, Francisco Foot. *A vingança da Hiléia: a Amazônia e a literatura moderna*. São Paulo: Editora da UNESP, 2009, p. 26.

<sup>167</sup> WEINSTEIN, 1993, p. 21.

<sup>168</sup> SOUZA, Márcio. *Literatura na Amazônia ou literatura amazônica? Sentidos da Cultura*, Belém, UEPA, vol. 1, nº 1, 2014.

capítulos de dores, traumas e mortes, não permitindo que estes acontecimentos, como nos lembra Leopoldo Bernucci, caiam no esquecimento ou sejam descartadas como histórias inverossímeis<sup>169</sup>. Elas nos permitem também entender melhor o que significou para as populações periféricas as propostas do Estado Nacional de “unificação da Nação”, uma vez que revelam, nas palavras de Edgar de Decca “as faces brutais do poder e a condição a que estão expostos os homens comuns, quando se pretendem erigir em sujeitos históricos”<sup>170</sup>.

Nesta construção da Amazônia por meio da chave ficcional terá destaque a escrita de Euclides da Cunha (1867-1909). Euclides, quando produziu suas reflexões sobre a Amazônia, já era o escritor consagrado pela publicação de *Os Sertões* (1902), que lhe credenciou a entrada como membro no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) em 1903 e na Academia Brasileira de Letras (ABL) em 1904. Como não existia à época a possibilidade de viver exclusivamente do exercício das letras<sup>171</sup>, Euclides repartia seu tempo entre leituras, cálculos e lombos de burros<sup>172</sup>.

Nesse sentido, a possibilidade de trabalhar como funcionário do Ministério das Relações Exteriores, primeiro na função de chefe da Comissão brasileiro-peruana de reconhecimento do Alto Purus (1904-1905)<sup>173</sup>, responsável pelo mapeamento e definição das fronteiras litigiosas em decorrência da anexação do Acre ao território brasileiro (1902), depois como cartógrafo do ministério (1906-1909), permitiu-lhe a obtenção de alguma estabilidade financeira e representou o contato com a Amazônia. Este contato serviu aos seus interesses de continuar a pensar a nação, por um lado, como reformador social, denunciando as ações negativas perpetradas contra a terra e sua gente, como nas palavras dirigidas a Coelho Neto em 10 de março de 1905: “Nada te direi da terra e da gente. Depois, aí, e num livro: Um

<sup>169</sup> BERNUCCI, Leopoldo. *Paraíso Suspeito: a voragem amazônica*. São Paulo: USP, 2017, p. 17.

<sup>170</sup> DE DECCA, 1997, p. 48.

<sup>171</sup> Como destacam seus biógrafos, Euclides da Cunha sempre demonstrou profunda insatisfação em separar trabalho remunerado e exercício intelectual. Considerava sua atuação como engenheiro um fardo oneroso e fatigante, que somente o esforço intelectual compensava, como diria a Araripe Júnior sobre a repercussão de *Os Sertões*, em carta de 9 de março de 1903: “Porque, no dia seguinte, eu — que ate então era um engenheiro-letrado, com o defeito insanável de emparceirar as parcelas dos orçamentos as idealizações da Arte era um escritor, apenas transitoriamente desgarrado na engenharia”. GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Osvaldo. *Correspondência de Euclides da Cunha*. SP: EDUSP, 1997, p. 198.

<sup>172</sup> *Ibid.*, p. 220.

<sup>173</sup> Comissão mista formada por representantes de Brasil e Peru responsável por delimitar as fronteiras entre os dois países e atualizar os levantamentos cartográficos realizados por William Chandless no século XIX e Manuel urbano no século XVIII, devendo percorrer o trajeto do Rio Purus até as cabeceiras do rio *Madre de Dios*. Euclides descreve o itinerário e os desafios da viagem em dois registros: *Relatório da Comissão de Exploração do Alto Purus de 1906* e *À Margem da História* (1ª parte) de 1909. Havia ainda uma segunda Comissão que deveria percorrer a extensão do rio Madeira para estabelecer os limites do território brasileiro com a Bolívia. Desta Comissão, organizada a partir de 1907, Euclides recusou-se participar. Cf. RABELLO, Sylvio. *Euclides da Cunha*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.; AMORY, Frederic. *Euclides da Cunha: Uma Odisseia nos Trópicos*. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

paraíso perdido, onde procurarei vingar a *hibe* maravilhosa de todas as brutalidades das gentes adoidadas que a maculam desde o século XVIII. Que tarefa e que ideal”<sup>174</sup>. Por outro lado, ele também pensou a nação a partir dos interesses geopolíticos do Estado, relacionado à soberania territorial e sua importância para o progresso nacional<sup>175</sup>.

Euclides, no discurso de recepção à ABL, expressou que a construção do saber, que deveria abordar as contradições e limites das sociedades e dos homens, não poderia ser realizada por um indivíduo preso aos gabinetes, mas sim por aquele que se colocasse na posição de ver, observar, captar o mundo, uma vez que o processo de criação deveria partir do real, submetendo a fantasia ao plano geral da natureza, exigindo um consórcio entre arte e ciência<sup>176</sup>. Tal consórcio permitiria à linguagem da modernidade observar o real a partir da representação simbólica, uma vez que “a verdadeira impressão artística exige, fundamentalmente, a noção científica do caso que a desperta”<sup>177</sup>. Este entendimento de correlação entre o papel desempenhado pela capacidade criadora do escritor e o referencial dado pelo tangível inscreve-se profundamente na prática de escrita euclidiana. Por isso foi tão caro a Euclides da Cunha visitar *in loco* a Amazônia e poder estabelecer comparações entre as leituras prévias dos viajantes naturalistas estrangeiros e suas próprias impressões. E Euclides não se nega a registrar que o contato com os espaços de análise, sejam os sertões baianos ou a floresta amazônica, modifica suas próprias interpretações. Assim como Canudos de “nossa Vendaia” transmutou-se em crime a ser denunciado, a Amazônia da insalubridade passou a ser, em seu entendimento, a do “clima caluniado”.

A construção imagética em torno da Amazônia proposta por Euclides alicerça-se na tentativa de inserção da região nos quadros da nacionalidade, aos moldes do projetado com *Os Sertões*. No entanto, esta proposta parece dificultada<sup>178</sup> devido às condições organizacionais da região, que impediriam a estruturação de uma unidade espaço-temporal. O observador tomaria, portanto, contato com uma realidade em processo constante de modificação. Nesta perspectiva é que Euclides estabelece a ideia da Amazônia enquanto “último capítulo do Genesis”<sup>179</sup>, ou seja, de uma realidade difusa e em gestação, e que por este motivo levaria o observador ao contato com sensações conflitantes, misto de êxtase e

---

<sup>174</sup> GALVÃO; GALOTTI, 1997, p. 266.

<sup>175</sup> PONTES, Kassius. *Euclides da Cunha, o Itamaraty e a Amazônia*. Dissertação (Mestrado em Diplomacia). Instituto Rio Branco – Fundação Alexandre de Gusmão. Brasília: 2005.

<sup>176</sup> CUNHA, 1966, pp. 206-207.

<sup>177</sup> GALVÃO; GALOTTI, *op. cit.*, p. 183.

<sup>178</sup> GINZBURG, Jaime. Euclides da Cunha, a Amazônia e a barbárie. *Estudos Avançados*, São Paulo, vol. 24, nº 69, p. 411-416, 2010.

<sup>179</sup> CUNHA, *op. cit.*, p. 205.

terror. Para Foot Hardman, tal interpretação de Euclides demonstraria os limites da representação do real na modernidade, já que o caráter fragmentário dos elementos amazônicos impediria o estabelecimento de bases identitárias precisas, o que num nível mais imediato dificultava a formação de uma nacionalidade homogênea<sup>180</sup>. Tal problema haveria se expressado, inclusive, na prosa amazônica euclidiana, que não conseguiu ter a mesma unidade estético-temática presente em *Os Sertões*, consistindo de uma produção ensaística dispersa entre os livros *Contrastes e Confrontos* (1907)<sup>181</sup> e *À margem da História* (1909)<sup>182</sup>, visto que em vez de uma terra, uma raça e uma luta era necessário mapear várias terras, inúmeras raças e simultâneos espaços de luta.

Euclides da Cunha ao testemunhar o confronto entre a vontade do homem e a resistência da natureza analisa a presença humana na região amazônica sob dois pontos de vista: o povoamento e as formas de trabalho. Quanto à primeira, desenvolve um estudo aos “moldes antropológicos”<sup>183</sup> sobre a ocupação humana das margens do rio Purus, definindo a existência de dois grupos, com características divergentes com relação à forma de atuação sobre o território e que explicariam a celeuma entre Peru e Brasil. Um representado pelos caucheiros, que, ao explorarem esta planta com curto prazo de vida (caucho), eram obrigados a uma existência nômade, sendo capazes de descobrir novas terras. Esse nomadismo seria favorável ao objetivo brasileiro na região, já que pelos acordos anteriores entre os dois países a posse da terra era definida pela fixação no solo<sup>184</sup>. Outro representado pelos seringueiros, reais responsáveis pelo domínio destas terras, heroicos e bravos na luta contra a natureza, inconscientes aliados da diplomacia brasileira. E quanto à presença indígena na região, Euclides faz comentários lacônicos do tipo “É que cederam [indígenas] o lugar a uma imigração intensiva, ou foram absorvidos por ela”<sup>185</sup>. São comentários que parecem querer

---

<sup>180</sup> HARDMAN, 2009.

<sup>181</sup> Compõe-se de 27 artigos, sendo que 13 deles já haviam sido publicados anteriormente em periódicos (a quase totalidade no jornal “O Estado de São Paulo” no ano de 1904). Tratam de temáticas variadas, que podem ser reunidas em quatro blocos: a) política e diplomacia internacional – estudos sobre Uruguai, Alemanha, Rússia, Himalaia, Sul da Ásia, Estados Unidos; b) Fronteira e sociedade amazônica; c) perfis – padre Anchieta e Floriano Peixoto; d) arte – estudo sobre estátuas políticas, excerto de um conto, resenha de um romance; e) sociedade e cultura brasileira – garimpagem nas Minas setecentistas, estado das estradas de rodagem em São Paulo, queimadas, secas dos estados do Norte, análise do republicanismo nacional; f) Debates intelectuais – crítica a Spencer, socialismo e discurso de posse na Academia Brasileira de Letras (ABL).

<sup>182</sup> Obra publicada posteriormente à morte do escritor. Compõe-se de quatro partes: Na Amazônia, Terra sem história (7 capítulos, sobre inúmeros assuntos relacionados à região), Vários Estudos (3 capítulos, sobre história e sociedade latino-americana), Da Independência à República (ensaio histórico) e Estrelas Indecifráveis (crônica). A escrita dos artigos tem origem nos estudos empreendidos pelo autor durante os anos de 1904 a 1909.

<sup>183</sup> RIBEIRO, F. L. *Febre na selva: a Amazônia na interpretação de Euclides da Cunha*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Franca: 2007.

<sup>184</sup> PONTES, 2005.

<sup>185</sup> CUNHA, 1966, p. 722.

diminuir o impacto da invasão e da violência que marcou a tomada dos territórios indígenas para instalação dos seringais<sup>186</sup>, como uma das etapas necessária à chegada do progresso à região.

Os seringueiros seriam formados, sobretudo, por migrantes cearenses que fugiam da pauperização das condições de vida ligadas à perda da capacidade de produção de suas terras e pela inoperância da ação dos governantes em promover outro tipo de solução. Para Euclides, o processo de embarque dos migrantes já dava mostras da total falta de interesse dos governantes pela sorte destes indivíduos, que, reduzidos à condição de objetos sem valor, eram transportados de qualquer maneira, em péssimas condições sanitárias e de saúde, importando apenas que fossem retirados do campo de visão da “elite benevolente e boa”, uma vez que como diz Euclides:

A multidão martirizada, perdidos todos os direitos, rotos os laços de família, que se fracionava no tumulto dos embarques acelerados, partia para aquelas bandas levando uma carta de prego para o desconhecido; e ia, com os seus famintos, os seus febrentos e os seus variolosos, em condições de malignar e corromper as localidades mais salubres do mundo. Mas feita a tarefa expurgatória, não se curava mais dela. Cessava a intervenção governamental. Nunca, até aos nossos dias, a acompanhou um só agente oficial, ou um médico. Os banidos levavam a missão dolorosíssima e única de desaparecerem...<sup>187</sup>

E a chegada à Amazônia intensifica os sofrimentos iniciados na saída do Ceará. Os migrantes, agora transformados em trabalhadores dos seringais são apresentados às condições que constituem para Euclides “a mais criminosa organização do trabalho que ainda engendrou o mais desacomodado egoísmo”<sup>188</sup>. Tendo que iniciar sua vida no seringal com uma dívida mínima superior a dois contos de reis (referente ao deslocamento, instrumentos de trabalhos, víveres, taxas de possíveis prejuízos dos patrões), os migrantes veem suas perspectivas de lucros fáceis e retorno rápido à terra natal esvaír-se na velocidade em que o “ouro branco” preenche os sulcos feitos pela machadinha e deposita-se no fundo do balde. Uma estrutura de trabalho escravo que contribuía para ampliar a crescente decepção de Euclides com os rumos da República. Tratar deste modo o trabalhador nacional significava para ele um impedimento à consolidação do país enquanto nação. Por isso seu brado de indignação, que clama pela necessidade de promoção por parte do Estado de políticas públicas que permitissem salvaguardar a existência destes homens na região, pela aplicação de uma lei do trabalho que regulasse a relação seringueiro-patrão e promovesse, em alguma

---

<sup>186</sup> LEONARDI, 1996, p. 92.

<sup>187</sup> CUNHA, 1966, p. 248.

<sup>188</sup> *Ibid.*, p. 232.

medida, a fixação do homem a terra<sup>189</sup>.

E mesmo sob o espectro da exploração e do sofrimento, a presença do homem-migrante na região era fundamental. Em carta a José Veríssimo de 05 de junho de 1905 Euclides diz: “Portos de Manoriá, Fronteiras da Cassianã e Novo Triunfo são três sítios florescentes, de laboriosos e robustos cearenses que firmam bem nesses lugares o domínio de nossa terra”<sup>190</sup>.

A apresentação acima confere um caráter positivo à instalação do migrante cearense na Amazônia. Seria este o homem capaz de dominar aquelas terras que a muitos vencera, como franceses, açorianos, que não tinham fatores biológicos para adaptar-se ao meio. Baseando-se em princípios de seleção natural via que a natureza identifica aqueles mais capazes de com ela conviver, numa condição que a exploração da região só dependeria do homem certo. Apesar dos conceitos científicos que vislumbravam o mestiço como degeneração das raças e, portanto, causador do atraso do país, Euclides, pelo menos no que tange ao “desbravamento da Amazônia” inverte a ordem e o exalta, uma vez que realiza a principal ambição do homem moderno: moldar a natureza em benefício próprio:

E sente-se bem que ela permaneceria para sempre impenetrável se não se desentranhasse em preciosos produtos adquiridos de pronto sem a constância e a continuidade das culturas. As gentes que a povoam talham-se-lhe pela braveza. Não a cultivam, aformoseando-a: domam-na. O cearense, o paraibano, os sertanejos nortistas, em geral, ali estacionam, cumprindo, sem o saberem, uma das maiores emprêsas dêstes tempos. Estão amansando o deserto. E as suas almas simples, a um tempo ingênuas e heróicas, disciplinadas pelos reveses, garantem-lhes, mais que os organismos robustos, o triunfo na campanha formidável.<sup>191</sup>

E mesmo que sua presença seja exaltada, o arrependimento parece a consequência inevitável, para Euclides, da experiência humana nos seringais. A repetição diuturna da estafante tarefa da extração do látex em associação às características fatalistas desses homens

Promoveria uma alteração de sua visão da realidade. De esperançosos, em busca da fortuna palpável, passavam a apáticos vencidos pelas circunstâncias, condenados eternos a “girar estonteadamente no monstruoso círculo vicioso da sua faina fatigante e estéril”<sup>192</sup>. A autoconsciência da situação vivenciada, apresentada de modo explícito no texto *Judas Asverus*, indica que compreendiam perfeitamente as consequências da escolha que fizeram, e

---

<sup>189</sup> CUNHA, 1966, p. 234.

<sup>190</sup> GALVÃO; GALOTTI, 1997, p. 287.

<sup>191</sup> *Ibid.*, p. 246.

<sup>192</sup> CUNHA, 1966, p. 510.

que somente a si mesmos atribuíam a culpa por tal situação. Não seria responsabilidade do governo que os esquecera, tampouco de uma propaganda falaciosa que lhes haviam feito, mas sim de seu egoísmo/ganância que o induzira a perda do seu bem mais precioso, a liberdade:

É um doloroso triunfo. O sertanejo esculpiu o maldito à sua imagem. Vingasse de si mesmo: pune-se, afinal, da ambição maldita que o levou àquela terra; e desafronta-se da fraqueza moral que lhe parte os ímpetos da rebeldia recalçando-o cada vez mais ao plano inferior da vida decaída onde a credulidade infantil o jungiu, escravo, à gleba empantanada dos traficantes.<sup>193</sup>

Jogando com todo um repertório simbólico de matriz judaico-cristã Euclides constrói o texto *Judas Asverus* como síntese do indivíduo submetido ao trabalho nos seringais. Começando pelo nome, formado da junção do nome Judas, discípulo traidor de Cristo, punido pela morte e pela tormenta eterna, assim como o seringueiro que ao abandonar os laços afetivos em troca do vil metal teria obtido apenas sofrimento e dor, e do nome Asverus, que teria sido, dentro da tradição cristã, o indivíduo que negou apoio a Cristo durante o calvário<sup>194</sup>, resultando na lenda do judeu errante, condenado a vagar pelo mundo eternamente. Do mesmo modo, o seringueiro seria submetido a empreender o trabalho repetitivo pela estrada dos seringais sem descanso, até a completa exaustão, transformando a vida numa “eterna penitência”<sup>195</sup>.

Na compreensão de Euclides, a Semana Santa seria o único período do ano em que os trabalhadores dos seringais conseguiriam sair, em parte, de sua rotina repetitiva. Ao realizar os preparativos da comemoração da morte e da ressurreição do Cristo poderiam desvendar e arrancar das penumbras das matas todos os pesares e sofrimentos que sentiam. Ao atribuírem-se à construção do boneco de Judas, simulacro do traidor judeu, estariam materializando a culpa por eles sentida diante a situação vivida por eles nos seringais. E o boneco ao errar pelos rios da Amazônia representaria uma denúncia muda, porque a palavra a estes homens é interdita, seja pela distância dos demais agrupamentos humanos em que se encontra, seja pela impossibilidade ligada a sua condição social inferior, do processo de exploração sofrida e do arrependimento sentido. Uma vez que não podem promover uma mudança imediata em suas vidas, pretendem que no trajeto do rio, único canal de comunicação, outros tomem conhecimento de sua vida de sofrimentos:

---

<sup>193</sup> CUNHA, 1966, p. 262.

<sup>194</sup> RIBEIRO, 2007.

<sup>195</sup> CUNHA, *op. cit.*, p. 264.

E vai descendo, descendo... Por fim não segue mais isolado. Aliam-se-lhe na estrada dolorosa outros sócios de infortúnio; outros aleijões apavorantes sobre as mesmas jangadas diminutas entregues ao acaso das correntes, surgindo de todos os lados, vários no aspecto e nos gestos.

(...)

Passam todos aos pares, ou em filas, descendo, descendo vagorosamente...

(...)

Depois, a pouco e pouco, debandam. Afastam-se; dispersam-se. E acompanhando a correnteza, que se retifica na última espira dos remansos – lá se vão, em filas, um a um, vagorosamente, processionalmente, rio abaixo, descendo...<sup>196</sup>

Assim, percebe-se que Euclides não possuía uma visão reducionista dos homens e mulheres migrantes nos seringais. O arrependimento apresentado pelos indivíduos que se colocavam em migração não tirava deles a responsabilidade de uma escolha que se apresentou como decepcionante. Deste modo, ao mestiço, que no saber científico em voga não teria condições genéticas de grande amadurecimento intelectual, pelo menos em parte, Euclides acredita que tiveram independência de escolher aquilo que consideravam mais propício para manutenção de sua vida. Essa visão euclidiana do mestiço migrante trouxe contribuição às visões construídas sobre a migração, uma vez que permitiu vislumbrar o ato de migrar, empreendido por homens e mulheres pobres como uma atitude ativa, pensada como resposta a suas dificuldades e demandas, e não apenas como resposta direta a propostas de governantes ou pela ação ilusória de mercadores gananciosos.

Euclides reconhece a importância da mestiçagem na formação cultural e social da nação e entende a exploração dos trabalhadores nos seringais da Amazônia enquanto ato de mutilação nacional, por colocar em oposição parcelas de Brasil que precisavam ser incorporados aos planos de desenvolvimento da Nação<sup>197</sup>. Deste modo, são exaltadas nos mestiços suas potencialidades em contribuir para o progresso material e moral do país, o que não significa que estariam em igual estágio de desenvolvimento intelectual das parcelas letradas da população e que poderiam indicar os rumos que o Estado-Nação deveria trilhar.

#### **4 A MIGRAÇÃO CEARENSE E A AMAZÔNIA EM O PAROARA**

<sup>196</sup> CUNHA, 1966, p. 266.

<sup>197</sup> Essa necessidade de integração das “partes esquecidas” ao conjunto da Nação aparece no pensamento de Euclides no tocante à Amazônia na seguinte passagem: “Precisamos incorporá-lo ao nosso progresso, do qual ele será, ao cabo, um dos maiores fatores, porque é pelo seu leito desmedido em fora que se traça, nestes dias, uma das mais arrojadas linhas da nossa expansão histórica.”. *Ibid.*, p. 236.

Este capítulo tem como procedimento metodológico acompanhar como Teófilo dispôs os elementos analisados anteriormente para construir o mundo de *O Paroara*. Deste modo, busca-se perceber como o narrador, ao longo do romance, apresenta argumentos ao leitor com vistas a convencê-lo da veracidade da narrativa e da validade da crítica à migração para a Amazônia.

#### 4.1 O homem e a vida no Ceará

Em *O Paroara*, Rodolfo Teófilo buscou construir, como já afirmado em momentos anteriores deste trabalho, um libelo contra a emigração cearense para a Amazônia. Para tanto, distribuiu a ação das personagens entre os espaços cearenses e amazônicos, tendo na figura dos migrantes o ponto de ligação entre estes dois universos. A parte referente ao Ceará funciona como um quadro explicativo das características da cultura e da sociedade cearenses de fins do século XIX, utilizando-se, para tanto, das noções-chave de misticismo, atavismo, nomadismo, religiosidade popular, que ditavam e conduziam os comportamentos das principais personagens.

Nesse núcleo espacial, a narrativa gira em torno das personagens João das Neves, Chiquinha e Padre Mourão, como a simbolizar as três bases de sustentação da cultura sertaneja: o trabalho (Neves); a família (Chiquinha) e a religião (Padre Mourão), sendo que a entrada de cada um deles em cena inicia-se com uma descrição de trajetória até o início da trama (primeiros meses de 1898), acrescido da construção de um perfil psicologizante, que será moldado a partir dos conceitos-chave dos determinismos biológicos.

João das Neves, protagonista do romance, tem sua apresentação ao leitor no segundo capítulo, quando retorna à residência familiar. A habitação encontrava-se abandonada por causa da migração da família de Neves para a Amazônia. Ao descrever as impressões e sentimentos manifestados por Neves ao entrar na residência, o narrador define este sertanejo como:

Um caboclo com tão apurada sensibilidade moral, com nervos para sentir uma saudade, para chorar a separação de um amigo, seria um salto da natureza, que jamais viola as suas leis. Quem com alguns conhecimentos de antropologia observasse detidamente o tipo de João das Neves havia de descobrir nele, embora meio apagados, vestígios de uma outra raça que não era a que predominava em suas formas e feições<sup>198</sup>.

---

<sup>198</sup> TEÓFILO, 1974, p. 27.

Nesta passagem, Teófilo explicita sua compreensão de que os comportamentos humanos são definidos aprioristicamente, por meio das características e tendências passadas geneticamente pelos ancestrais. No caso de João das Neves, há uma exaltação da sua capacidade de sentir saudade dos familiares, que seriam reveladores da marca impressa por uma ancestralidade superior (branca) que o fazia superar os comportamentos do agrupamento que define seu fenótipo (indígena). Deste modo, Teófilo demonstra a compreensão de que a maior presença de traços brancos na população seria importante fator para desenvolvimento da sociedade.

Para Teófilo, a influência transmitida à população local por seus ancestrais indígenas fazia com que o cearense apresentasse, em certos momentos, um comportamento insensível e individualista, o que explicaria o abandono da família em busca de desejos irracionais, entre eles o de migrar. Para o autor, este comportamento de descuido com a família revelaria a marca indígena na cultura cearense, uma vez que os indígenas amariam seus entes “somente enquanto precisam deles<sup>199</sup>”. Influenciados também seriam por uma visão fatalista com relação ao destino, pela qual compreenderiam que o futuro não poderia por eles ser controlado, portanto, levando-os a não temerem os perigos da vida visto que o “futuro só a Deus pertence”. Com a predisposição natural a emigrar, a seca funcionaria como gatilho para despertar os instintos atávicos que se encontravam adormecidos, e colocar estes homens em marcha:

O nomadismo da raça vermelha, transmitido por atavismo à população mestiça, a qual constitui talvez quatro quintos dos habitantes do Ceará, é o principal fator de despovoamento da terra cearense. Este instinto de vagabundagem inato no mestiço é alimentado por causas secundárias, entre as quais as secas e as irregularidades das estações ocupam o primeiro lugar<sup>200</sup>.

A visão depreciativa da população mestiça, em consonância com a positividade étnica atribuída à população branca, ajuda-nos a compreender as motivações que levaram Teófilo a construir destinos diferenciados para as trajetórias das personagens principais de *A Fome* e *O Paroara*. Enquanto, no primeiro, Manuel de Freitas, branco e proprietário de terras, consegue resistir a todas as tentações e dificuldades<sup>201</sup>, e tem como desfecho a reunião da

---

<sup>199</sup> TEÓFILO, 1974, p. 28.

<sup>200</sup> *Ibid.*, p. 100.

<sup>201</sup> Sobre esta capacidade apresentada por Manuel de Freitas expõe Ivone Barbosa: “Apesar de se ver caminhando no meio da ‘multidão faminta’, onde todos se misturavam na indiferenciação da miséria, Freitas

família e o retorno ao interior; no segundo, João das Neves fica sozinho, com sequelas físicas de doenças e com o fantasma do remorso a castigá-lo, sua conduta o desabilitando enquanto homem e chefe de família: “Nunca mais deixaria de ouvir estas inolvidáveis e terríveis palavras – *morreram todos de fome*.”<sup>202</sup>.

No capítulo IV, é apresentado ao leitor o padre Francisco Mourão. Diferentemente de João Neves, que é influenciado completamente por seus traços raciais, Mourão aparece como alguém que modificou a índole familiar e traçou um novo caminho. Proveniente de uma família de homens violentos e assassinos, “cuja perversidade assombrara os homens de seu tempo”<sup>203</sup>, Mourão transformou-se em um “santo sacerdote”. Na compreensão do narrador, esta modificação na índole familiar estava relacionada à maior presença do Estado nos sertões cearenses, que ao fazer valer os princípios da ordem contribuiu com a civilização dos costumes: “As leis de repressão feitas cumprir pelos primeiros governos do Segundo Reinado, as medidas enérgicas tomadas por eles, a fim de reprimir os abusos dos senhores feudais do alto sertão, concorreram grandemente para o decréscimo da estatística criminal.”<sup>204</sup>.

A religiosidade praticada por Mourão e por seus conterrâneos, para lamento do narrador, tenderia para as manifestações mágico-fantásticas, aproximada dos rituais indígenas, onde o tipo de relacionamento com a divindade far-se-ia sobre bases diferentes das apregoadas pela moral cristã formal. Enquanto os cânones da Igreja apresentavam o caráter bondoso da divindade, disposto a perdoar recorrentemente os pecados, a religiosidade praticada no cotidiano de homens e mulheres do campo visualizaria Deus como detentor de duas faces: o bom Deus, quanto o homem age de maneira correta e ordeira, retribui com boas colheitas; mas que pode tornar-se terrível, diante das ações reprováveis dos homens, dando-lhes em troca secas e pragas. Logo, o homem estaria no fiel de uma balança, onde qualquer movimento reprovável poderia significar a perda das graças divinas. Tais relações estariam exemplificadas na fala da personagem Neves<sup>205</sup> em *O Emigrante*, poema de Rodolfo Teófilo,

---

consegue assegurar a sobrevivência da família, não só física como moralmente e, também, manter e preservar a sua identidade de classe.” BARBOSA, 2000, p. 166.

<sup>202</sup> TEÓFILO, 1974, p. 236.

<sup>203</sup> *Ibid.*, p. 33.

<sup>204</sup> *Ibid.*, *loc. cit.*

<sup>205</sup> Os casos de intertextualidade nas obras de Teófilo acontecem com relação a alguns nomes de personagens. No caso de *O Paroara* e do poema *O Emigrante* ocorrem a repetição do nome do protagonista-migrante (Neves) e do paroara (José Simão). Para Gildênia Almeida, os nomes das personagens no romance *A Fome* têm a capacidade de apontar suas características físicas e psicológicas. Se utilizarmos esta compreensão para analisar os nomes das personagens apontados acima, teremos: José Simão – José (nome do hebraico que significa aquele que acrescenta) e Simão (nome do hebraico que significa aquele que ouve) – representando o indivíduo que, em seu papel de agenciador de trabalhadores para os seringais amazônicos, ouve as súplicas dos conterrâneos e mostra o caminho para melhoria de suas condições financeiras. Não deixa de ser um trocadilho com a figura

“São como nossos pecados/ sempre atroz do Mao christão”<sup>206</sup> e no comportamento de Chiquinha diante da falta de chuva para irrigar a plantação, quando “blasfemava de Deus por ter criado a praga que lhe devastou a seara e com esta o futuro pão da família”<sup>207</sup> e com a chegada das chuvas, acrescidas de intensa trovoadas, teme pelo castigo divino “O Deus de quem ela tinha blasfemado era o senhor do raio, dos ventos e da chuva; tinha poder para arrasar o mundo quanto mais a ela que diante das grandezas do universo não era mais do que uma célula de miserável verme.”<sup>208</sup>

O que mais choca a sensibilidade racionalista de Teófilo são os rituais realizados em nome desse misticismo religioso. Em sua compreensão, os atos de mortificação e penitência extremas praticados pelos fieis em favor desta “religião punitivo-primitiva” demonstrariam o grau de inferioridade evolutiva em que seus adeptos se encontravam, porque a religião deixava de ser um ato pensado, que exigiria reflexão, para tornar-se um teatro fantasmagórico de sangue e gritos:

A força que a impelia para longe da multidão que com tanta impiedade rasgava as carnes era tal, que a fez passar por cima dos devotos que por penitencia jaziam no adro amortalhados e deitados como se estivessem mortos, sem os machucar. Grande era a obcecação daqueles fanáticos que por humildade se deixavam pisar pelos devotos que saíam do templo. E a turba de penitentes atravessava o adro sem desviar-se dos corpos, que pisava a torto e a direito, porque entendia ser isso agradável a Deus, porque acreditava que assim seriam remidos os pecados daqueles que ali se deitavam para serem pisados.<sup>209</sup>

Algo que inquietava as reflexões de Teófilo era a presença destes mesmos fanáticos no corpo doutrinário da igreja. Para ele parecia contraditório que o indivíduo responsável por guiar os fieis nos caminhos da justiça e da verdade fosse um daqueles que se exaltasse em condutas ilógicas. Será essa uma das principais ressalvas que o narrador de *O Paroara* fará ao padre Francisco Mourão, que mesmo sendo elogiável por sua conduta caridosa e compreensiva, deveria ser entendido como um desequilibrado psíquico, que levava

---

bíblica de Simão Pedro, que nega conhecer Jesus durante o calvário, assim como o paroara Simão parece desconhecer aqueles a quem arregimentou quando chegam a seringal; Neves (do latim, sinais na pele) – a indicar que o migrante teria marcado no corpo os sinais da sua decisão em migrar, abatimento moral e afinamento físico. Cf. ALMEIDA, Gildênia Moura de Araújo. *A fome [manuscrito]: um romance do naturalismo?* Dissertação (Mestrado em Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007; OLIVER, Nelson. *Todos os nomes do mundo: origem, significado e variantes de mais de 6.000 nomes próprios*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

<sup>206</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *Scenas do Ceará (O Emigrante)*. Fortaleza. Revista Litteraria, Philosophica, Scientifica e Comercial. Edição Fac-sim. Biblioteca Básica Cearense. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2009, ano I, nº 6, pp. 7-9.

<sup>207</sup> TEÓFILO, 1974, p. 94.

<sup>208</sup> *Ibid.*, p. 95.

<sup>209</sup> *Ibid.*, p. 38.

as questões espirituais em proporções alarmantes, como no momento de sua ordenação sacerdotal em que acreditava não possuir a graça necessária a função sacerdotal, sentindo-se tentado por forças demoníacas: “Até os seus próprios sofrimentos, pensava, não seriam levados em conta de seus erros. Os seus escrúpulos chegavam a um grau pouco observado, até nos mais obcecados devotos. (...) Mourão era um mártir dos seus nervos, era um subjugado.”<sup>210</sup>.

Chiquinha aparece no romance a partir do capítulo VII, com a decisão de João das Neves em procurar uma noiva. Possuidor de uma pequena propriedade, antiga moradia da família, de uma égua e uma vaca, pagamento por seus serviços de vaqueiro, João sentia-se apto para encontrar uma companheira. Na descrição do narrador, João não pretendia escolher uma mulher que se destacasse pelos dotes estéticos, mas pela capacidade de trabalho, destacando a importância do serviço feminino para a manutenção da sobrevivência familiar, e foram estes atributos de Chiquinha que lhe chamaram a atenção:

Agora estava rechonchuda, rosada, manteúda, como um quartal de pobre. Foi a musculatura forte e bem desenvolvida da moça o que mais prendeu a atenção do Neves. A formosura dela que se ostentava em perfeito tipo de morena cor de canela poucas cócegas fez a sua sensualidade.<sup>211</sup>

Chiquinha, dentre os protagonistas do romance, é a que tem a origem mais sofrida. Órfã de pais tuberculosos, foi recolhida por padre Mourão em sua casa. Durante este período sofreu com as ações preconceituosas e violentas da irmã do padre Mourão (D. Inácia), sendo obrigada a manter-se isolada de outras pessoas pelo risco de contaminação pela tuberculose. O narrador apresenta o casamento com João, sem o consentimento da moça, tanto que o descobriu no momento dos proclames da missa, como a salvação para sua atribulada vida, porque independente da escolha realizada pelo padrinho, “o marido que lhe iam dar sempre a trataria melhor do que a velha”<sup>212</sup>.

Na realização de casamentos entre membros da população mestiça, Teófilo acredita que a Igreja comete um grave erro. Ao preocupar-se apenas com o componente espiritual, esquece-se das consequências físicas e psicológicas das uniões humanas, na medida em que os princípios de hereditariedade e atavismo atuavam no comportamento dos casados e na prole que gerariam. No caso do romance seria ainda mais grave, pelo histórico familiar de tuberculose de Chiquinha, tornando-se um crime contra o desenvolvimento e aperfeiçoamento da sociedade:

---

<sup>210</sup> TEÓFILO, 1974, p. 43.

<sup>211</sup> *Ibid.*, p. 49.

<sup>212</sup> *Ibid.*, p. 62.

A igreja não entrava nestas indagações. Unia os alcoólicos, os leprosos, os epiléticos, os tuberculosos sem atentar no mal que fazia à semente humana. Nem cogitava que dessas uniões condenadas saíam os miseráveis de todas as espécies que se arrastam no mundo num existência de abjeções, que passam na vida de infortúnios que levam por todas as etapas do sofrimento e depois vão apodrecer nos hospitais, vegetar nos asilos de alienados, morrer nas penitenciárias ou vagabundear nas ruas como verdadeiros cães de monturo.<sup>213</sup>

Para Teófilo, a solução viria por meio de uma rigorosa inspeção sanitária, que montasse um histórico familiar de ancestralidade até a quinta geração, com vistas a evitar a propagação de traços hereditários que “acabrunham, dizimam e degeneram a espécie humana já por si tão fraca, tão miserável”<sup>214</sup>.

Apesar da condenação da união do casal João-Chiquinha, Teófilo, por meio de Chiquinha, promove a exaltação da mulher cearense, como sustentação moral da família e exemplo da força do povo. No romance, Chiquinha, após o casamento, realiza os trabalhos na agricultura em igualdade ao marido, mostrando acentuada força física e disposição: “Chiquinha era na verdade um mouro de serviço. Não deixava de labutar nem nos dias de parir. Logo nos primeiros tempos provou ao marido a sua incomparável atividade.”<sup>215</sup>; além de possuir grande força moral, resistindo às investidas de outros homens quando da partida do marido para a Amazônia, preferindo a morte que à desonra:

Nunca a miséria fez Chiquinha abrir a porta de sua alcova ao pertinaz sedutor. Já muito tísica, quase reduzida a uma desprezível múmia, a se desmanchar em pus e a curtir febre todos as tardes, andava como alma penada pela floresta procurando como que alimentar os filhos que já derribados todos não tardariam a morrer inchados.<sup>216</sup>

Outro grande fator explicativo, para Teófilo, sobre o comportamento dos homens sertanejos é a força dominante do espaço natural. A partir das ponderações construídas por Antonio Cândido sobre a visão da natureza na literatura nacional, podemos vislumbrar que Teófilo, herdeiro da tradição romântica e adepto do determinismo biológico, compôs uma visão da natureza poderosa, capaz de moldar e transformar os comportamentos<sup>217</sup>. Não é por outro motivo que as personagens, sobretudo aquelas que sobrevivem do trabalho rural, vivem uma relação tensa com a natureza local. Apresentavam-se felizes e gratos quando o inverno benfazejo lhes permitia colher o sustento familiar, e coléricos e desanimados quando a

<sup>213</sup> TEÓFILO, 1974, p. 59.

<sup>214</sup> *Ibid.*, p. 60.

<sup>215</sup> *Ibid.*, p. 67.

<sup>216</sup> *Ibid.*, p. 232.

<sup>217</sup> CANDIDO, 1991, p. 120.

“dolorosa luta com o solo, senão esfalfado, pelo menos estéril pela inconstância das chuvas”<sup>218</sup> mostrava-se infrutífera.

Nessa relação homem-natureza, Teófilo destaca também a capacidade de intervenção humana na natureza. Mesmo que não a tenha definido por este termo, pode-se afirmar que para Teófilo a população sertaneja era uma “construtora de ruínas”<sup>219</sup>, na medida em que não tomava o cuidado necessário com os recursos naturais que lhe serviam ao sustento. Práticas tradicionais de cultivo da terra, como a queimada e a derrubada das árvores eram fortemente criticadas por Teófilo, por verem nelas credices errôneas em poderes miraculosos e uso de técnicas que a ciência moderna via como atrasadas. O resultado deste tipo de comportamento dos homens era a formação de cenários desoladores:

O colosso vegetal havia-se abatido. Em uma área de um hectare via-se somente um montão de destroços, uma tulha de pedaços de madeira de todas as formas e tamanhos. E daquelas ruínas feitas pelos braços do lavrador ignorante, saíam lamentos; era o pipilar das aves novas que dentro dos ninhos caíram com a árvore. Muitas morreram com o choque e as que escaparam piavam pelos pais, que no momento do desastre, valeram-se das asas e sem rumo voavam pelo azul, aturcidas com a queda da aroeira, para eles um grande cataclismo<sup>220</sup>.

Todavia, a visão não conduzia apenas para uma dimensão negativa sobre os sertanejos pobres. Teófilo compreendia que estes homens pobres, mestiços e migrantes, espelhavam uma força moral, apesar da pressão e sofrimentos impostos pelo meio e por aqueles que o governavam<sup>221</sup>. Ao relatar, por meio da memória de Neves, o caso da espingarda deixada por um viajante, que nunca havia sido removida do lugar depositado, e as inúmeras situações de auxílio nos momentos de trabalho, Teófilo destaca que a conduta humana deveria pautar-se nestas bases de solidariedade, honestidade, hospitalidade e respeito à propriedade e palavra dadas. Assim, os mesmos homens que com sua conduta irracional e

---

<sup>218</sup> TEÓFILO, 1974, p. 68.

<sup>219</sup> Oxímoro utilizado por Euclides da Cunha para definir o comportamento de seringueiros e caucheiros no cotidiano das florestas amazônicas. Para Euclides, ao se utilizarem de procedimentos agressivos, como a derrubada dos cauchos para extração do látex ou a não retirada de troncos e galhos das margens dos rios, tornavam-se agentes principais da destruição dos recursos que promoviam seu próprio sustento. Cf. CUNHA, 1966.

<sup>220</sup> TEÓFILO, *op. cit.*, p. 74.

<sup>221</sup> Quando dos conflitos para deposição do governo Accioly, Teófilo destaca a bravura do povo cearense para fazer valer a justiça e a verdade sobre o poder e as conveniências políticas: “O povo cearense foi mais que bravo, foi estoico. Luctou com a prepotência do governo federal, claramente infenso ao seu candidato, luctou contra as intrigas, contra as perfídias dos politiquieiros, contra as calumnias do emissário aqui do P. R. C., enfim, batalhou desajudado dos poderes públicos, mas venceu; a victoria foi sua porque a verdade estava ao seu lado.”. TEÓFILO, 2001, p. 267.

violenta prejudicavam o espaço em que habitavam, eram aqueles capazes de ensinar importantes lições aos agrupamentos urbanos ávidos por riqueza e vícios.

Destacados os elementos acima apontados, Teófilo tem montado o campo para apresentar o elemento que promoveria a mudança na vida de João das Neves, o aparecimento do paroara José Simão, a partir do capítulo XXI. Os paroaras seriam indivíduos migrantes que retornavam as suas terras para arremeter novos trabalhadores, tendo sido recrutados pelos donos dos seringais e das Casas Comerciais, que eram estabelecimentos de capital eminentemente estrangeiro, que controlavam as inúmeras transações em torno do comércio da borracha, desde a colocação de trabalhadores, abastecimentos dos barracões, até a compra e transporte do látex coletado<sup>222</sup>. A sua figura é um misto de familiar e exótica. Todos conheciam sua linhagem e as proezas de seus familiares. Mas ele estava diferente. Tinha saído franzino e descalço, como os seus. Voltou “vestido de roupa boa, correntão de ouro, chapéu-de-sol”<sup>223</sup>. Essa metamorfose, aliada as suas ações, provocava sensíveis alterações na realidade de seus antigos vizinhos. Como prova de sua prodigalidade pagou a reforma da igreja, a realização de casamentos e batizados. É logo exaltado por seus conterrâneos. Para não desmerecer a impressão das pessoas, esmera-se nos gastos e esbanjamentos.

Essa necessidade do paroara em explicitar ganhos materiais, para Teófilo, significava mostrar aos demais que sua partida não havia sido em vão. Funcionava como uma comprovação de que todos os sofrimentos passados e futuros valeram a pena, posto que, pelo menos em seu lugar de origem, ele conseguia obter uma condição social melhor do que aquela anteriormente experimentada. Mesmo que essa superioridade fosse por tempo limitado e com o retorno ao local de imigração voltasse a ocupar uma posição de inferioridade. Esse sentimento vivido por José Simão, e que pode ser amplificado para os demais paroaras, é identificado por Rodolfo Teófilo nos seguintes termos: “Voltava ainda aos seringais, àqueles sorvedouros de gente, porque precisava ganhar mais alguma coisa para voltar de vez e se estabelecer aqui”<sup>224</sup>.

A demonstração de prodigalidade de José Simão, que para Teófilo representa uma das táticas falaciosas destes agentes migratórios, uma vez que contribuíram para forjar no imaginário popular a ideia do pomposo e redentor *Eldorado*<sup>225</sup>, também destaca o papel da

---

<sup>222</sup> Cf. MORALES, 2002.

<sup>223</sup> TEÓFILO, 1974, p. 103.

<sup>224</sup> *Ibid.*, p. 117.

<sup>225</sup> O impacto do mito do *Eldorado* sobre a população local pode ser visualizada na seguinte passagem de *O Paroara*, onde José Simão tece o cenário do fausto amazônico: “A fartura do Amazonas debaixo do ponto de vista da alimentação e mais ainda a diária de vinte mil réis aos maiores preguiçosos, teve um efeito sugestivo tal

confeção de redes de sociabilidades, que tornariam a vinculação entre o local de partida e o de chegada mais fortalecido. Ao apadrinhar filhos de conterrâneos, José Simão constitui uma ligação destes novos afilhados e compadres para com ele, construindo uma ponte com a Amazônia: a condição de ser acolhido por um conhecido. Não possui outra motivação as notas impressas nos jornais locais quando da partida para a Amazônia: a afirmação de que os conhecidos e conterrâneos teriam um amparo inicial caso tivesse o interesse e a possibilidade de emigrar.

Na junção dos componentes biológicos com a propaganda realizada pelo paroara estava montada, para Teófilo, a combinação necessária para levar os pobres iletrados à emigração, apagando neles qualquer afeto à terra natal e aos familiares. A maneira como João das Neves emigra, durante a noite e sem despedir-se de seus filhos, sem martirizar-se pelo desamparo em que ficariam, é formatada pelo narrador como prova de que o legado da migração, antes mesmo de ter início, seria dor e miséria:

Vencia ainda uma vez o egoísmo brutal de seus avós indígenas. A baga de pranto foi um lampejo fulgente das qualidades afetivas; durou um instante como o raio último de uma luz que se extingue.

[...]

João das Neves saiu às topadas de estrada afora em rumo da vila. Obcecado pelas fabulosas riquezas do Amazonas não pensava senão em encurtar a viagem, diminuir o tempo, e apressar o momento feliz de pisar aquela abençoada terra, que ubérrima e pródiga não nega os frutos de suas entranhas ao cultivador, nem tem canseiras, nem ingratidões.<sup>226</sup>

E para apresentar a partida dos migrantes de sua região, o narrador realiza a descrição de uma retirada de gado. Os animais, em sua sabedoria instintiva, conseguiam pressentir que não retornariam a fazenda onde nasceram. Essa sabedoria, em contrapartida, faltava aos homens. Os animais soltavam urros tristes e resignados, os homens pensavam apenas na riqueza que conquistariam na futura vida amazônica.

## 4.2 Cenas de uma vida amazônica

Na concepção de Teófilo, a legitimação de seu romance como instrumento de denúncia da emigração para a Amazônia passava pela comprovação de que a viagem para a Amazônia transformaria a vida dos migrantes em sofrimento e dor. Deste modo, tornava-se imperativo demonstrar, “empiricamente”, as situações pelas quais passavam os migrantes na

---

sobre os homens que ouviram o paroara, que este ao terminar a narrativa, sem lhes dirigir o menor convite já os tinha prontos para seguirem para o Amazonas.”. TEÓFILO, 1974, p. 108.

<sup>226</sup> *Ibid.*, p. 113-114.

vivência desta migração. Assim, a Amazônia passa a ser o cenário da narrativa a partir do capítulo XXVIII, com a chegada dos migrantes a Belém.

No primeiro contato com a natureza amazonense, o narrador manifesta a impressão geral de que a beleza dos elementos naturais encantavam aqueles que a visualizavam pela primeira vez, todavia o sentimento rapidamente transformava-se em cansaço pela sensação de repetição dos cenários:

Os passageiros, que pela primeira vez faziam aquela travessia não se fartavam de admirar a pujança da natureza sempre bela em seus diferentes aspectos. Passavam horas esquecidas nas amuradas contemplando o cenário a se mudar constantemente.

Em breve os sentidos se cansavam da majestade do panorama e os olhos, que nas primeiras horas se abriam querendo devorar as paisagens, se amorteciam saciados num vago olhar de cisma.<sup>227</sup>

Neste momento da narrativa, a atenção principal do narrador é direcionada ao personagem Dr. Vasconcelos, jovem formado em Direito, que pela falta de oportunidades de emprego no Ceará decide emigrar. Ao trazer este personagem para a trama, Teófilo explicita a existência da migração de letrados, que por falta de recursos ou por perseguições políticas, buscavam na migração, tal qual o migrante pobre iletrado, a melhoria das condições de vida. Todavia, não enxergava assim Vasconcelos, e seu comportamento gira em torno da tentativa de não se misturar ao cenário do qual participava, destacando a especificidade de seu caso como “doutor de colete e óculos” em comparação aos animais e incivilizados companheiros de viagem. Os migrantes letrados apenas tornar-se-iam objetos de seu interesse quando percebe que poderia lucrar com o tratamento arbitrário dado a eles. Ao denunciar por meio da imprensa tais fatos poderia ascender aos círculos sociais e intelectuais da região, e talvez até do Rio de Janeiro:

A imprensa de todo Brasil transcreveria as suas palavras vibrantes de civismo e de saber e sua fama correria o mundo inteiro. A Capital Federal fatalmente o atrairia, não como o asilo dos talentos desprotegidos, mas como o mundo estelar onde brilham os astros de primeira grandeza.<sup>228</sup>

O interesse rapidamente arrefece quando encontra um antigo colega de faculdade e um grupo de cadetes a quem decide impressionar com seus talentos de orador e “intelectual”:

[...] vendo as misérias da proa, já não lhe pareciam tão cruas, nem tão dignas de serem atendidas. Estavam de acordo com a sensibilidade moral dos que as

<sup>227</sup> TEÓFILO, 1974, p. 134.

<sup>228</sup> *Ibid.*, p. 133.

sofriam. [...] Não valeria a pena advogar a causa de semelhantes bestas. Se ao menos elas fossem suscetíveis de piedade, mas nem esse sentimento tão humano tinham elas. Convencera-o disso a morte de um deles em consequência de um desastre.<sup>229</sup>

Este personagem é utilizada por Teófilo para criticar todos aqueles que se servem do sofrimento e das mazelas das camadas pobres cearenses para ter algum destaque no cenário das letras, sem mostrar o interesse em refletir quais as possíveis soluções para os problemas visualizados. Teófilo expressa que a condição de intelectual exige uma postura ativa de intervenção sobre a sociedade e seu povo, com vistas a sua educação e desenvolvimento. Além disso, faz uma crítica à sociedade letrada que muitas vezes interessasse mais por novidades e escândalos do que pelos estudos sérios e comprometidos com a verdade.

João das Neves retorna à narrativa apenas com a parada da embarcação em Manaus. O contato inicial com a paisagem diversa a do Ceará despertaria os primeiros sintomas de desconfiança da personagem sobre as promessas realizadas por José Simão, que rapidamente seriam abafadas pela visualização do dinheiro sendo gasto em abundância e da atenção que os seringueiros recebiam na cidade. Para Teófilo, Manaus, assim como Fortaleza, representava a cidade do vício e da perdição que, por sua condição contagiante, levava o migrante a perder as suas qualidades morais, como a virtude do trabalho e o amor à família, levando a quebra de sua personalidade, que logo seria sentida no enfraquecimento do corpo:

A crápula e o deboche em todas as suas modalidades praticavam as meretrizes para incendiar mais os homens, como se cada um daqueles mestiços cortados de abstinência não fosse um sátiro.  
O dinheiro saía dos cintos deles para as bolsas das perdidias tirado pelos mais ignóbeis artificios. As mulheres, os criados, e o hospedeiro formavam uma quadrilha de depenadores.<sup>230</sup>

O narrador empreende uma crítica muito intensa sobre a formação cultural e social de Manaus. Em um período de construção e afirmação das identidades locais, com suas características e peculiaridades, o narrador compreende a sociedade manauara como um amálgama de elementos culturais diversos e dispersos, trazidos pelos migrantes de inúmeras regiões, que encontrou no enriquecimento seu único ponto de coesão, formando, assim, uma sociedade de mercenários. Levando em conta “a lei fatal de adaptação ao meio”, o narrador

---

<sup>229</sup> TEÓFILO, 1974, p. 135.

<sup>230</sup> *Ibid.*, p. 141.

afirma que a tendência dos migrantes que decidiam por permanecer em Manaus seria o decaimento moral, um “viver de traições e de embustes”<sup>231</sup>.

O trajeto entre a cidade de Manaus e o seringal desperta nos migrantes admiração e espanto. Por meio dos conhecimentos trazidos do Ceará, estes buscavam decifrar os elementos observados. Não é por outro motivo que João das Neves, ao longo do romance, realiza constantes comparações entre a flora e a fauna amazônica e a cearense, que denunciavam sua condição de “brabo”<sup>232</sup>, de inexperiente nas coisas da terra, e lembravam aos companheiros já veteranos a maneira como os próprios haviam chegado, plenos de expectativas e esperanças, que a rotina dos seringais lhes havia retirado. Na primeira ida ao seringal, o narrador apresenta a surpresa de João sobre a dimensão e densidade de árvores na floresta, que em nada pareciam com as árvores do Ceará. Definindo sua interpretação como inocente e infantil, o narrador descreve a capacidade de reflexão do migrante nos seguintes termos:

Uma árvore tamanha nunca tinham visto. Acharam-na parecida com a barriguda do Ceará na casca e na folha. Miraram a árvore de cima a baixo, mas quando o exame chegou ao tronco viram uma cousa que os espantou, tão estranha era para eles. A haste a pouco distância do solo estava guarnecida de sapupemas, grandes e largas pranchas, que saídas da árvore, rodeando o tronco, como os raios o cubo de uma roda, iam-se implantando no solo. Estas tábuas saíam fora da terra da altura de um homem, formando entre uma e outra, compartimentos em que cabiam algumas pessoas.

João das Neves e o companheiro levaram muito tempo examinando as sapupemas sem atinarem o fim da natureza criando aqueles contrafortes.

O Neves não se conteve. Sem poder o seu espírito inculto entrar no conhecimento de tão notável fenômeno e muito menos explicá-lo disse ao companheiro:

— Hem, Pedrinho, então os pés de pau d’aqui tem camarinha no tronco!...<sup>233</sup>.

Esse expediente comparativo, que na narrativa serve aos migrantes para construir um entendimento aproximado da nova realidade em que estão inseridos, permite aos leitores que se aproximem da sociedade e da cultura amazônicas descritas no romance. Nesse sentido, o caráter didático do programa literário de Teófilo acentua-se, tendo em vista que parte dos leitores, assim como o próprio Teófilo, conhece a região apenas por relatos escritos e orais.

Ao longo do romance, o narrador observa que estes homens não eram capazes de compreender o caráter maravilhoso da constituição e da renovação da natureza, interessados

<sup>231</sup> TEÓFILO, 1974, p. 142.

<sup>232</sup> Indivíduo recém-chegado aos seringais, que desconhece a vida na floresta e os processos do trabalho extrativo.

<sup>233</sup> TEÓFILO, *op. cit.*, p. 151.

que seriam apenas em satisfazer seus interesses por violência. Na descrição do narrador, a falta de cuidado com os momentos de procriação dos animais aproximava estes homens aos carnívoros mais ferozes, animalizando-os: “Todos os dias lá iam, e naquele enorme viveiro, onde se reuniam bichos de toda a fauna do Amazonas, matavam à vontade”<sup>234</sup>.

A apresentação da Amazônia aos leitores passa também pelo destaque ao exotismo e do fantasioso. O anoitecer seria o responsável pelo aparecimento destas figuras fabulosas. Não um aparecimento real, mas imaginativo, despertado pelos sentimentos irracionais dos homens, que preferiam acreditar no miraculoso a buscar explicações plausíveis para os eventos observados. No falso rumor da presença de índios nos seringais, o narrador destaca o quanto uma mente despreparada intelectual e emocionalmente pode criar de dificuldades para o desempenho das atividades cotidianas:

Qualquer rumor que ouvia o assustava. No silêncio sepulcral daquela mata secular e virgem a queda de uma folha, qualquer som enfim, adquiria a intensidade de um ruído forte [...] Quando o caboclo se viu envolto na grande onda sonora não discorreu mais, marinhou pelo pau que lhe ficava mais próximo. Trepado nos últimos ramos de uma alta seringueira, olhava para baixo esperando a passagem do bicho, que tinha um urro tão possante que fazia estremecer a terra. João das Neves contava ver passar em frente de seus olhos um índio ou um animal do tamanho de um touro, quando com grande assombro seu assomou na vereda uma pequena ave, parecida com o capote, andando de cabeça baixa, gemendo em procura do bando que tinha perdido.<sup>235</sup>

A chegada dos migrantes e os primeiros dias no seringal vão apresentando-os, e por extensão os leitores, a todo o complexo que compõe a economia dos seringais. Barracão<sup>236</sup>, casa aviadora, centro<sup>237</sup>, estrada<sup>238</sup>, defumação<sup>239</sup>, “pêla” de borracha<sup>240</sup>, são conceitos que rapidamente precisam ser apreendidos pelo migrante para conseguir atuar dentro do seringal, evitando os perigos do trabalho e cair no desagravo do patrão, Bernardo

<sup>234</sup> TEÓFILO, 1974, p. 217.

<sup>235</sup> *Ibid.*, p. 163-164.

<sup>236</sup> Segundo Carlos Pontes, o barracão tinha as funções de local de moradia do proprietário dos seringais, de centro administrativo do seringal e de armazém, para estocagem da borracha produzida até seu envio as casas comerciais de Belém e Manaus e onde os seringueiros eram obrigados a comprar seus mantimentos e materiais necessários para a extração da borracha, tais como baldes e machadinhas. PONTES, Carlos José de Faria. O primeiro ciclo da borracha no Acre: da formação dos seringais ao grande colapso. *South American Journal of Basic Education, Technical and Technological*, Rio Branco, vol.1, num.1, pp. 107-123, 2014.

<sup>237</sup> Centro é a fração do seringal destinada ao seringueiro para sua permanência durante o período de extração de látex, compondo-se da habitação, do conjunto de seringueiras que deve explorar e do defumador. Localizava-se no interior da floresta, distante do barracão e poderia ser abandonado apenas durante o período chuvoso, que impossibilitava a extração.

<sup>238</sup> A estrada consistia no conjunto de seringueiras, em média de 80 a 100 árvores, que deveriam ser exploradas pelo seringueiro. Possuíam formato irregular, que acompanhava a disposição das árvores, iniciando no terreiro de habitação do seringueiro. Cf. CUNHA, 1966.

<sup>239</sup> Defumação era o processo coagulativo do látex por meio de sua exposição a grandes temperaturas.

<sup>240</sup> A pêla era uma esfera sólida de borracha resultante da defumação.

das Ipueiras. Um dia antes da partida para suas respectivas estradas, aos migrantes são apresentadas as dívidas contraídas durante a viagem. Para o narrador, os proprietários de seringais aproveitam-se do desconhecimento dos migrantes para fazê-los aceitar sem reclamação as dívidas impostas, passando a falsa impressão que o mais prejudicado poderia ser o patrão, mediante o investimento acentuado que faria fiando aos trabalhadores gêneros alimentícios e materiais de trabalho: “Que importa que o patrão, que arriscava os seus cabedais vendendo-lhes fiado, ganhasse muito nos gêneros. Tudo era negócio. E demais podiam morrer e ele quem perdia o seu dinheiro.”<sup>241</sup>.

Teófilo utiliza Bernardo das Ipueiras para criticar a organização dos seringais que, ao impedir qualquer tipo de atuação da justiça e da lei fora dos interesses do dono, acaba por significar a atualização da política de escravidão de nacionais e do sistema de violência. Não sendo por outro motivo que Bernardo tinha inúmeros instrumentos de tortura, como troncos, garganteiras e palmatórias, que “estavam ali como um veemente atestado do seu governo ditatorial (...) cujas leis eram simples e unicamente a sua vontade”<sup>242</sup>, e que explicitavam que aqueles homens representavam objetos geradores de renda nas mãos do patrão.

Para o narrador, Bernardo das Ipueiras simbolizava a outra ponta da contradição identitária que a migração para a Amazônia trazia. Por ser cearense e ter sofrido por mais de 30 anos como seringueiro, deveria, para o narrador, tratar os conterrâneos de outros modos. Pela falta de cultura e instrução, pela riqueza e na ausência de uma companheira digna, tornou-se completamente perverso, interessado apenas em aumentar seus rendimentos, desinteressando-se pelos destinos dos patrícios: “Não tinha coração para saudades e todo ganância avaliava somente a força daquelas cinquenta máquinas que em breve internaria pelos seringais a aumentar os seus crescidos haveres. Achou a leva magnífica”<sup>243</sup>.

A crítica à economia dos seringais vinha também pela apresentação de outros indivíduos que também buscavam beneficiar-se da exploração dos seringueiros. Para reuni-los, Teófilo descreve uma festa de São João ocorrida no barracão de Bernardo de Ipueiras. Neste evento apareceram mascates, padres, médicos, advogados, dentistas. Cada um em sua área de atuação buscava aproveitar-se da vida desassistida dos seringueiros para vender um consolo material ou espiritual. Os mascates, de origem judia<sup>244</sup>, eram descritos como sujos e

<sup>241</sup> TEÓFILO, 1974, p. 149.

<sup>242</sup> *Ibid.*, p. 144.

<sup>243</sup> *Ibid.*, p. 145.

<sup>244</sup> A associação entre os mascates judeus e o comércio fraudulento está ligada, na tradição intelectual brasileira do século XIX, ao estereótipo ao judeu. Estigmatizados como errantes, amaldiçoados, anticristãos, os judeus eram vistos como fator de entrave a construção da identidade nacional, uma vez que carregavam a pecha de

velhacos, que vendiam amuletos, anéis e remédios à custa da saúde deficitária dos seringueiros, prometendo a cura “de enfermidades que a própria medicina reputavam incuráveis”<sup>245</sup>. Os médicos, na personagem de Dr. Praxedes, diziam-se fazedores de curas miraculosas, aproveitando-se do efeito que suas palavras realizavam junto aos presentes para aviarem receitas e venderem remédios a preços exorbitantes. Os dentistas realizavam a extração de grande quantidade de dentes, mesmo daquelesãos. Como observa o narrador, a questão da saúde era cara àqueles indivíduos e “tudo era meio de cura, de comprar a saúde tão precária naquelas regiões, não rejeitavam, não regateavam”<sup>246</sup>. Os advogados, por sua vez, se aproveitavam para lucrar com as demandas litigiosas por dinheiro e terra que os seringueiros apresentavam: “Demandistas por índole, cabeçudos por atavismo, questionavam por um pedaço de estrada, gastando com a Justiça somas avultadas que dariam para a fabricação de um centro”<sup>247</sup>. Entre todas estas figuras exploratórias, os padres, representados por Bibiano, realizavam o papel mais escuso nesta exploração dos seringais. Como representantes da religião do Cristo deveriam olhar pelo sofrimento dos seringueiros, tal qual fazia o padre Mourão pelos seus paroquianos nos sertões do Ceará. Todavia, influenciados pelo vício do meio, eram coniventes com as violências praticadas pelos patrões, vendiam os sacramentos da igreja a preços exorbitantes e deixavam-se dominar pelos prazeres: “Bibiano ia jogando e bebendo; nem cuidava de consultar o relógio, ele que tinha de pela manhã celebrar o santo sacrifício da missa!...”<sup>248</sup>.

Sobre a família do proprietário do seringal, o narrador apresenta ao leitor a boliviana Conchita, amásia de Bernardo. Na história, seria ela a responsável por ampliar os sofrimentos padecidos pelos migrantes, seja diminuindo o fornecimento de rações ou acusando-os de alguns crimes, como roubo no peso da borracha e de seus bens pessoais. Por meio dos adjetivos aplicados à personagem, tais como peste, demônio, harpia, podre de vícios, cão açulado, percebe-se que Teófilo elegeu os bolivianos como contraponto à ação heroica realizada pelos cearenses na região, diretamente ligado aos conflitos territoriais que

---

desapego ao território e de corrupção da ordem. Sobre o tema: NEVES, Gilson Pereira. *Machado de Assis e o mito antissemita: a genealogia como contraponto crítico ao estereótipo do judeu em Papéis Avulsos*. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2011; RAPPORT, Nigel. Em louvor do cosmopolitismo irônico: nacionalismo, o “judeu errante” e a cidade pós-nacional. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 45, nº 1, p. 89-130, 2002; SANCHES, Rafaela Mendes Mano. As apropriações da literatura antissemita no romance *As minas de prata*, de José de Alencar: o povo judeu no processo identitário da nação. *Revista Entrelaces*, ano VI, nº 7, p. 8-30, jan-jun. 2016.

<sup>245</sup> TEÓFILO, 1974, p. 173.

<sup>246</sup> *Ibid.*, p. 176.

<sup>247</sup> *Ibid.*, p. 176.

<sup>248</sup> *Ibid.*, p. 179.

ocorriam no local da narrativa (Acre). Para não haver dúvidas de que há, na perspectiva do narrador, uma oposição severa entre cearenses e bolivianos, que os torna inimigos, observe-se a seguinte passagem do romance com a descrição de Conchita:

Aos cearenses votava ódio, mas ódio de morte. Esta aversão era em grande parte motivada por terem sido eles os colonizadores do Amazonas, estarem de posse de quase todos os seringais com prejuízo dos patrícios dela, os bolivianos. Assim não perdia vasa de fazer todo o mal que podia aos *cearás*, como os chamava.<sup>249</sup> (grifo do autor)

Não se pode esquecer que o romance passa-se em 1898-1899 e, portanto, a região em questão era de posse oficial do estado boliviano, mas de povoamento efetivo por brasileiros. Portanto, nas disputas entre posse de direito e de fato, que culminariam no tratado de Petrópolis de 1902, Teófilo defende o direito de quem buscou desenvolver a região, dando sua vida e sangue, no caso os cearenses. Uma dívida histórica que o autor não deixaria de destacar em suas obras subsequentes<sup>250</sup>.

A rotina dos seringais é apresentada como um constante estado de medo, de preocupação com os perigos da floresta (representados pelos animais selvagens, pelos indígenas e pelas doenças) que vão minando o ânimo dos migrantes/ seringueiros e os faz, paulatinamente, perceber o erro cometido em abandonar a terra e a família em troca da ilusão da riqueza fácil na Amazônia. João das Neves, passado o primeiro entusiasmo com o trabalho, no qual extraía látex “com mão segura dando à incisão a profundidade devida”<sup>251</sup>, impressionando a todos, começou a sentir o definhamento físico e espiritual que o trabalho impunha. Com o desenvolvimento do impaludismo os sofrimentos aumentaram, sendo constantemente atormentado por cansaço extremo, falta de ar, fastio alimentar, sudorese excessiva, acompanhados de um arrependimento moral, de saudade da família e da terra, levando-o a concluir que deveria ter-se conformado com aquilo que possuía, “uma vez lá ao lado da mulher e dos filhos se contentaria com o pouco que a terra lhe desse”<sup>252</sup>. Este momento simboliza para Teófilo o início da possibilidade de retorno ao migrante. Quando compreendia seu erro em migrar para a Amazônia, poderia aplicar-se com ímpeto à única solução que o libertaria: o trabalho. A exaltação do trabalho aparece como maneira de

---

<sup>249</sup> TEÓFILO, 1974, p. 145.

<sup>250</sup> Em *A seca de 1915*, Teófilo se referiria sobre o povoamento da Amazônia nos seguintes termos: “O povoamento do Amazonas só podia ter sido feito, como foi, pelo caboclo cearense, cuja organismo resistia às moléstias daquela insalubre região e cujo espírito, impregnado de grosseiro fatalismo, era indiferente às constantes e numerosas perdas de vida, porque estava convencido de que o homem tem fixa a data da sua morte.”. TEÓFILO, 1980, p. 73.

<sup>251</sup> *Ibid.*, p. 157.

<sup>252</sup> TEÓFILO, 1974, p. 166.

disciplinar o comportamento dos homens, controlando seu deslocamento. Assim, Teófilo compreende que as medidas a serem tomadas contra a emigração, por parte do Estado, estavam em educar e ocupar homens e mulheres, que tendo uma informação correta sobre a realidade da Amazônia e uma fonte de renda no Ceará não pensariam em aventurar-se pela região.

O retorno não ocorreria na concepção de Teófilo antes que o migrante tivesse quebradas todas suas bases identitárias, no momento em que não conseguisse mais reconhecer-se e aceitar-se. Mesmo que tentasse manter alguns costumes de sua terra natal, suas ações seriam artificiais e repletas de mágoas. Na esteira das situações-limite vivenciadas por João das Neves estava a realização de atividades domésticas (lavar, varrer), que em sua concepção diminuía-no como homem e desrespeitava a criação dada por seus pais, além de representar a sua perda de força e disposição para o trabalho pesado:

Essa nova ocupação revoltava os seus nervos já muito irritados pela doença. Eram bem tristes as suas condições!... Um caboclo, forte como um novilho, o rei dos machados de sua terra, estar condenado a fazer serviço de mulher!... Se Chiquinha o visse feito lavadeira ficaria pasmada, e que dó não teria dele se soubesse que se sujeitou àquela humilhação porque seus músculos estavam como os de um cavalo velho estafado.<sup>253</sup>

Para justificar os males causados pela migração, até a exaltação da masculinidade é realizada por Teófilo, tornando-a mais um fator para justificar a não migração cearense para a Amazônia, que leva os homens a perderem os traços que identificam sua força, seja ela física ou a moral.

Durante a quadra chuvosa, os seringueiros interrompiam o trabalho nos seringais e concentravam-se nas terras altas dos barracões. Uma de suas responsabilidades seria o transporte das peças de borracha, trabalho mais extenuante aos homens já debilitados pela doença. Nesse momento, o narrador apresenta as qualidades morais dos sertanejos que auxiliam-se mutuamente no trabalho, lembrando a grandeza de espírito que apresentavam no Ceará: “\_\_\_ Deixa estar, Joãozinho, que eu só dou conta do recado. Se eu estivesse nas suas posses você não fazia outro tanto por mim?”<sup>254</sup>.

A reunião dos trabalhadores, onde se observa a extrema debilidade de suas saúdes, permite ao narrador afirmar, uma vez mais, a ventura daqueles que pudessem retornar aos seus locais de moradia:

---

<sup>253</sup> TEÓFILO, 1974, p. 185.

<sup>254</sup> *Ibid.*, p. 197.

Felizes os que escapavam daquela luta infernal com algum alento e podiam fazer a longa travessia ao torrão do berço e pisar as brancas areias de suas terras. Estes estavam salvos. Mas, quantos sucumbiriam com a certeza de que marchavam para a morte, verdadeiros párias, sem direitos e garantias, em uma terra inda selvagem, onde a lei era a vontade do dono do barracão, para quem o seringueiro não era um homem digno de compaixão e de caridade, porém simples e unicamente uma besta de carga.<sup>255</sup>

Para Teófilo, a falta de assistência experimentada pelos migrantes na Amazônia resolver-se-ia com o regresso ao Ceará. As opções aos pobres migrantes apresentadas pelo autor reduzem-se a compaixão e a caridade. É um ponto de vista plenamente vinculado aos interesses da classe dominante, reduzindo as possibilidades de ação dos pobres.

Apesar dos sofrimentos causados pela doença e pela saudade, João das Neves consegue retornar ao Ceará. Retorna depois de dois períodos de extração, doente e desiludido com as promessas da riqueza amazônica. O retorno dos migrantes para Fortaleza é utilizado por Teófilo, uma vez mais, para destacar que o dinheiro gasto pelos paroaras era o responsável pelo despovoamento do Ceará, ao despertar os já apontados instintos atávicos. A entrada de bens no estado proveniente da riqueza da borracha, que a principio poderia parecer positiva, na verdade trazia uma dependência de renda e seria uma forma de “venda” da população ativa para os estados do Norte. Compreende Teófilo que o problema central da migração não seria a seca, já que no período de 1899 quando João das Neves retorna estava chovendo, mas a falta de patriotismo e interesse das camadas políticas em construir os meios que fizessem os menos favorecidos permanecerem. Para Teófilo, os migrantes embarcavam para a Amazônia por mágoa, da terra que não recompensava seus esforços e dos homens que não eram solidários, e principalmente por fatalismo, nomadismo e sugestão do dinheiro, uma vez que “Ninguém a vista da riqueza que vinha do Amazonas cogitava do dia de amanhã, nem tão pouco que, se um homem refratário ao paludismo voltava rico, quarenta e nove ficavam lá enterrados”<sup>256</sup>.

João das Neves, ao regressar ao Ceará, hospeda-se em um frege esperando o trem que o levaria de volta aos sertões. Observando a quantidade de pessoas que esperam embarcar para a Amazônia, lamenta a infelicidade certa que os atingiria e a falta de crença no poder transformador que a chuva traria a sua terra. Constata que apesar de todas as desgraças apresenta melhor condição financeira que seus conterrâneos. Esse fator, que poderia justificar,

---

<sup>255</sup> TEÓFILO, 1974, p. 198.

<sup>256</sup> *Ibid.*, p. 221.

em alguma medida, a validade da migração, é rapidamente abandonado com a lembrança das dores padecidas.

Voltando à região de moradia, João das Neves é tomado por sentimentos de remorso e tortura, acentuados pela observação da situação de penúria em que se encontravam as famílias dos companheiros de viagem. Neste momento da história, o narrador interrompe o fluxo da narrativa e apresenta o cotidiano da família de João durante sua ausência, destacando seus sofrimentos e a incapacidade de Chiquinha em manter o sustento seu e dos filhos. Como consequência houve o aparecimento em Chiquinha dos sintomas de tuberculose, seu consequente definhamento físico, além da morte de cada um dos quatro filhos do casal. O narrador exalta Chiquinha como a mulher digna, que mesmo vivendo em uma situação extrema de pobreza, preferiu a morte a ceder aos caprichos de seus assediadores.

O encontro entre Chiquinha e João é marcado por profunda carga dramática, este apresentando arrependimento pela decisão tomada e aquela amargurada por todas as situações que precisou enfrentar. A frase final de Chiquinha em seu leito de morte, falando sobre os filhos, “\_\_\_ morreram... todos... de... fome...”<sup>257</sup>, resume, para Teófilo, o saldo final da migração para a Amazônia: a solidão, a doença e o remorso.

#### **4.3 Depois de *O Paroara* e adiante: a manutenção da migração para a Amazônia como tema nas obras de Teófilo**

Após a publicação de *O Paroara* e com a ocorrência de nova seca, Teófilo lançou-se novamente à empreitada de discutir o problema deste fenômeno, publicando em 1901 o livro *Secas do Ceará* (Segunda metade do século XIX). Nesta obra Teófilo realizou um mapeamento das secas que assolaram o Ceará no último quartel do século XIX (1877-80, 1898, 1900), destacando as similitudes e as diferenças entre elas. A seca de 1877, que se estendeu até 1879, teria estabelecido o pânico geral, ante a falta de lembranças da experiência da seca (última ocorrida em 1845). Observou Teófilo que esta seca reuniu ricos e pobres em um cortejo de sofrimentos em busca das praias. Criticou as posturas de políticos cearenses, com destaque para José de Alencar, que incompreensivos ante a situação do Ceará, prejudicaram o envio de recursos para socorrer as vítimas. Abordou que o estado sanitário deplorável dos abarracamentos favoreceu a proliferação de doenças e a morte de pessoas. Quanto à seca de 1898, entendeu-a como uma seca parcial, em virtude de terem ocorrido

---

<sup>257</sup> TEÓFILO, 1974, p. 235.

chuvas esparsas em partes da região do Cariri, observando ainda a indiferença das autoridades, na figura de Antônio Accioly, sobre a situação dos retirantes nas ruas de Fortaleza.

Sobre a seca de 1900, baseando-se em dados por ele coletados, afirma que o volume de chuvas foi inferior a 1877. A devastação corria por todo o estado, com a repetição de cenas terríveis onde os migrantes estavam entregues a situações degradantes e martirizantes. Explicando a incompetência do governo na gestão da situação (promoção do fechamento do lazareto e omissão na superação do ataque da peste bubônica), que teve como único aspecto louvável a abertura de pequeno crédito para construção de açudes, criticou ainda a postura tomada na gestão do Estado pelo coronel Bezerril Fontenele, que havia deixado o governo, em 1896, com as finanças saneadas, mas sem nenhum açude ou barragem. Conclui que a seca de 1900 deixa como lição que o povo cearense não poderia contar com o governo da União na superação das calamidades, na medida em que se utilizava do pacto federativo para entregar cada região à própria sorte, quebrando, assim, a lógica assistencialista, presente desde o governo Imperial. Teófilo que não se mostrou um entusiasta da República, acabou por expor o interior de um sistema corroído, fantasiado de ordem e civilização, que desprezava as necessidades do povo, visto que “quando se apelava para o patriotismo, para o civismo que cada cidadão devia ter em alto grau, respondia \_\_\_ que a corrupção vinha do alto”<sup>258</sup>.

No que concerne à migração para a Amazônia, Teófilo inicia seus apontamentos criticando a proposta de lei que obrigava ao agenciador o pagamento de uma taxa de um conto e quinhentos mil reis para autorização de “retirada” dos migrantes. Para Teófilo, por mais que pudesse ser uma iniciativa para evitar a saída da população do estado, simbolizava que o governo estava interessado apenas em receber alguma compensação financeira pela perda desta mão-de-obra em potencial, não demonstrando qualquer apego à sorte desta população migrante. Significava para ele ainda a reatualização da venda de vidas humanas, do tráfico dos escravos da fome e da miséria, que excitava a gana dos interesseiros e calhordas, já que “o mercado de gado humano esteve aberto enquanto durou a fome, pois compradores nunca faltariam”<sup>259</sup>. Tal comportamento desconsiderava a luta realizada na década anterior em prol da libertação da escravidão negra e antecipava a escravidão que se vivenciava nos seringais da Amazônia.

---

<sup>258</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *Libertação do Ceará* (queda da oligarquia Accioly). Ed. Fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001, p. 191.

<sup>259</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *Secas do Ceará* (segunda metade do século XIX). RJ: Imprensa Inglesa, 1922(b), p. 48.

Teófilo trabalha ainda a comparação entre a emigração para o sul e para o norte. Em sua compreensão, essa última tinha a preferéncia dos migrantes por ser feita há mais tempo e por ser conhecida pela sociedade cearense, que acompanhava seus desdobramentos na rotina da cidade e no meio familiar, levando Teófilo a afirmar que “não há família do Ceará que não tenha um e mais membros naquella opulenta região”<sup>260</sup>. A ida para o sul pode não ter atraído de maneira intensa a migração dos cearenses, uma vez que a maior distância física e maiores dificuldades de deslocamento poderiam prejudicar um retorno rápido. Nos termos de Sayad, a aceitação pelo indivíduo em colocar-se no papel de migrante faz-se apenas por almejar que a saída tenha em contrapartida um retorno, este sendo o mais breve possível<sup>261</sup>. Não se deve esquecer ainda que o processo migratório estabeleceu redes, ligando o lugar de origem ao lugar de chegada, por meio das relações de parentesco, criando uma “obrigação moral” de recém-chegados, mantendo assim ativo o fluxo de saídas e chegadas<sup>262</sup>.

Teófilo estabelece ainda uma relação segundo a qual o grande número de migrantes era diretamente ligado ao nível de desestruturação econômica e social vivida pelo Ceará, uma vez que a maioria da população não se colocaria em marcha ao desconhecido se não estivessem esgotadas todas as expectativas em seu local de origem. Para Teófilo, considerando o grande amor do povo à sua terra, a irracionalidade em se permitir a migração para fora do Ceará se justifica pelo interesse em retornar ao lar assim que se iniciavam as primeiras chuvas.

Em 1914, a intelectualidade cearense ainda repercutindo a queda do governo de Nogueira Accioly, Teófilo publicaria a obra *Libertação do Ceará*. Nesta obra procura realizar um relato sobre o governo de Accioly no Ceará, seus feitos e deméritos, e a maneira como este chegou ao fim. Ao observar os crimes de corrupção que caracterizaram as gestões de Accioly (1896-1900; 1904-1912), Teófilo destacou o caráter danoso da economia da borracha para a sociedade cearense. Primeiramente, ao ludibriar a opinião pública sobre a eficiência da gestão do governo, que acreditava que o crescimento econômico do estado foi obra de seus dirigentes, quando na realidade dependia diretamente do dinheiro trazido pelos migrantes e seus agenciadores, que faziam movimentar as atividades do comércio, levando Teófilo a realizar afirmações do tipo: “Em 1910 quando a borracha chegou a dar 16\$000 por kilo

---

<sup>260</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *Secas do Ceará* (segunda metade do século XIX). RJ: Imprensa Inglesa, 1922(b), p. 193.

<sup>261</sup> SAYAD, 1998, p. 57.

<sup>262</sup> Cf. AGUIAR, Keila de Sousa. “Quando é da família é melhor!”: família e casamento entre cearenses em Santarém – Pará. 2009. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

entraram para aqui cerca de trinta mil contos! Houve uma verdadeira pletora de dinheiro”<sup>263</sup>. Em consequência desse aumento de transações comerciais, houve um aumento na especulação imobiliária e comercial, gerando aumento nos gêneros de primeira necessidade, incidindo em sub-alimentação e sub-moradias, que seriam focos para novos surtos de doenças contagiosas.

A produção intelectual de Teófilo que aborda a temática da migração para a Amazônia continua na obra de *História da Seca de 1915*, em 1922. Neste livro Teófilo apresenta, de modo explícito, que o principal problema enfrentado pelo Ceará não está na seca, que é um fenômeno com certa constância e fartamente documentado (chegando a afirmar que o Ceará seria o único estado que tem sua história totalmente documentada), mas na postura dos poderes públicos que, inertes e sem patriotismo, sacrificam o bem público pelos interesses da politicagem. Como observa André Correia, o programa de sociedade idealizado por Teófilo calcava-se na necessidade do Estado forte e atuante na gestão dos assuntos da cidade, que se preocupasse em promover ações preventivas que pudessem diminuir os efeitos da seca sobre a natureza e a população cearense, tais como armazenamento de água e profilaxia de doenças<sup>264</sup>.

Um ponto chave nesta obra é sua reflexão sobre migração e povoamento da Amazônia.

Teófilo, uma vez mais, se posiciona criticamente contra a falta de assistência social junto às populações pobres, que desamparadas tornar-se-iam suscetíveis às ações publicitárias dos agentes de migração. Na compreensão de Teófilo, o governo do Estado, principalmente na gestão de Nogueira Accioly, era incompetente tanto pela omissão, quanto nas tentativas de barrar o processo migratório, visto o caso do imposto de imigração promulgado no ano de 1898. Para Teófilo, a proposta de um imposto sobre a migração simbolizava a explicitação da política de ganho com a migração, que não satisfeita em retrair-se da responsabilidade em amparar a população pobre, buscava monetizar seus sofrimentos, reatualizando o mercado negro de escravos e retirando-lhes a dignidade humana:

O governo do Estado não sentia tanta humilhação.  
Acurado por tão grande falta, procurou remediá-la fechando os portos à emigração pela cobrança do imposto de um conto e quinhentos mil réis de cada agenciador de emigrantes. Esse imposto absurdo e ilegal nada adiantou. Era um imposto de sangue. Era o mesmo que o imposto do gado bovino, pelo qual o Estado cobrava um tanto por cabeça, quando saía do Ceará. O

<sup>263</sup> TEÓFILO, 2001, p. 42.

<sup>264</sup> CORREIA, André Brayan Lima. “O Ceará é uma terra condenada mais pela tirania dos governos do que pela inclemência da natureza”: aspectos biopolíticos nas obras de Rodolfo Teófilo. 2016. Dissertação (Mestrado Acadêmico em História) – Mestrado Acadêmico em História, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016, p. 94.

agenciador de retirantes escolhia a flor dos nossos homens porque tinha de cada indivíduo novo e forte cem mil réis do Estado que o comissionava. Que lhe importava a ele pagar ao Ceará o imposto de um conto e quinhentos réis, se os seus lucros dariam para essa despeza, sobrando-lhe grande quantia?<sup>265</sup>

Quanto ao povoamento amazônico, Teófilo compreende que este se efetivou apenas pela presença maciça de cearenses, que por meio de sua coragem e resistência produziram riqueza do nada. Esta predisposição de migrar para a Amazônia estava relacionada à organização biológica capaz de resistir às moléstias da região e ao espírito fatalista que não os permitia sentir os perigos da morte.

Por falar em predisposição natural do cearense, em certa passagem da obra, Teófilo afirma que “O Ceará, de todos os Estados do Brasil, é talvez o único que pode ser conhecido e estudado através de seus livros. Ele já tem sua história escrita e sua literatura.”<sup>266</sup>. Rodolfo acaba por reforçar, uma vez mais, a força do cearense, não apenas restrita ao caráter físico, mas também à capacidade cognitiva de sua intelectualidade. Sendo um defensor do determinismo biológico, pode-se inferir que Teófilo quis deixar explícito que os trabalhos produzidos por ele próprio e pelos demais pares tinham condições de competir ou superar aqueles produzidos em outras regiões, uma vez que o papel atribuído às camadas letradas nacionais de forjar a história e a literatura locais<sup>267</sup> havia sido completado no Ceará, muito pelo esforço e empenho locais, a despeito da falta de apoio do governo central<sup>268</sup>. Esta não deixava de ser uma crítica à falta de penetração que sua obra teve nos círculos letrados do centro-sul, uma vez que mesmo tendo produzido em profusão sobre o problema das secas, não recebeu qualquer menção, em comparação ao estrondoso sucesso da obra *Os Sertões* de Euclides da Cunha. *O Paroara* mesmo só tinha sido divulgado na Capital Federal graças a uma resenha do crítico André Beaunier no jornal *O Fígaro*, levando-o a reflexão nesses termos: “Note-se que havia mais de dez anos que “O Paroara” tinha sido publicado e agora é que a imprensa do Rio noticiava a existência dele e achava o livro bom, porque o francês havia achado”<sup>269</sup>.

Nota-se na escrita de *A seca de 1915*, a manutenção, por parte de Teófilo, das principais ideias desenvolvidas pelo autor em seus trabalhos anteriores, sejam aqueles de matriz mais historiográficos, sejam em sua prosa de ficção. Todavia, Teófilo apresenta, neste

<sup>265</sup> TEÓFILO, 1980, p. 39.

<sup>266</sup> *Ibid.*, p. 74.

<sup>267</sup> Cf. OLIVEIRA, Almir Leal de, 2002.

<sup>268</sup> Cf. MOREIRA, 2016.

<sup>269</sup> TEÓFILO, 1924, p. 6.

livro, uma mudança de pensamento significativa com relação à validade da migração para a Amazônia. Enquanto em obras anteriores opunha-se fortemente ao movimento migratório, inclusive levando-o a conceber *O Paroara* como instrumento de combate a esta migração, em *A seca de 1915* afirma ser a migração a única possibilidade de sobrevivência para as populações pobres do Ceará, visto estarem constantemente desamparadas pelas elites políticas local e nacional, incapazes de atuar efetivamente para solucionar os problemas advindos das secas:

Eu havia sido inimigo da emigração e tão inimigo, que escrevi um livro – O Paroara –, no qual combatia a emigração como grande desgraça. Naquele tempo eu era ainda um crente e tinha a infantilidade de pensar que poderíamos ter governos que tomassem a sério o problema das secas.

Mudei de pensar em vista dos fatos.

As medidas tomadas pelo Presidente da República, até agora, têm sido tardias e incompletas.<sup>270</sup>

O tempo que separa a publicação de *O Paroara* e *A seca de 1915* acompanhou o crescente descrédito de Teófilo com os rumos tomados pelos governos republicanos, que falharam na instalação de políticas públicas que permitissem ao Ceará e ao país atingir certo nível de progresso material e intelectual. O povo pobre, independente do regime de governo, continuava entregue à própria sorte.

---

<sup>270</sup> TEÓFILO, 1980, p. 68.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na dimensão deste trabalho, estabelecer uma reflexão quanto à representação literária sobre a migração é uma tentativa de compreender como o fenômeno migratório, numa situação extrema de luta pela vida, pode ser percebido e sentido por segmentos letrados e cidadãos, sobretudo quando o migrante está inscrito na posição de outro (por um lado, analfabeto e ignorante, e por outro, forte e destemido), e contribui para a forja das identidades intelectuais e coletivas. Esta condição relacional dos intelectuais chama a atenção para o papel exercido pelas sociabilidades, da constituição de vínculos, sejam eles familiares ou sociais, para efetivação da produção e vivência intelectual. Teófilo buscou constantemente participar de instituições de saber que o legitimassem como detentor de um discurso competente para falar sobre seu tempo e seu lugar.

Apesar de Teófilo destacar os esforços empreendidos por homens e mulheres pobres na transformação de sua condição material, a produção literária da última década do século XIX, destacada pelos romances *A Fome* e *O Paroara*, devido ao conjunto de leituras deterministas e evolucionistas nas quais se baseava, acabou por construir uma visão reducionista do sujeito migrante, que dependia da ação tutelar do Estado e que sofria pela ação ilusória de mercadores gananciosos. O arrependimento apresentado pelos migrantes, marca de uma conscientização tardia do erro cometido, na visão moralizante de Teófilo, não passava sem uma punição exemplar, que mostrasse o impacto desestruturador da natureza amazônica sobre a vida cearense. Deste modo, poderia confirmar sua tese de que por quaisquer motivos que existissem para a evasão, permanecer no Ceará, fosse no aspecto material, fosse no aspecto das afetividades, era a melhor alternativa.

Como os demais intelectuais de sua geração, Teófilo apresentou uma vinculação dúbia em relação ao povo, uma vez que precisava considerá-lo na construção das identidades nacionais e regionais. Das mazelas que o atingem, o intelectual se aproxima dele, mas, por considerá-lo inferior intelectualmente e ser membro de um mundo de crendices, afasta-se. Contudo, este mesmo “indivíduo atrasado” traz um conjunto de comportamentos e valores, que a “sociedade civilizada” perverteu, e que é visto pelo escritor como fundamental para a vida coletiva. Neste jogo de idas e vindas, está marcada a condição desse intelectual “de não estar de todo”<sup>271</sup> junto a seu país e seus conterrâneos.

---

<sup>271</sup> SUSSEKIND, 1990.

## REFERÊNCIAS

### FONTES

#### 1 Obras

##### 1.1 Produção de Rodolfo Teófilo

- TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002.
- \_\_\_\_\_. *A Seca de 1915*. Fortaleza: Edições UFC, 1980.
- \_\_\_\_\_. *História da Seca do Ceará (1877 a 1880)*. Fortaleza: Tipografia do Libertador, 1883.
- \_\_\_\_\_. *Libertação do Ceará* (queda da oligarquia Acioly). Ed. Fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001.
- \_\_\_\_\_. *O caixeiro* (reminiscências). Ed. Fac-sim. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.
- \_\_\_\_\_. *O Paroara*: romance. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social, 1974.
- \_\_\_\_\_. *O Reino do Kiato*: no país da verdade. São Paulo: Monteiro Lobato, 1922(a).
- \_\_\_\_\_. *Os meus zoilos*. Fortaleza: Comercial, 1924.
- \_\_\_\_\_. *Scenas e Typos*. Ed. Fac-sim. Biblioteca Básica Cearense. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Secas do Ceará* (segunda metade do século XIX). RJ: Imprensa Inglesa, 1922(b).
- \_\_\_\_\_. *Variola e Vacinação no Ceará*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Violência* (Liceu do Ceará). Ed. Fac-sim. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2005.

##### 1.2 Demais obras do período

- ALMANACH Estatístico, Administrativo, Industrial e Literário do Estado do Ceará para o ano de 1922*. 100º da Independência do Brasil. Fortaleza: Typ. Gadelha, 1922.
- BEZERRA, Antônio. *O Ceará e os cearenses*. Edição fac-sim. – Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001. [1ª ed. 1906]
- CAMINHA, Adolfo. *Cartas Literárias*. Fortaleza: UFC, 1999.
- CUNHA, Euclides da. *Obras Completas*. Vol.1. Afrânio Coutinho (org.). Rio de Janeiro: José Aguillar, 1966.
- GODINHO, Victor; LINDENBERG, Adolfo. *Norte do Brazil: Através do Amazonas, do Pará e do Maranhão*. RJ; SP: Laemmert Editores, 1906.
- MOURA, Inácio Batista de. *De Belém a São João do Araguaia*. Rio de Janeiro: Garnier, 1910.
- PIMENTA, Joaquim. *Retalhos do Passado* (Tauá-Fortaleza). Ed fac-sim. Fortaleza: FWA, 2009.
- STUDART, Guilherme. *Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense*. Vol. 3. Fortaleza: TipoLitografia a Vapor, 1915.

## 2 Periódicos

### 2.1 Impressos

*A Quinzena* (CE). Propriedade do Club Litterario. Ed. Fac-sim. Fortaleza: ACL; BNB, 1984. [Data-Limite: 1887-1888].

*Fortaleza: Revista Litteraria, Filosofica, Scientifica e Comercial* (CE). Ed. Fac-sim. Biblioteca Básica Cearense. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2009. [Data-Limite: 1906-1907 (numº 1-12)].

*O Pão* (CE). Intr. Sânzio de Azevedo. Ed. Fac-sim. Fortaleza: Academia Cearense de Letras; Edições UFC, 1982. [Data-Limite: 1892 (numº 1 a 5); 1895-1896 (numº 7-36)].

### 2.2 Digitalizados

*ALMANAQUE do Ceará*. Fortaleza, 1900, ed. 7, pp. 203-206. (Datas Chronologicas).

*ALMANAQUE do Garnier*. RJ, 1908, ed. 9, pp. 94-102. (Notas sobre o Acre).

\_\_\_\_\_. RJ, 1912, ed. 15, p. 334-339. (Aspecto da Amazônia).

\_\_\_\_\_. RJ, 1914, ed. 17, p. 108-114. (A Borracha).

*ALTO Purus*. Sena Madureira, 29 agosto de 1915, ed. 359, col. 3-4, p. 1. (Ceará – A seca de 1915).

*CIDADE do Rio*. RJ, 23 de agosto de 1890, ed. 191, col. 3, p. 2. (Correio dos Estados – Assalto de índios).

\_\_\_\_\_. RJ, 14 de novembro de 1901, ed. 41, col. 1-2, p. 1. (Os índios no Amazonas).

*CORREIO do Amazonas*. Manaus, 26 de julho de 1899, ed. 517, col. 1-3, p. 1. (O Paroara).

\_\_\_\_\_. 30 de outubro de 1909, ed. 269, col. 5, p. 1. (Voluntário do Norte).

*CORREIO Paulistano*. SP, 10 de dezembro de 1899, ed. 13029, col. 3-4, p. 1. (A propósito).

\_\_\_\_\_. SP, 17 de janeiro de 1900, ed. 13066, col. 3, p. 1. (A propósito).

*CORREIO do Purus*. Lábrea, 12 de maio de 1910, ed. 38, col. 1, p. 2. (Carta do Ceará).

*DIÁRIO da Manhã*. Fortaleza, 22 de outubro de 1929, ed. 3, col. 1-2, p. 6. (Romance Yara).

*DIÁRIO de São Luiz*. São Luiz, 14 de fevereiro de 1917, ed. 38, col. 1, p. 4. (Capitão Manuel Eufrasio dos Santos Dias).

*IMPARCIAL*. Manaus, 3 de setembro de 1918, ano 1, p.1. (Fome)

*GAZETA da Tarde*. RJ, 4 de maio de 1881, ed. 78, col. 4, p. 2. (Os carajás).

*GAZETA de Petrópolis*. Petrópolis, 15 de janeiro de 1896, ed. 5, col. 4, p. 1. (O caucho).

*JORNAL do Comércio*. Manaus, 1898-1908.

*KOSMOS*. RJ, 1904, ed. 2, p. 7-15. (Território do Acre).

*MUNICÍPIO (O)*. Vila Seabra, 31 de outubro de 1915, ed. 243, col. 3, p. 3. (Ceará).

*NOTÍCIA (A)*. RJ, 3 de dezembro de 1897, ed. 290, col. 4, p. 3. (Os Estados - Ceará).

\_\_\_\_\_. RJ, 17 de novembro de 1898, ed. 280, col. 5-6, p. 2. (Os Estados - Amazonas).

\_\_\_\_\_. RJ, 12 de fevereiro de 1909, ed. 36, col. 1-2, p. 3. (Impressões da Amazônia – chegada a Manaus).

\_\_\_\_\_. RJ, 22 de setembro de 1910, ed. 224, col. 4, p. 3. (A borracha brasileira).

\_\_\_\_\_. RJ, 21 de fevereiro de 1911, ed. 44, col. 1-2, p. 3. (A indústria da borracha no Brasil).

*PACOTILHA*. São Luiz, 23 de fevereiro de 1898, ed. 46, col. 3, p. 2. (De Manos).

\_\_\_\_\_. São Luiz, 08 de fevereiro de 1904, ed. 32, col. 2-3, p. 1. (As questões comerciais).

*PARÁ (O)*. Belém, 22 de novembro de 1899, ed. 592, col. 1-3, p. 2. (O Paroara I).

\_\_\_\_\_. Belém, 27 de novembro de 1899, ed. 596, col. 2-3, p. 2. (O Paroara II).

\_\_\_\_\_. Belém, 28 de novembro de 1899, ed. 598, col. 3, p. 2. (O Paroara III).

*REPÚBLICA (A)*. Fortaleza, 1898-1909. (Ano VII-XVIII).

*REVISTA da Academia Cearense de Letras*. Fortaleza: Typographia Universal. T. XIII; 1908. (O problema do Norte).

*REVISTA Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Tomo LIII. Parte II (3º e 4º trimestres). Rio de Janeiro: Typographia Laemmert, 1890.

*SÉCULO (O)*. RJ, 26 de julho de 1907, ed. 289, col. 4, p. 1. (Inferno Verde).

\_\_\_\_\_. RJ, 10 de janeiro de 1908, ed. 418, col. 4, p. 3. (Caiu e morreu).

\_\_\_\_\_. RJ, 13 de janeiro de 1908, ed. 420, col. 1, p. 3. (Assassinato no Rio Javary).

\_\_\_\_\_. RJ, 21 de janeiro de 1908, ed. 427, col. 4, p. 3. (Uma operação estupenda).

\_\_\_\_\_. RJ, 03 de setembro de 1908, ed. 619, col. 3-4, p. 3. (Drama de sangue).

\_\_\_\_\_. RJ, 09 de fevereiro de 1909, ed. 753, col. 3-4, p. 1. (A crise do Norte).

\_\_\_\_\_. RJ, 26 de março de 1909, ed. 791, col. 5, p. 2. (A borracha).

\_\_\_\_\_. RJ, 12 de agosto de 1909, ed. 910, col. 5-6, p. 2. (A borracha do Pará).

\_\_\_\_\_. RJ, 22 de janeiro de 1914, ed. 2282, col. 1, p. 1. (A política do gaúcho na Amazônia).

\_\_\_\_\_. RJ, 17 de novembro de 1915, ed. 3539, col. 5, p. 3. (Um ataque de índios no Madeira).

*TRABUCO (O)*. Fortaleza, ed. 1, col. 1, p. 4. (sem título).

### **3 Documentos Institucionais – Mensagem do Presidente de Estado**

Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa do Ceará. [Data-Limite: Antônio Pinto Nogueira Accioly (1898-1900); Pedro Augusto Borges (1901-1904); Antônio Pinto Nogueira Accioly (1905-1909)].

Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa do Pará. [Data-Limite: Paes de Carvalho (1898-1901); Augusto Montenegro (1902-1908); João Antônio Luiz Coelho (1909)].

Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa do Amazonas. [Data-Limite: 1898-1908].

#### 4 Correspondências

Correspondência Ativa de Euclides da Cunha. [Data Limite: 14/jul/1890 – 12/ago/1909]. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Osvaldo. *Correspondência de Euclides da Cunha*. SP: EDUSP, 1997.

#### BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Keila de Sousa. “*Quando é da família é melhor!*”: família e casamento entre cearenses em Santarém – Pará. 2009. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

ALENCAR, Manoel Carlos Fonseca. *Adolfo Caminha e Rodolfo Teófilo: a cidade e o campo na literatura cearense*. 2002. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.

ALMEIDA, Gildênia Moura de Araújo. *A fome [manuscrito]: um romance do naturalismo?* Dissertação (Mestrado em Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

AMORY, Frederic. *Euclides da Cunha: Uma Odisseia nos Trópicos*. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

AZEVEDO, Sânzio de. *Aspectos da literatura cearense*. Fortaleza: Edições UFC, 1982.

BARAÚNA, Silvia Maria Quintino. *Condições sociais de migrantes em Manaus, 1920-1945*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.

BARBOSA, Ivone. *Sertão um Lugar Incomum: O sertão do Ceará na literatura do século XIX*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.

BARBOZA, Edson Holanda Lima. *A hidra cearense: rotas de retirantes e escravizados entre o Ceará e as fronteiras do Norte*. 2013. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

BARREIRA, Dolor. *História da Literatura Cearense*. 2º Tomo. Ed. Fac-sim. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1986.

BERNUCCI, Leopoldo. *Paraíso Suspeito: a voragem amazônica*. São Paulo: USP, 2017.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estruturação do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BRAGA NETO, Edgar. *Emigração cearense entre 1888 e 1915: sentidos, controle e configuração social dos migrantes*. 2012. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

CÂNDIDO, Antonio. *Iniciação à Literatura Brasileira*. 3ª ed. São Paulo: Humanitas, 1999.

\_\_\_\_\_. *Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

\_\_\_\_\_. *O Discurso e a cidade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

CARDOSO, Antônio Alexandre Isídio. *Nem sina, nem acaso: a tessitura das migrações entre a Província do Ceará e o território amazônico*. 2011. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

CARDOSO, Gleudson Passos. “*Bardos da canalha, quaresma de desalentos*”. Produção literária de trabalhadores em Fortaleza na Primeira República. 2009. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: A elite imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2013.

CORMINEIRO, Olivia Macedo Miranda. Dos Abismos: imaginação e tradição na tessitura da narrativa sobre os rios Araguaia e Tocantins em Ignácio Baptista de Moura e J. A. Leite Moraes. *Fênix: Revista de História e Estudos Culturais*, vol. 12, nº 1, p. 1-27, jan-jun. de 2015.

CORREIA, André Brayan Lima. “*O Ceará é uma terra condenada mais pela tirania dos governos do que pela inclemência da natureza*”: aspectos biopolíticos nas obras de Rodolfo Teófilo. 2016. Dissertação (Mestrado Acadêmico em História) – Mestrado Acadêmico em História, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

COSTA, Francisco Pereira. *Seringueiros, Patrões e a Justiça no Acre Federal, 1904-1908*. 2002. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

COSTA, Hilton. *Horizontes Raciais: a ideia de raça no pensamento social brasileiro – 1880-1920*. 2004. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

COSTA, Maria Clélia Lustosa. A cidade e o pensamento médico: uma leitura do espaço urbano. *Mercator: Revista de Geografia da UFC*, Fortaleza, ano 01, número 02, pp. 61-69, 2002.

DE DECCA, Edgar. Quaresma: um relato de um massacre republicano. *Anos 90*, Porto Alegre, nº 8, pp. 45-61, dezembro de 1997.

- EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ELIAS, Norbert. *Mozart: sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- FEITOSA, Orange Matos. *À sombra dos seringais: militares e civis na construção da ordem republicana no Amazonas (1910-1924)*. 2015. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- FONTANA, Josep. *A história dos homens*. São Paulo: EDUSP, 2004.
- FONTES, Edilza. A batalha da borracha, a imigração nordestina e o seringueiro: a relação história e natureza. In: NEVES, Fernando Artur de Freitas (org.). *Faces da Amazônia*. Belém: Paka-Tatu, 2006, pp. 227-258.
- FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. 22ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.
- GEREMEK, Bronislaw. *Os filhos de Caim: vagabundos e miseráveis na literatura europeia (1400-1700)*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- GINZBURG, Jaime. Euclides da Cunha, a Amazônia e a barbárie. *Estudos Avançados*, São Paulo, vol. 24, nº 69, p. 411-416, 2010.
- GUILLEN, Isabel. *Errantes da Selva: histórias da migração nordestina para a Amazônia*. 1999. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.
- HARDMAN, Francisco Foot. *A vingança da Hiléia: a Amazônia e a literatura moderna*. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.
- HARTOG, François. A testemunha e o historiador. *Evidência da História: o que os historiadores vêem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, pp. 203-228.
- LACERDA, Franciane Gama. *Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889-1916)*. 2006. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, 2006.
- LANDIM, Teoberto. *Seca - a estação do inferno: uma breve análise dos romances que tematizam a seca na perspectiva do narrador*. Fortaleza: UFC, 2005.
- LAPA, José Roberto do Amaral. *Os excluídos: contribuição à história da pobreza no Brasil (1850-1930)*. São Paulo: EDUSP; UNICAMP Editora, 2008.
- LEAL, Davi Avelino. *Entre barracões, varadouros e tapiris: os seringueiros e as relações de poder nos seringais do Rio Madeira (1880-1930)*. 2007. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2007.

LEONARDI, Victor. *Entre árvores e esquecimentos: história social dos sertões no Brasil*. Brasília: Paralelo 15, 1996.

LOPES, Fábio Henrique. *Suicídio e Saber médico: estratégias históricas de domínio, controle e intervenção no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

MARQUES, Rodrigo de Albuquerque. *A nação vai à província: do romantismo ao modernismo no Ceará*. 2016. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

MONTENEGRO, João Alfredo. Rodolfo Teófilo – Pensamento e Ação. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, pp. 193-203, 1996.

MORALES, Lúcia Arraes. *Vai e vem, vira e volta: as rotas dos soldados da borracha*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2002.

MOREIRA, Paulo Ítalo. *As viagens naturalistas de Antônio Bezerra de Menezes e as Ciências Naturais no Ceará na segunda metade do século XIX*. 2016. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

NETO, Lira. *O poder e a peste: a vida de Rodolfo Teófilo*. 2ª ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2001.

NEVES, Frederico de Castro. *A Multidão e a História: saques e outras ações de massa no Ceará*. Relume Dumará, Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.

NEVES, Gilson Pereira. *Machado de Assis e o mito antisemita: a genealogia como contraponto crítico ao estereótipo do judeu em Papéis Avulsos*. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2011.

OLIVEIRA, Almir Leal de. *Saber e Poder: o pensamento social cearense no final do século XIX*. 1998. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998.

\_\_\_\_\_. Universo Letrado em Fortaleza na década de 1870. In: SOUZA, Simone; NEVES, Frederico de Castro (orgs.). *Intelectuais*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002, pp. 15-40.

OLIVEIRA, Caterina de Saboya. *Fortaleza: seis romances, seis visões*. Fortaleza: UFC, 2000.

OLIVEIRA, Erivonaldo Nunes de. *A imigração nordestina na imprensa manauara (1877-1917)*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.

OLIVER, Nelson. *Todos os nomes do mundo: origem, significado e variantes de mais de 6.000 nomes próprios*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 5ª ed. SP: Brasiliense, 1994.

PAIVA, M. P. Os naturalistas e o Ceará V – Rodolpho Marcos Teóphilo (1853-1932). *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, vol. 113, pp. 9-33, 1999.

PEREIRA, Leonardo A. de M. Literatura e História Social: A “geração boêmia” no Rio de Janeiro do fim do Império. *História Social*, Rio de Janeiro, nº 1, pp. 29-64, 1994.

PINHEIRO, Charles Ribeiro. *Rodolpho Theophilo: a construção de um romancista*. 2011. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

PONTES, Carlos José de Faria. O primeiro ciclo da borracha no Acre: da formação dos seringais ao grande colapso. *South American Journal of Basic Education, Technical and Technological*, Rio Branco, vol.1, num.1, pp. 107-123, 2014.

PONTES, Kassius. *Euclides da Cunha, o Itamaraty e a Amazônia*. 2005. Dissertação (Mestrado em Diplomacia) – Instituto Rio Branco, Brasília, 2005.

PRADO, Maria Ligia; CAPELATO, Maria Helena. A borracha na economia brasileira da Primeira República. In: FAUSTO, Boris (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. Vol. 8. São Paulo: Difel, 1977, pp. 285-307.

PRADO JÚNIOR, Caio. *História Econômica do Brasil*. 35ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

RABELLO, Sylvio. *Euclides da Cunha*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A poeira do passado: tempo, saudade e cultura material*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

\_\_\_\_\_. Rodolpho Theophilo e Capistrano de Abreu: algumas memórias no Museu do Ceará. *Trajeto: Revista de História UFC*, vol. 3, nº 5, pp. 79-99, 2004.

RAPPORT, Nigel. Em louvor do cosmopolitismo irônico: nacionalismo, o “judeu errante” e a cidade pós-nacional. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 45, nº 1, pp. 89-130, 2002.

RIBEIRO, F. L. *Febre na selva: a Amazônia na interpretação de Euclides da Cunha*. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Franca, 2007.

SANCHES, Rafaela Mendes Mano. As apropriações da literatura antissemita no romance *As minas de prata*, de José de Alencar: o povo judeu no processo identitário da nação. *Revista Entrelaces*, ano VI, nº 7, p. 8-30, jan-jun. 2016.

SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. *História Econômica da Amazônia (1800-1920)*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. Prefácio de Pierre Bourdieu; Tradução de Cristina Murachco. São Paulo: EDUSP, 1991.

SCHWARZ, Lilia. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: companhia das Letras, 1993.

SECRETO, Verónica. Ceará, a fábrica de trabalhadores: Emigração subsidiada no final do Século XIX. *Trajeto*: Revista de História UFC, Fortaleza, vol. 2, nº 4, pp. 47-65, 2003.

\_\_\_\_\_. *Soldados da borracha: trabalhadores entre o sertão e a Amazônia no governo Vargas*. São Paulo: Perseu Abramo, 2007.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SILVA, Francisco Bento da. *Acre, a “pátria dos proscritos”*: prisões e desterramentos para as regiões do Acre em 1904 e 1910. 2010. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

SILVA, Ozângela de Arruda. *Pelas rotas dos livros: circulação de romances e conexões comerciais em Fortaleza (1870-1891)*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011.

SOMBRA, Waldy. *Rodolfo Teófilo: o varão benemérito da Pátria*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 1997.

SOUZA, Márcio. Literatura na Amazônia ou literatura amazônica? *Sentidos da Cultura*, Belém, UEPA, vol. 1, nº 1, 2014.

SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. SP: Cia das Letras, 1990.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

VALE NETO, Isac Ferreira do. *Batalhas da memória: a escrita militante de Rodolfo Teófilo*. 2004. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil (1870-1914)*. SP: Cia das Letras, 1991.

WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. 2ª reimpressão. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

WEINSTEIN, Bárbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920*. São Paulo: HUCITEC, 1993.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.